

SYLVIA MERCEDES



CROWN OF NIGHTMARES

THE VENATRIX CHRONICLES BOOK 7



Avisos

A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO
A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA,
INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA
DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO
DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM,
AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS E CONTRATUAIS
DE AUTORES E EDITORAS,
O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO E SUSPENDER
O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZE PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUA LIVROS
FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK
E CANAIS ABERTOS COMO OS DO TELEGRAM.

NÃO MENCIONE NOSSAS TRADUÇÕES EM REDES ABERTAS,
TAIS COMO: TIK TOK E INSTAGRAM.

NUNCA FALE SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS
POR NÓS PARA AUTORES (AS),
DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIE SEMPRE QUE PUDER OS AUTORES
COMPRANDO SEUS LIVROS,
AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?

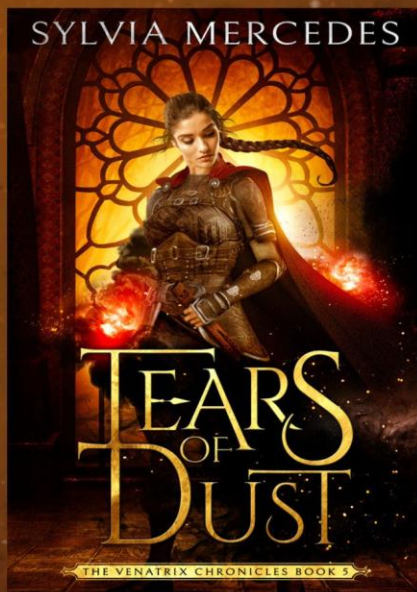
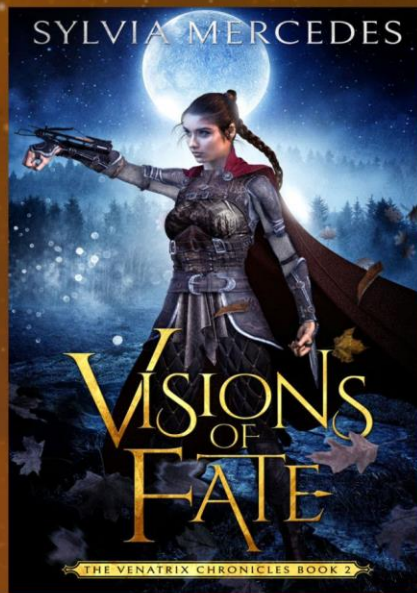
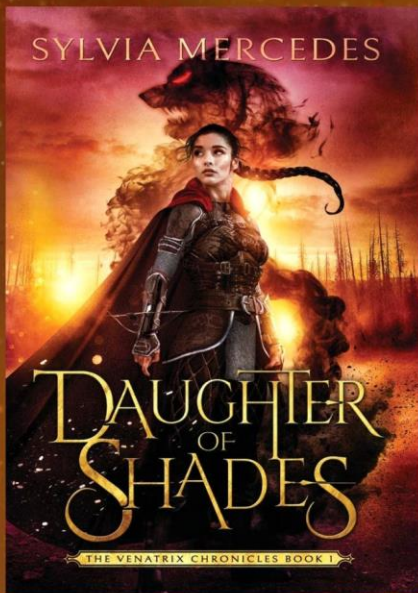


DOSSINGS



THE VENATRIX CHRONICLES

ORDEM DE LEITURA



SUMÁRIO

Sinopse

Glossário de Terminologia

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Epílogo

SINOPSE

Quem vai viver?

Quem vai morrer?

Quem será mudado... para todo sempre?

Separada dos evanderianos, Ayleth se encontra sozinha na malévola Floresta da Bruxa.

Ou talvez não totalmente sozinha...

Confrontada com a realidade de sua avó viva, Ayleth logo descobre que os horrores uma vez atribuídos ao nome e à lenda de Terrível Odile podem não ser inteiramente verdadeiros. Mas qual é a verdade? Poderia a infame Rainha Bruxa ser uma lutadora pela liberdade proporcionando esperança para aqueles oprimidos sob a lei de Santo Evander? Ela é a família amorosa que Ayleth pensou ter perdido para sempre? Ou ela é a maior ameaça que o mundo já conheceu?

Enquanto lutam para salvar seus entes queridos, Ayleth, Terryn e Gerard devem enfrentar as mentiras que influenciaram suas vidas desde a infância. A batalha final está sobre eles, e as decisões que tomarem irão moldar o curso do destino.

THE VENATRIX CHRONICLES

KINGDOM
OF
TERINION

Skada Mountains

Drauvall Borough

Aalis River

Castra Breca

Wodechran Borough

Sang River

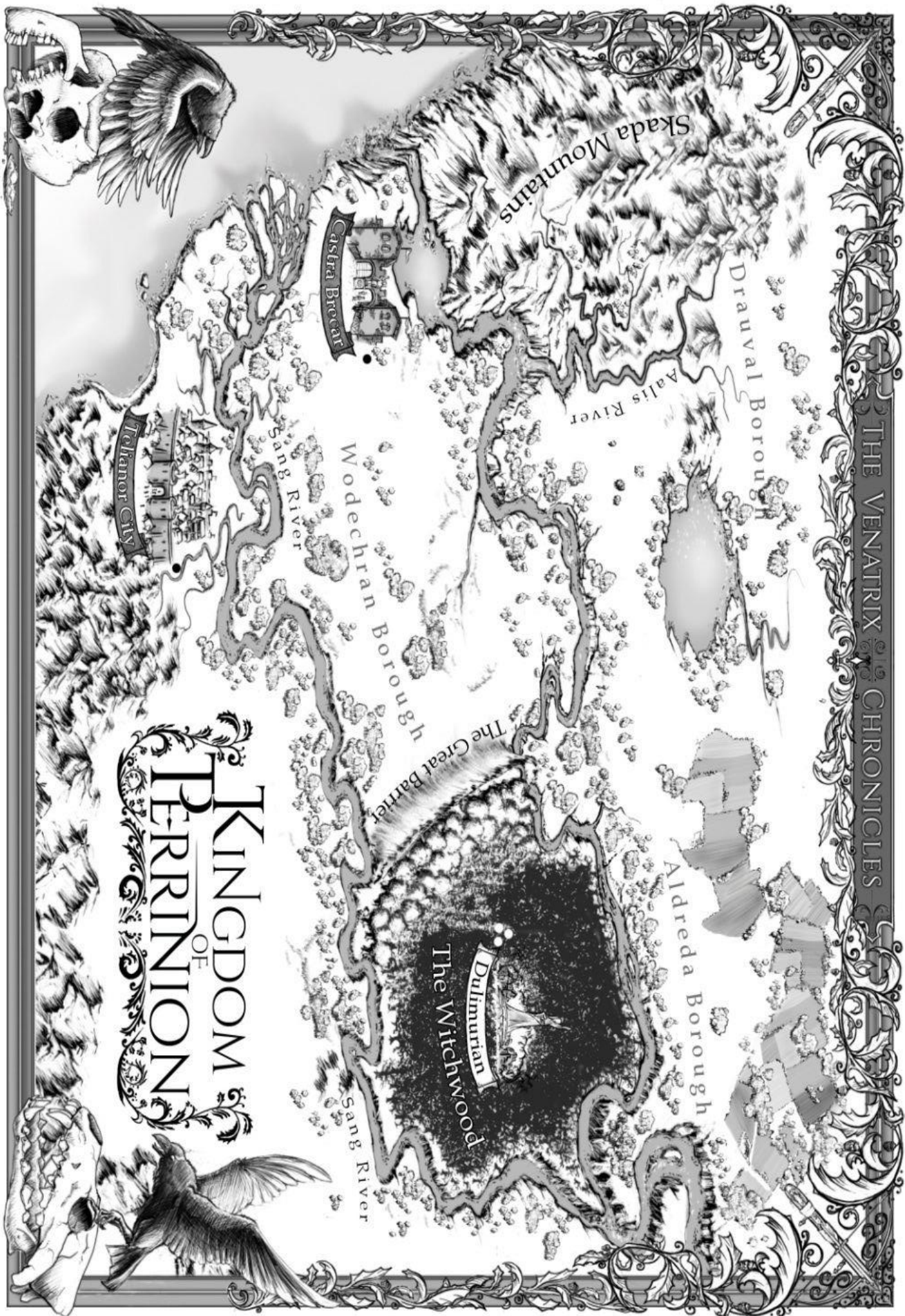
Telamor City

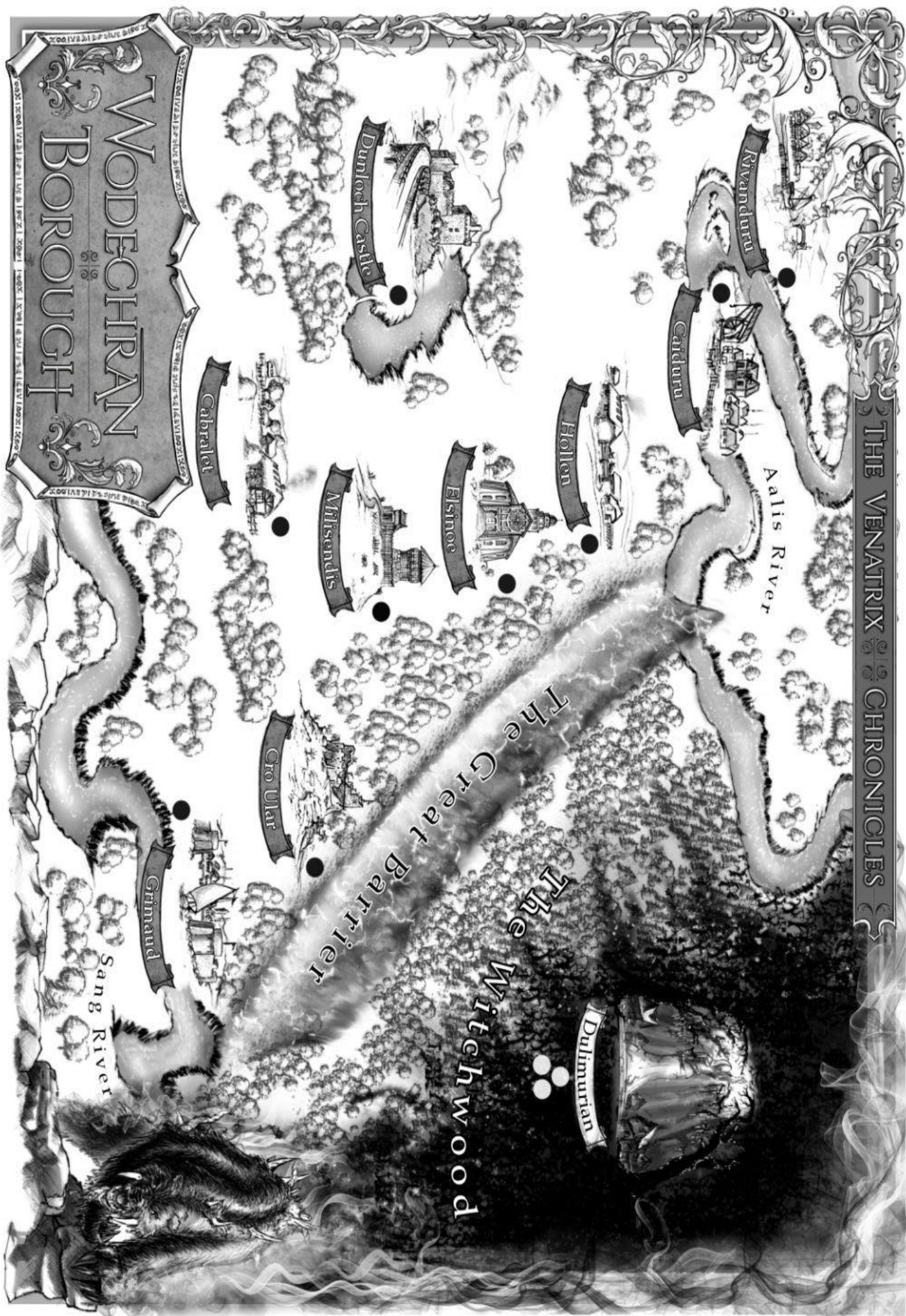
The Great Barrier

Aldreda Borough

Dulmurian
The Witchwood

Sang River





WODECHRAN
BOROUGH

Alis River

Rivanduru

Caiduru

Hollen

Elsinoe

Milsendis

Cro Ular

Gimaud

Sang River

Dunloch Castle

Cabralet

The Great Barrier

The Witchwood

Dulimurian

GLOSSÁRIO DE TERMINOLOGIA

Sombras: Seres espirituais desencarnados que escaparam de sua dimensão infernal – os Assombrados - e entraram no mundo mortal. Eles não podem existir em uma realidade física sem hospedeiros mortais, a quem possuem e dotam de poderes não naturais. Se não forem controlados, eles ganharão ascendência dentro de um corpo hospedeiro e expulsarão a alma original, tomando posse total.

A seguir estão as variedades conhecidas de tonalidades, conforme catalogadas pela Ordem de Santo Evander:

ANATHEMAS

Habilidades pertencem ao sangue e lançamento de maldições.

APARIÇÕES

Habilidades pertencem ao controle e manipulação da mente.

ARCANES

Entidades misteriosas com habilidades não totalmente compreendidas, mas que parecem pertencer a energias como calor, movimento, luz, magnetismo e eletricidade.

ELEMENTARES

As habilidades pertencem aos elementos naturais do vento, fogo, água e terra.

EVANESCER

As habilidades pertencem à *evanescência*, ou viagem de distância instantânea.

FERAIS

Habilidades referem-se a sentidos aguçados, força aumentada e agilidade.

LURES

As habilidades referem-se a vozes encantadoras e cantos de sereias.

VISTORES

As habilidades pertencem a visões, previsões e adivinhação. Também pode olhar para o passado.

SHIFTERS

Habilidades pertencem à transformação temporária de corpos hospedeiros.

TRANSMUTADORES

Habilidades dizem respeito à transformação e manipulação de substâncias materiais.

PRÓLOGO

Cerine estava nas ameias da torre mais alta do Castelo Dunloch. Os ventos do inverno açoitavam o tecido fino de seu vestido, esfaqueando sua pele, pois ela havia se esquecido de usar uma capa quando subiu mancando as escadas da torre e assumiu esta guarda solitária de cima. No entanto, ela mal sentia o frio.

Seu olhar estava fixo na Floresta da Bruxa, uma mancha escura no horizonte leste.

Ela assumiu esta posição há várias horas agora, enquanto o sol ainda estava alto. Estava começando a ficar para trás agora. Logo a noite cobriria a terra. Mas a escuridão pairando no horizonte distante não tinha nada a ver com o anoitecer. Ela havia se espalhado ao longo do dia, mesmo quando o sol estava em seu ponto mais alto no céu. Ela se espalhou pela zona rural de Wodechran Borough, um lento movimento no início, agora uma inundação. Através dessa escuridão, Cerine observou um brilho azul como uma fogueira de um farol cortando a tempestade, alertando sobre um desastre à frente. No entanto, de alguma forma sua alma se sentia atraída por aquele brilho, em vez de repelida por ele. Talvez o desastre fosse seu destino.

O destino de todos em Perrinion.

Ela estremeceu repentinamente com um toque frio em sua mão e olhou para o rosto redondo e doce de Nilly du Bucheron. A criança havia subido as escadas da torre com passos silenciosos e agora enfiava os dedinhos nos de Cerine, segurando com força. Uma luz estranha brilhou nos olhos da criança, o único sinal físico do espírito inato habitando dentro dela.

A garganta de Cerine apertou, mas ela apertou a mão de Nilly suavemente. — Diga-me... — disse ela. — Você consegue ver o fim? Você pode ver o que esta noite trará?

Ela não fez a pergunta que ela desejava fazer para a pequena Vidente, a pergunta que queimava em sua língua, queimava em seu coração. Falar em voz alta seria ceder ao seu medo, o que ela não poderia fazer. Agora não. Não enquanto ela ainda respirasse.

Nilly se afastou de Cerine, olhando para o lago sagrado congelado, para as florestas e campos de Wodechran Borough, mas vendo muito além. Sem dúvida, sua visão sombria ia muito além dos limites da visão mortal de Cerine. Mas ela não disse nada. Ela não ofereceu nenhuma profecia, não concedeu nenhuma visão.

Em vez disso, ela se inclinou para o lado de Cerine e enterrou o rostinho nas dobras da saia.

Cerine sufocou o soluço que crescia em sua garganta e envolveu a garota, grata naquele momento por este corpo pequeno e trêmulo. Nilly pode possuir poderes além da imaginação mortal. Mas agora ela precisava da força de Cerine. E Cerine poderia ser forte para os outros se ela tivesse que ser. Mesmo quando ela não conseguia ser forte para si mesma.

Sua mão esquerda se fechou em um punho, esmagando o pergaminho que segurava. A carta fechada. Carta de Gerard. Seus lábios se moveram, formando as palavras de uma canção de oração, sussurrando-as ao vento de inverno.

— *Cabeça tenha misericórdia. Coração tenha compaixão. Alma tenha piedade.*

O pôr do sol. A sombra caiu sobre a terra, aliviada nem pelas estrelas, nem pela lua, nem por corpos celestes. Apenas aquele brilho azul distante no horizonte oriental.

CAPÍTULO 1

Ayleth se jogou contra a parede com tanta força que perdeu o fôlego dos pulmões. O ar explodiu de sua boca em uma grande rajada, agitando o oblivilis na frente de seu rosto. As partículas escuras brilharam como faíscas voadoras.

Pedras eram afiadas contra suas omoplatas, cada bloco cortado como uma grande gema facetada. O beco em que ela se enfiou estava escuro como breu, e se ela estivesse limitada à visão mortal, estaria completamente cega.

Mas este não era um mundo real. As regras da realidade não se aplicavam aqui.

As bordas de seu corpo embaçaram, se transformaram, tentando se desintegrar. Era apenas uma imagem mental, uma projeção criada por sua mente para dar-se substância neste sonho. Ela sabia que nada disso era real, mas o conhecimento não tornava o ambiente menos vívido, menos convincente.

Reunindo coragem, ela se inclinou para espiar do beco, examinando a estrada que acabara de descer. Oblivilis cobria o ar, especialmente espesso ao longo do solo, como se ele se erguesse das próprias pedras do pavimento. A densa neblina obscurecia os detalhes dos prédios altos de cada lado da estrada, mas não conseguia obscurecer a sensação geral de imensidão gigantesca. Ayleth, que nunca havia caminhado pela cidade de verdade na vida, estremeceu.

Num impulso, ela alcançou seus sentidos, procurando a corda da alma ligando-a à sua sombra, agarrando-se àquela presença e àqueles poderes que

ela estava tão acostumada a ter prontamente disponíveis. Mas em algum lugar distante no mundo da matéria e da realidade, seu corpo jazia inconsciente, as mãos presas por algemas de ferro. A influência do ferro penetrando em sua pele, sangue e espírito levou sua sombra a uma profunda supressão. Laranta não poderia alcançá-la, não naquele mundo e não neste sonho. A corrente de alma que as conectava permanecia intacta, mas estava tão tênue que Ayleth mal conseguia detectá-la.

Ela estava sozinha.

O oblivis vagando preguiçosamente em suaves correntes e redemoinhos de ar de repente pareceu tremeluzir e vibrar, carregado com uma energia que aumentava a cada momento. Ayleth prendeu a respiração e um punho de pedra apertou seu coração palpitante. Ela precisava voltar para o beco, para se esconder, mas de alguma forma não conseguia desviar o olhar.

Uma sombra se aproximou do centro da estrada, uma figura sem forma ou feição clara. O oblivis no ar ao redor dela ficou mais brilhante com a luz da sombra, criando uma aura pulsante e contorno. À medida que se aproximava, o espaço negativo em seu centro parecia se solidificar, tornando-se a silhueta reconhecível de uma mulher alta e magra. Nenhum olho brilhava naquele espaço onde deveria estar uma cabeça. Mesmo assim, Ayleth sentiu um olhar procurando por ela.

No último momento possível, ela recuou para trás da parede, muito paralisada de terror para se mover. Era um jogo inútil de gato e rato. Este mundo inteiro, as imagens dos prédios altos, as pedras do pavimento sob seus pés, até mesmo o beco em que ela se escondia, tudo era ilusão. Apenas o oblivis era real, verdadeiramente real.

Ayleth cerrou os dentes e espiou ao longo do beco. O espaço entre os dois prédios altos era estreito, densamente obstruído pelo oblivis... e um beco sem

saída. Assombrados, uma idiota maldita era o que ela era, deixando o medo levá-la a se esconder quando ela deveria ter colocado a maior distância possível entre ela e sua perseguidora! Tarde demais. Agora ela foi e se prendeu como um...

Não. Ela piscou, balançou a cabeça e olhou novamente. Não, afinal havia uma porta no final do beco.

Com um suspiro de alívio nos lábios, Ayleth se soltou da parede e meio correu, meio cambaleou até o fim do beco. A porta era baixa, feita de algum material que ela não reconheceu. Estava uma fresta aberta. Nada além da escuridão era visível além. Ela estendeu a mão ansiosa... mas hesitou. Era muito fácil, uma fuga muito conveniente chegando em um momento muito conveniente. Como ela poderia saber que esta não era outra armadilha? Ela não controlava este sonho.

Amaldiçoando amargamente, ela estudou as paredes de cada lado. Como por mágica, suas pedras facetadas se alisaram em camadas de dureza de vidro. Em nenhum lugar onde enfiar um dedo do pé ou o pé. Ela não conseguiria escalar. E ela não poderia voltar.

Ayleth volta olhou por cima do ombro, para baixo do comprimento da pista, o que, com oblivis deslumbrado sua visão, parecia simultaneamente esticar e comprimir. A qualquer momento, aquela imagem sombria semi formada apareceria na boca do beco, e seus olhos ardentes se fixariam nela com uma intensidade aterrorizante. Ela deveria agir. Ela precisava escapar.

Ayleth abriu mais a porta e entrou. Ela parou na base de uma escada estreita e, não tendo outras opções disponíveis, fechou a porta atrás de si e começou a subir. Seus pés descalços não faziam barulho nos degraus frios enquanto ela dava dois, depois três passos de cada vez. No início, o caminho conduzia direto para cima. Então começou a espiralar, girando e girando sobre

si mesmo em voltas cada vez mais apertadas. Os degraus eram quase estreitos demais para seus pés, e Ayleth teve de esticar o braço, usando as mãos para escalar.

De repente, luz. Uma luz azul e pulsante brilhava na parede acima dela de uma fonte fora da vista em torno da próxima espiral.

— *Assombrados!* — Ela murmurou, e parou. Ela não poderia ir por aqui. Ela não conseguiria! Ela sabia exatamente aonde isso levava.

Ela olhou para os dois lados. A escada era estreita e sem janelas. Sem patamares, sem portas. Ela se virou para olhar para trás, mas viu apenas oblivis. Ela não conseguia nem acreditar que as escadas que acabara de subir ainda existiam abaixo dela.

O ar começou a zumbir com energia renovada. Ela sentiu passos vibrando através das pedras, aproximando-se de baixo. Aproximando-se a cada volta.

— *Laranta!* — O grito silencioso explodiu de sua alma, estendendo-se ao longo da corda da alma. Mas sua sombra não respondeu, não poderia responder.

Lançando um olhar desesperado para cima, Ayleth se sobressaltou, mal acreditando no que via. Um patamar apareceu como um milagre onde havia apenas uma parede momentos atrás. Um espaço aberto de pelo menos 2,5 metros estava entre ela e a borda daquele patamar, com um abismo de escuridão impenetrável abaixo. Ela não hesitou. Seus músculos se contraíram como os de um gato, e ela saltou, os braços girando enquanto voava pelo ar. Seu estômago atingiu a beira do patamar, os braços estendidos, os pés chutando o vazio.

Ela conseguiu levantar um joelho e içar-se até uma posição segura. Rastejando através do espaço estreito para uma porta embutida na

parede, ela agarrou a trava. Cedeu ao seu toque, abrindo tão rápido que ela caiu. Empurrando-se para cima, Ayleth começou a se levantar, mas congelou agachada.

Seu rosto ficou frouxo com o choque.

Ela estava em uma câmara escura e abobadada. Ela não podia ver o ápice da cúpula, tão alto que ele arqueava nas densas sombras acima. Diretamente abaixo de seu centro invisível havia uma cadeira, uma grande cadeira de madeira velha tratada, manchada com respingos de sangue e outras substâncias sem nome. Ayleth piscou e um pouco do vazio informe na borda da câmara se fundiu em figuras encapuzadas sem traços característicos. Apenas uma delas se formou com perfeita clareza para que Ayleth pudesse ver seu rosto.

Ela era uma mulher jovem, talvez da mesma idade de Ayleth, ou um pouco mais jovem. Seu cabelo era comprido e caía em ondas escuras nas costas de sua camiseta de linho branco. Ela usava as calças acolchoadas de uma venatrix, mas desembrulhada e solta em torno das panturrilhas, e seus pés descalços acolchoados no chão de pedra fria. Duas das formas inexpressivas a levaram à enorme cadeira, e ela se sentou de boa vontade. As grossas tiras de couro prendiam as pernas da garota à cadeira, e Ayleth sentiu o cheiro inconfundível de ferro nos fechos. Outra alça foi em volta do pescoço e outra na testa, prendendo a cabeça no encosto alto da cadeira. Apenas seus braços ficaram livres. Ela segurava um conjunto de tubos Vocos de osso no colo, os nós dos dedos brancos de tensão. Seus olhos arregalados brilharam com medo não dito, mas ela cuidadosamente educou suas feições em uma máscara de coragem.

A expressão parecia... não, parecia familiar. A própria Ayleth a havia usado muitas vezes.

As figuras sombrias recuaram. O movimento na galeria acima chamou a atenção de Ayleth. Mais sombras surgiram, circundando a parte inferior da cúpula. Elas ficaram com o braço direito erguido, o escorpião apontado para a garota na cadeira. Ayleth quase podia sentir o gosto amargo da Morte Gentil no ar.

— Odile di Mauvalis. — A voz solene veio da principal das figuras sombrias de pé diante da cadeira — Chegou a hora. Tudo depende de você.

— Eu... — O pânico envolveu essa única palavra, mas a jovem engoliu em seco, piscou e firmou a mandíbula. — Estou pronta para servir o Santo, de acordo com a vontade da Deusa.

Sentindo mais movimento no canto de sua visão, Ayleth se virou para ver mais duas formas sombrias se aproximando, carregando uma gaiola entre elas. Dentro dessa gaiola estava um coelho. Mas não um coelhinho manso e dócil. Esta criatura se debatia, chutava e rasgava os fios da gaiola, ensanguentando-se nas batidas. Tomado pela sombra, percebeu Ayleth.

A principal das figuras sombrias agora se aproximou da gaiola e puxou uma faca. — Odile di Mauvalis. — Dizia. — Tendo feito os votos sagrados diante do altar de nossa Deusa, você agora é chamada a aceitar em sua estrutura mortal este poder infernal. Deste dia em diante, a pureza de sua alma e corpo estarão comprometidos e, a menos que seja feita uma intervenção, você enfrentará a condenação. Este destino você aceita de acordo com o precedente de sacrifício estabelecido por nosso santo antepassado, Evander de Roihm. Que a Deusa nunca desvie o olhar de você em seu estado miserável; que Ela veja os atos que você realizará em Seu nome e conte-os em seu crédito quando chegar o dia do Juízo Final. Que Ela estenda a mão para protegê-la, que dedicou sua vida a Seu serviço e à proteção de Sua criação.

— Então, deixe ser. — Entoou uma miríade de vozes das sombras além da luz das tochas.

A garota na cadeira não falou. Todos os seus votos foram ditos; todas as suas palavras foram usadas. A expressão em seu rosto parecia espelhar a de Ayleth enquanto observava aquela figura sombria abrir o topo da gaiola e agarrar o coelho pela nuca.

Tudo aconteceu tão rápido. Um momento, o coelho gritou, alto, penetrante e totalmente cruel. Então, um lampejo de aço, um jorro de sangue manchado pela sombra.

A câmara abobadada explodiu com a magia de uma sombra solta e sem amarras. Uma sombra de poder além de qualquer coisa que Ayleth já havia encontrado. Gritou libertando-se de sua prisão mortal, o som de sua voz rasgando o espírito de Ayleth como um coro de lâminas. Ela levou as mãos aos ouvidos, mas não adiantou. A sombra subiu descontroladamente ao redor da cúpula, uma tempestade invisível de magia e malícia. As figuras paradas na galeria cambalearam, mas se prepararam e não desviaram a mira da garota amarrada na cadeira.

Ayleth sentiu a sombra atingir várias proteções e barreiras erguidas para mantê-la aprisionada naquela câmara. Ela sentiu aquelas canções mágicas tremerem com o impacto, mas ainda assim se aguentarem. A sombra estava presa. Deveria levar um corpo hospedeiro logo, caso contrário... O ar já tremeluzia enquanto os Assombrados se abria para recuperar seu espírito perdido. A realidade rachou.

Sentindo sua desgraça iminente, a sombra cessou seus gritos selvagens e parecia avaliar as almas na câmara, os corpos encarnados de que precisava para sobreviver. Apenas um entre toda aquela multidão foi eliminado. Solto e amarrado à cadeira como um cordeiro ao altar.

Os Assombrados bocejou. A sombra fez sua escolha. Reunindo-se em espirais escuras, correu em direção àqueles olhos grandes e escuros. Odile di Mauvalis gritou de dor. Um grito que Ayleth ecoou.

Mas, através dos gritos, Ayleth ouviu outra voz bem no fundo dela sussurrar ansiosa e urgentemente: — *Tive medo quando me disseram que minha hora havia chegado? Claro que não. Eu era especial. Eu sobreviveria à minha Posse e dominaria a sombra Elemental que eles me deram. Eu iria dominar o oblivis.*

Ayleth se virou. Quem era aquela parado na escuridão ao lado dela? Uma das muitas figuras sombrias desta visão, fantasmas informes de uma memória de muito tempo atrás? Ou era...

Ela não esperou para descobrir. Ela começou a correr, passando pelas imagens ao seu redor. Elas se desintegraram como vapores e a cúpula desapareceu. Os sons, os feitiços, os gritos se reduziram a nada. Por dez passos fortes ela correu na escuridão total.

Então ela estava em uma estrada larga sob um céu pesado e escuro. As estruturas imponentes de Dulimurian surgiram em torno dela, janelas abertas como centenas de olhos vigilantes através dos quais apenas uma alma sombria observava. Ela avançou através da névoa do oblivis, correndo mais rápido, correndo até não poder mais ouvir aquela voz em sua cabeça, não podia mais ouvir os ecos da Possessão em seus ouvidos.

Por que isso estava acontecendo com ela? Por que aquela voz insistente a perseguia tão implacavelmente, sussurrando essas histórias e plantando essas imagens de memória em sua cabeça? Era como se... Ayleth fez uma careta, mal ousando admitir o pensamento, parecia que Odile estivesse tentando fazê-la entender. Forçando-a a ver aqueles momentos, a vivê-los.

Mas não podia ser. Deve ser algum tipo de armadilha. Porque Odile não deveria querer nada mais do que matar Ayleth, que era a última pedra entre a Rainha Bruxa e a imortalidade oferecida pelo Cravan Druch.

Ayleth rosnou enquanto corria por aquela estrada larga, que atravessava uma ponte para outro emaranhado de ruas menores onde ela poderia se esconder temporariamente. Ela não seria manipulada; ela não se deixaria embalar. Ela não baixaria a guarda, nem por um momento.

E ela não se permitiria se preocupar com a menina de olhos escuros amarrada à cadeira. Aquela garota que era tão familiar, tão...

Ayleth parou cambaleando no momento em que alcançou o outro lado da ponte, ofegando com dificuldade. — *Malditos Assombrados!* — Ela amaldiçoou. A paisagem mudou diante dela novamente. A cidade baixa que ela havia procurado na esperança de abrigo desapareceu, dando lugar a um monólito maciço com escadas esculpidas diretamente na pedra. E, de pé no topo daquele monólito em uma atitude de vitória e poder, o poderoso ídolo de Odile, sua mão estendida acima de sua cidade.

Uma luz azul brilhava no alto, descansando na palma daquela mão, um brilho de Éter e, pulsando abaixo dele, uma aura de poder.

Ayleth rosnou de frustração e fez uma curva fechada. Uma parede se ergueu diante dela, mas não era alta. Ela saltou, escalou até o topo e parou por um momento para recuperar o fôlego, olhando para a escuridão do outro lado. Uma queda de três metros até o pavimento de pedra.

Fazendo uma careta, ela abaixou-se sobre a borda, suspendendo o corpo das pontas dos dedos, então caiu e rolou por uma inclinação rochosa, suas mãos arranhando pedras e arbustos, seus olhos piscando na luz repentina do dia. Em sua base, ela capotou e ficou imóvel por um momento enquanto a chuva batia em seu rosto, encharcando-a até a pele. Ela estava em uma trilha

estreita que subia pela encosta de uma montanha cercada por outros picos rochosos.

Sons de batalha encheram o ar. Capuzes vermelhos brilharam em sua visão; gritos ecoaram no ar fresco da montanha. E magia. A magia reverberou contra os penhascos e penhascos de pedra, mortal e variada, todas as diferentes cores espirituais de sombras piscando diante de sua visão.

Ayleth se endireitou naquela trilha estreita, os pés escorregando na lama. Em meio ao caos, ela viu um cavalo atrás, cambaleando, e viu o cavaleiro saltar livre enquanto a fera caía. Ayleth varreu a chuva de seus olhos e viu um rosto familiar olhando por trás da forma caída do cavalo, a mesma jovem de olhos escuros da câmara abobadada. Mais velha agora. Mais dura. Feroz. E cheia de alguma raiva secreta que fervilhava em sua alma.

Enquanto Ayleth observava, ela viu a mulher puxar um conjunto de tubos Vocos de sua bainha, colocá-los nos lábios e começar a tocar a Canção de Convocação. O poder turvou em seu espírito; magia negra subiu de seu núcleo. No entanto, fios de canções de supressão ainda o seguravam no lugar, e a jovem trabalhou freneticamente para desembaraçá-los.

Uma figura se ergueu no ar diante dela, um homem cavalgando nas correntes de vento, cercado pela magia ascendente de sua sombra Elemental. Ayleth observou através da cortina de chuva enquanto ele fixava o olhar na jovem venatrix, estendia a mão e torcia o pulso. Um braço de ar se estendeu, envolveu a mulher e a arremessou para o ar livre. Ela mergulhou no vale arborizado abaixo e fora de vista.

— *Eu não acordei. Por dias, semanas até, fiquei estupefata, presa dentro da minha própria mente.* — A voz sussurrou no ouvido de Ayleth.

As imagens mudaram. A montanha desapareceu. A chuva derreteu. Mais cenas se apresentaram diante de sua visão, uma após a outra. E

desta vez, Ayleth não correu. Ela nem tentou. Ela não conseguia desviar o olhar da incrível história que se desenrolava diante dela. A história dessa jovem que era tão parecida com a própria Ayleth. Educada para acreditar em seu propósito vital e singular. Dedicada à Deusa e à Lei de Santo Evander. Leal, forte, ambiciosa, determinada... mas nunca considerada boa o suficiente.

Aquela voz sutil murmurou no ouvido de Ayleth, mas Ayleth mal se deu conta disso agora. Ela viu, ouviu, cheirou e provou cada cena como se ela tivesse ficado lá, silenciosa e não observada nas sombras o tempo todo.

Ela viu a feroz jovem venatrix rosar para o homem que tentava curá-la.

Ela viu a mesma venatrix descansando nos braços daquele homem enquanto os dois olhavam para o rosto de sua filha.

Olena.

Ela viu os Capuzes Vermelhos retornarem às montanhas, rastejando pela floresta e subindo as encostas.

Ela viu a jovem venatrix rastejar para fora de uma tenda, seus membros ainda meio paralisados com veneno enquanto ela olhava para um jato de fumaça subindo no céu. E ela viu aquela mesma jovem, doente, magra e pálida, seus olhos fundos em um rosto esquelético, escalar a montanha, procurando, procurando, procurando até que ela encontrou os restos de uma pira.

Uma punhalada de agonia percorreu a alma de Ayleth e as lágrimas escorreram por seu rosto. Ela chorou junto com a venatrix. Ela chorou com Odile enquanto caía de joelhos no meio daquelas cinzas frias, enterrando as mãos, enterrando o rosto, gritando, sufocando, arfando.

— *Olena.* — Sussurrou Ayleth.

Então ela engasgou, consternada. O que ela estava fazendo? Parada aqui como uma idiota, nem mesmo tentando resistir àquela voz em sua cabeça.

Ayleth se desvencilhou da cena e correu para o oblivilis rodopiante. O medo perseguiu seus calcanhares, medo da mudança que ela sentiu em seu coração. Ela sabia a verdade. Ela sabia, a Deusa a ajudasse! Odile era um monstro, uma bruxa, uma abominação aos olhos da divindade e da bondade. Ela desencadeou o mal da magia das sombras em Perrinion, destruiu templos e arrasou locais sagrados. Ela massacrrou mortais e os conduziu à sua frente como escravos. Sentir simpatia, sentir empatia por tal demônio só poderia significar...

— Não! — Ayleth rosnou e fez seu espírito voar mais rápido. O oblivilis se separou diante dela, aceitando-a em suas profundezas, enchendo seus sentidos para que ela não pudesse mais ouvir o choro da venatrix atrás dela.

Mas aquela voz a perseguiu, implacável como a morte: — *Espera, criança. Não fuja de mim.*

Ayleth não se atreveu a parar, não se atreveu a ouvir. Ela estava à beira do precipício e, se parasse para ouvir aquela voz, sabia que cairia para sempre. Então ela avançou, permitindo que seu espírito virasse em uma certa direção, uma direção para a qual ela havia sido puxada como uma flecha de bússola puxa para o norte, mas que ela havia tentado lutar todo esse tempo.

Ela se virou para o ídolo. Para a coroa Éter esperando acima.

A cidade se manifestou ao redor dela mais uma vez, clara e nítida, não uma ruína, mas sim a memória da cidade como ela havia sido, brilhante e brilhando sob o sol, cada superfície negra refratando prismas multicoloridos. A imagem do ídolo dominava tudo. Não o ídolo de Odile. Não, o belo rosto esculpido que se erguia no alto era semelhante ao da Rainha Bruxa, mas não o mesmo.

Ayleth abaixou a cabeça, recusando-se a olhar, e redobrou o passo. Ela temia aquele ídolo, temia aquela Presença que a esperava lá em cima. Mas

então ela temia mais sua perseguidora. Ela saltou os intermináveis degraus negros subindo o enorme monólito de oblidite puro que sustentava o ídolo, então correu pelo topo do monólito até o pé direito do ídolo, onde encontrou uma porta inserida no tornozelo de tal maneira que era quase invisível. Ela estendeu a mão, mas a porta se abriu antes que ela pudesse tocá-la.

Uma escada subia em espiral diante de seus olhos. Ayleth saltou para a frente, dando três passos de cada vez. Sentindo a realidade se distorcer ao seu redor, ela sabia que o poder que esperava por ela no topo da escada estava condensando sua jornada, permitindo que ela subisse muito mais rápido do que ela poderia no mundo físico. Ela chegou a uma porta que, quando a abriu, levava a uma ponte que se estendia por uma extensão de ar aberta quase um quilômetro acima do mundo abaixo. Ayleth engasgou com a própria respiração, tonta e com ânsia; mas através da névoa ela reconheceu a ponte como o braço direito do ídolo. No final, esperava a palma estendida. E a coroa.

A determinação de Ayleth falhou. A luz azul envolvida naquela mão distante pulsava com urgência, pedindo-lhe que se apressasse, mas ela não podia fazer seus pés obedecerem, não podia forçá-los a pisar naquela ponte.

Então o ar ao redor de suas orelhas vibrou novamente com poder, e ela ouviu a voz de Odile sussurrar: — *Há muito mais que você deve saber, muito mais que devo lhe contar.*

Com um leve soluço na garganta, Ayleth se lançou para a frente, afastando-se do abrigo da escada e saindo para o ar livre. O vento soprou em seu rosto, o oblivis picou sua pele e olhos como grãos de areia. Ela teve um vislumbre da cidade abaixo, os círculos concêntricos de seu layout, a estrela de cinco pontas das Estradas da Rainha levando a este ponto central. Mas ela não ousou olhar por muito tempo, ou sua coragem certamente se reduziria a nada. Acima e atrás dela, ela sentiu o rosto enorme do ídolo olhando para

baixo, seus olhos vazios levemente curiosos. Mas ela se recusou a olhar para trás, para ver aquelas características, suas próprias características, ampliadas em um grau tão terrível. Ela correu a toda velocidade ao longo do braço e finalmente saltou no espaço entre os pilares dos quatro dedos e do polegar.

A coroa esperava no centro da palma. Era maior do que ela esperava. Muito maior. Ela tinha visto isso apenas uma vez antes, meses atrás, em outro sonho. Em seguida, envolveu a cabeça de Odile e, embora fosse enorme, com quase trinta centímetros de altura, não era grande demais para o crânio da rainha.

Esta coroa, no entanto... Ela poderia caber facilmente em um gigante com o dobro do tamanho de Odile. Seus dentes eram modelados com elegância cruel, graciosos como as folhas desenroladas de um lírio, mas afiados como lâminas. O estranho Éter do qual fora formada brilhava com vida interior. As escrituras sagradas dizem que Éter é a substância da qual a Deusa criou toda a matéria viva. A explosão do cadinho, a tortura do martelo e da bigorna, não fizeram nada para alterar a vida furiosa em seu núcleo.

Mas, como todas as coisas vivas, pode ser possuído por um espírito parasita.

Ayleth olhou para a coroa, para o azul pulsante que parecia fluir como veias logo abaixo de sua superfície endurecida. Ela sentiu a Presença olhando de volta. Ela deu um passo em direção a ela, uma mão estendida.

— Pare.

CAPÍTULO 2

Do canto do olho, Hollis podia ver o venador e a venatrix vasculhando os corpos dos mortos, os tomados pela sombra na estrada, em busca de dardos envenenados para reabastecer suas aljavas. Ela não sabia seus nomes. Ela raramente tinha visitado Castra Breçar nos últimos vinte anos, e os rostos jovens de seus irmãos eram desconhecidos para ela. O venador parecia ter quase trinta anos e ostentava uma barba de cor clara agora manchada com sangue manchado pela sombra. A venatrix era mais jovem ainda, pouco mais velha que Ayleth.

Hollis ouviu a venatrix suspirar quando rolou sobre o corpo de um dos monstros mortos. Hollis não conseguiu ver o que a garota viu, o que provavelmente foi bom, pois a venatrix se virou e levantou, seu corpo sacudindo de horror. Ninguém se moveu para confortá-la, para oferecer sua ajuda. Ela era uma venatrix. E quando os espasmos finalmente passaram, ela começou a trabalhar, puxando dardos da pele da criatura, estudando-os para ver se algum veneno permanecia em suas pontas.

Hollis baixou a cabeça. Ela se ajoelhava na calçada de oblidite preta polida da Estrada da Rainha, cercada pela carnificina. Além da estrada assomava a Floresta da Bruxa. A venenosa Floresta da Bruxa, cuja mente ela penetrou e cuja ira ela despertou. Estava quieta por enquanto... mortalmente quieta. Seria fácil acreditar que dormia, mas Hollis sabia melhor. Ela não dormia. Ela apenas esperava.

Sua mão apalpou suas várias aljavas, contando dardos envenenados. Apenas três Mortes Gentis permaneceram com ela. Alguns

outros venenos também, menos úteis, embora ela estivesse feliz por tê-los. Além disso, ela tinha sua adaga, sua ponta de ferro e, claro, sua sombra. Teria que ser o suficiente.

Ela ergueu a cabeça, espiando por cima da ponta de sua máscara de bico para onde Fendrel estava a poucos passos de distância. Seu corpo estava ereto, sua postura ampla, seu rosto virado para longe de Hollis, olhando para as sombras da Floresta da Bruxa. Olhando para o lugar onde Ayleth fora arrastada para fora de vista. Ayleth... sua arma. Sua última esperança de redenção, arrancada debaixo de seu nariz.

Hollis mal suportava olhar para ele. Seus sentidos de sombra detectaram a devastação que irradiava de sua alma. E foi culpa dela, culpa dela que Floresta da Bruxa levou Ayleth. Ela havia mergulhado de forma imprudente em sua mente, revelando a presença de Ayleth, implorando por ajuda àquele enorme poder sobrenatural. Sua aposta tinha funcionado: Floresta da Bruxa tinha se levantado contra a horda de sombras de Terrível Odile, massacrando ou dispersando todos aqueles monstros retorcidos que de outra forma certamente teriam destruído o pequeno bando de evanderianos.

Mas então a Floresta reivindicou sua recompensa.

A cabeça de Hollis latejava, ainda sentindo como se uma centena de tentáculos derramasse em suas narinas, olhos, ouvidos e garganta abaixo. Com concentração, ela conseguiu afastar a sensação fantasma, mas se relaxasse a mente mesmo por um momento, tudo voltaria.

Quando a batida de passos apressados alcançou seus ouvidos, Hollis olhou para cima para ver Fendrel enrijecer e olhar para as árvores. Ela se levantou e se moveu para ficar atrás dele, fora de sua linha de visão.

Uma figura se aproximou através das sombras e irrompeu nas pedras da calçada da Estrada da Rainha. O Venador Kephan du Tam se dobrou ao meio, as mãos nos joelhos, lutando para recuperar o fôlego através da máscara.

— E então, du Tam? — Fendrel exigiu.

Kephan balançou a cabeça e se ergueu bruscamente. — Dominus... — ele ofegou. — Eu segui a trilha o mais longe possível. Pelo que posso dizer, Ayleth ainda está viva. Não encontrei sangue; não cheirei morte; não senti nenhuma alma dividida. Mas...

— Fale, homem! — Fendrel rosnou.

Kephan fez uma careta, balançando a cabeça. — Eu cheguei a uma parede de vinhas. Reuni mais força da minha sombra e tentei abrir caminho. Mas era impenetrável.

— E Ayleth? — Hollis perguntou. Fendrel estremeceu ao som da voz dela atrás dele, mas não se virou.

Kephan voltou seu olhar pesado para Hollis. Uma luz feroz brilhava em suas pupilas, seu espírito interior chamado para a alta ascendência. — A menos que meus sentidos de sombra me enganem, ela está do outro lado.

Fendrel abruptamente deu dez passos ao longo da estrada que eles tinham acabado de percorrer, virando as costas para o resto deles. O venador e a venatrix se aproximaram de Kephan, e Hollis o ouviu responder às suas perguntas em voz baixa. Ela sentiu a tensão em seus espíritos. Todos eles carregavam sombras altamente ascendentes. Nenhum se preocupou em fortalecer os feitiços de supressão desde sua batalha recente. O éter estava denso com espíritos, humanos e sombras. Emoções e magia brilhavam juntas em uma tempestade de cores, sons e energia.

Hollis se afastou dos outros três, os olhos fixos nas costas de Fendrel. Estava tão quadrado e forte como sempre. E seus longos cabelos,

puxados para trás de seu rosto em três tranças apertadas, caíam sobre seus ombros, as pontas naturalmente encaracoladas, tão suaves como fios de ouro. Os fios cinza tecidos através do ouro eram quase invisíveis, e de onde ela estava, Hollis quase podia acreditar que ela olhava através do tempo, vinte e cinco anos atrás, para o jovem Fendrel. Uma alma forte e apaixonada, obstinada com um propósito. Como ela o amava então.

Como ela o temia agora.

Ela se aproximou dele por trás, tomando cuidado para que os saltos das botas batessem nas pedras do calçamento para não o assustar. Ela viu pela ligeira virada de sua cabeça que ele a ouvia, que ele reconhecia o som de seus passos. Ela ergueu uma das mãos, querendo apoiá-las no ombro. Mas ela parou, seus dedos pairando apenas alguns centímetros acima da armadura de couro dele, e respirou fundo.

— Ela não está morta, Fendrel. — Ela disse.

Ele não respondeu. Os músculos de seu pescoço enrijeceram.

— Toda a esperança não está perdida. A coroa... precisa dela. Viva. Ela quer seu corpo e seu sangue. Isso não a mataria. Ela está viva lá fora. Em algum lugar. Eu sei isso.

— Viva, talvez. — A voz de Fendrel era profunda e áspera como pedra quebrada. — Mas vai levar ela. Usá-la. Possuí-la. — Ele balançou a cabeça pesadamente, a ponta de sua máscara de bico balançando como uma lança. — Teria sido melhor para todos nós se eu a tivesse matado quando tive a chance.

Hollis puxou a mão dela quando um jato de gelo passou por seu peito. Todos os sentimentos ternos que ameaçavam nublar seu julgamento desapareceram. Este homem ainda era o Venador Dominus du Glaive. Não Fendrel, não o menino que ela amou uma vez. Este era o Capuz Negro. A lenda. O mentiroso.

Ela deu um passo para trás, cerrando os punhos ao lado do corpo, e se certificou de que nenhuma emoção reveladora manchava sua voz quando ela falou. — Mesmo que a coroa tome posse de Ayleth, ela não será tão poderosa quanto Terrível Odile já foi. Sem as sombras gêmeas, ela será menor. Ainda podemos derrotá-la. Derrotá-lo. — Mesmo quando as palavras deixaram sua boca, ela balançou a cabeça e olhou para a floresta. — Mas ela não vai usar a coroa, Fendrel. Não importa o que isso aconteça com ela. Ela não vai.

— Você é uma tola se acredita nisso. — Fendrel se virou para Hollis, seus olhos queimando a borda da máscara.

— Você é um idiota, Fendrel. Você sempre foi. — Hollis pressionou a mão contra o peito, sentindo a batida de seu coração através da armadura de couro. — Eu conheço Ayleth. Eu a criei desde a infância e conheço sua alma. Você não tem ideia de quem ela é. Você não tem ideia de suas profundezas... de sua teimosia. De sua determinação teimosa e obstinada. Mas seu coração... — Ela suspirou e os músculos de sua mandíbula se contraíram. — O coração dela é e sempre foi verdadeiro. — Seus olhos brilharam. — Ela não anseia por poder, influência ou lenda. Não como você. Não como eu.

Fendrel olhou para ela por baixo de suas sobrancelhas pesadas. Ele a estudou de perto, seu escrutínio como o fio de uma navalha passando por sua pele. Um movimento errado e ele a cortaria, tiraria sangue em longas fitas. Hollis não vacilou.

— Ainda há esperança. — Depois de uma pausa, ela encolheu os ombros. — E mesmo se não houver, que escolha você tem? Você vai correr de volta para casa em Dunloch? Invocar alguns feitiços de barreira? Ou você vai convocar almas mais dispostas a dar suas vidas e eternidades pelo atacara?

Fendrel se virou. Era impossível ler sua expressão através da máscara, através da cortina de cabelo caindo em sua bochecha. Mas Hollis não precisava ver seu rosto. Sua sombra ascendente tocou o limite de sua mente.

Ela se retirou rapidamente. A pulsação de seu desespero era muito forte.

Ciente do toque de sua sombra, ele olhou para cima novamente. Uma luz perigosa cintilou em seus olhos. — O que você propõe, Venatrix? — Ele demandou. — Os anos incutiram em você o apetite pelo suicídio?

Suas palavras trouxeram memórias caindo de volta sobre ela, memórias de muito tempo atrás que ela havia quase esquecido. Ela se via como uma jovem garota, mal tendo passado de sua cerimônia de Posse. Cheia de fogo. Cheia de vigor. Cheia de medo. Ela se viu parada no arsenal de Castra Iarcand, seu corpo inteiro tremendo com emoções que ela mal ousava nomear.

— Isso é suicídio, Fendrel! — ela disse a ele então. — Você vai para o seu destino.

— Melhor morrer cumprindo a vontade da Deusa do que viver como um covarde. Um verme. — Ele respondeu.

Fendrel nunca duvidou da vontade da Deusa. Ele nunca duvidou do propósito que viu diante de si, nunca duvidou de qualquer passo que deu. Mas aonde esses passos o levaram no final?

— Nenhum de nós sabe ao certo o que a Deusa deseja para nossas mortes. — disse Hollis. — Mas não somos cordeiros para serem abatidos em altares. Estamos vivendo sacrifícios. Servimos com nossas vidas... e nós a deixamos determinar nossos fins.

Ela endireitou os ombros e, por impulso, afastou a máscara de bico de seu rosto para que pudesse olhar Fendrel de frente, para que ele pudesse vê-la claramente. — Eu marcharei para Dulimurian... — ela disse. — Farei tudo o que puder para evitar que Odile alcance a coroa.

Fendrel respirou fundo pela máscara. Em seguida, ele também tirou as alças de trás das orelhas e puxou o bico, revelando seu rosto. Hollis viu como suas veias corriam escuras sob sua pele pálida, viu como seu sangue havia se tornado manchado. O espírito dentro dele guerreava com sua alma, e levava tudo o que ele tinha para mantê-lo sob controle. Mas ele se segurava. Contra todas as probabilidades, ele se segurava.

Ele deu um passo, depois outro, cobrindo a distância entre eles até que se aproximou de Hollis, seus ombros largos bloqueando sua visão da floresta além dele, seu olhar consumindo o dela. Como tinha sido fácil uma vez se perder nos olhos dele, mergulhar naquelas águas cinzentas e ser submersa em sua vontade.

Não mais. Embora o ar entre eles estivesse cheio de calor, com o poder de suas sombras e a pulsação de seus corações, Hollis nunca seria superada por Fendrel novamente.

— Nós vamos? — ela perguntou, sua voz rouca e áspera em sua garganta. — O que você vai fazer?

— Eu marcharei com você, Hollis. — disse Fendrel. Ele estendeu a mão, quase pegou a mão dela. Ela sentiu os dedos dele perto dos dela, mas ele não a tocou. — Eu morrerei com você.

— Então, que a Deusa tenha misericórdia de nossas almas.

CAPÍTULO 3

Terryn mirou abaixo de seu braço, seu escorpião apontado para o coração da jovem que estava em frente a ele, a menos de cinco metros de distância. As sombras lançadas pelas árvores torturadas da Floresta da Bruxa não podiam obscurecer totalmente seus traços adoráveis ou as curvas suaves e femininas de seu corpo em exibição proeminente através das ruínas de um suntuoso vestido de baile.

Ele congelou. Por um instante, ele a viu ali, a bela dama que uma vez fora o objeto de sua paixão juvenil, uma fantasia tentadoramente fora de alcance. Ele não conseguia separar a imagem diante dele daquelas memórias, seu sorriso sedutor, seus braços ao redor de seu pescoço, aquelas curvas suaves pressionadas contra seu corpo em um convite ansioso. Os tormentos atormentando seu corpo enquanto ele lutava pelo controle celibatário exigido por sua Ordem.

Por um instante, ele viu Liselle di Marin. Mas apenas por um instante.

Terryn piscou, e sua visão sombria explodiu com força em sua mente para revelar a sombra ascendente transbordando naquele corpo hospedeiro, o brilho perigoso da luz estranha do Evanescer. Ele cerrou os dentes e apertou o mecanismo de disparo contra a palma da mão. O escorpião sacudiu seu braço enquanto disparava. O dardo da Morte Gentil disparou pelo ar, cortando as partículas do oblivis como se perfurando camada após camada de uma cortina espessa. Seus olhos pregaram peças nele, dizendo-lhe que seu progresso era dolorosamente lento, embora na realidade ele soubesse que acelerava como um lampejo de luz.

Não rápido o suficiente. A Bruxa Fantasma desapareceu em uma explosão de escuridão espiral, saindo deste mundo para os Assombrados, seguindo seus caminhos invisíveis. A Morte Gentil cortou o vazio onde seu coração estivera apenas um sopro antes. E o mundo se rasgou quando ela ressurgiu no espaço logo atrás de Terryn.

Um lampejo de aço. A espada de Gerard cortou o ar na visão periférica de Terryn. Terryn cambaleou para a direita, afastando-se daquele ataque. O tempo de reação do príncipe foi bom, seu cálculo quanto ao local de provável reaparecimento da bruxa quase perfeito. Mas sua lâmina assobiou através de nada além de obliquis girando, errando a Bruxa Fantasma por uma fração. Desta vez, ela não reapareceu imediatamente.

— Rápido! — Terryn latiu e agarrou Gerard pelo braço. Sem protestar, Gerard se permitiu ser puxado vários passos para o lado, girado e colocado com as costas contra uma árvore para que a bruxa fantasma não pudesse pisar no ar logo atrás dele. Terryn então girou, dando as costas a Gerard, colocando seu próprio corpo como um escudo de proteção. Ele agarrou outro dardo da Morte Gentil de suas aljavas. Ele só tinha alguns restantes.

Uma asa branca flamejante balançou diante de seus olhos. Nisirdi, sua sombra ascendente, deu um passo à frente dele, pescoço comprido arqueado para cima, boca aberta, luz branca queimando em sua boca. Olhava de um lado para o outro, como se procurasse algum sinal de seu semelhante espírito sombrio, mas incapaz de captar uma sensação.

Terryn fez uma pausa. Ele não estava acostumado a usar a magia de sua sombra no meio de uma batalha, não estava acostumado a controlar aquele tremendo poder. Ele deveria invocá-lo agora? Colocar uma rajada de luz branca em sua palma para liberar a Bruxa Fantasma no momento em que ela reaparecesse? Poderia ser um ataque mais eficaz do que o veneno, e...

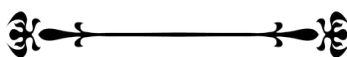
O mundo se abriu em outro arroteio de escuridão, e a Bruxa saltou à esquerda de Terry. Ele se virou, atirou, mas ela estava muito perto e muito rápida. Ela jogou o braço dele para o lado, e o dardo voou longe.

— *Nisirdi!* — Terry rugiu em sua cabeça.

Sua sombra balançou em resposta, e o calor subiu do núcleo de Terry, percorrendo seus braços até suas mãos. A bruxa o pegou pela garganta e Liselle sorriu em seu rosto.

— Venha comigo, Venador. — Ela sibilou.

Terry não teve tempo nem para ofegar.



— NÃO!

O grito saiu da garganta de Gerard enquanto ele se lançava, sua mão agarrando as nuvens giratórias de obliquis. Ele captou apenas o vazio onde Terry estivera. O ar reverberou com o choque de mundos abertos e fechados em um instante, e a sensação o sacudiu até os ossos.

Gerard cambaleou vários passos para trás até que ele bateu em um tronco de árvore. Seu peito arfou. O veneno revestia seus pulmões e a fraqueza percorria suas pernas, acumulando em seu intestino. Ele não conseguia acreditar no que acabara de ver. Ele só podia ficar ali, respirando com dificuldade, atraindo mais veneno para dentro de si.

Então ele cambaleou em movimento. No início, ele não conseguiu dar mais do que alguns passos cambaleantes. Mas à medida que sua resolução se firmava, sua força revivia, e ele se movia cada vez mais rápido. Ele se lembrou do que Terry havia lhe contado, que a Bruxa Fantasma só poderia se mover

dentro de um raio de dois quilômetros de uma âncora plantada. Ele não tinha muito tempo para sair desse raio. Mas ele poderia tentar.

Ele piscou, e na escuridão por trás de suas pálpebras, ele viu aquela mão branca agarrando a garganta de Terryn. Ele viu o rosto adorável de Liselle contorcido com o ódio de Inren. E Fayline? E quanto a Fayline? Havia alguma chance de ela ter permanecido em algum lugar dentro daquela hospedeira? Enlouquecida, mas de alguma forma apegada à existência neste mundo?

Gerard dirigiu esses pensamentos de volta para baixo. Ele não conseguia pensar agora. Permitir que qualquer um desses pensamentos vagueasse seria ceder ao desespero. E se ele se desesperasse, tudo estaria perdido. Ele tinha que continuar se movendo. Ele deveria alcançar a visão que a criança Vidente plantou em seu cérebro, aquele vislumbre de uma plataforma de pedra bem acima do mundo, os dedos com pilares da mão de uma estátua em torno dele. A luz das estrelas brilhando na pedra negra...

Ele continuou correndo. Seu corpo tremia de fraqueza a cada passo que dava. O ar envenenado o estava afetando, ele sabia disso. O ar e seu próprio terror. Seus joelhos dobraram. Ele caiu, segurou-se, puxou-se para cima e caiu de novo. Ele rastejou, arrastando sua espada atrás dele. A lâmina cavou uma trincheira negra no solo podre.

Gerard abaixou a cabeça, o cabelo com crosta de lama caindo sobre sua testa, grudando em suas bochechas. Seus pulmões doíam com a necessidade de ar fresco, mas não havia nenhum por quilômetros. Seus membros formigavam e seu intestino se agitou com a ânsia. Ele rastejou, mão após mão, joelho após joelho. Sua espada era como um peso de chumbo, e precisou de toda a sua vontade para arrastá-la.

Então ele parou.

Um pé branco descalço encheu sua visão. Um pé delicado, tão duro, quase luminescente contra o solo pútrido da Floresta da Bruxa. Lentamente, Gerard deixou seu olhar subir daquele pé até o tornozelo delicado, a panturrilha bem torneada, o joelho nu. Ainda para cima, para saias esfarrapadas agarradas às coxas curvas e uma cintura fina.

Ele não conseguia olhar mais alto ainda no rosto de Liselle. Ele não queria ver Inren olhando para ele.

— Eu ouvi muito sobre você, Príncipe Dourado. — A Bruxa Fantasma disse, suas palavras caindo em seus ouvidos como gotas de ácido em chamas. — Eu vi seu rosto em meus sonhos mais vezes do que posso contar. Em seus sonhos, devo dizer. Sinto que nos conhecemos muito bem.

Ela se abaixou e o agarrou pelo cabelo do topo de sua cabeça, puxando seu rosto para trás para que ele olhasse nos olhos dela. Gerard não conseguia respirar. Ele não conseguia pensar. Ele só podia piscar para ela. Mas, ele notou distante, quase sem pensamento real... ele não estava com medo. Na verdade. Não mais.

Um sorriso horrível rasgou a boca da bruxa, distorcendo o rosto roubado de Liselle, exibindo dentes manchados de sangue. Ela se agachou e, usando sua mão livre, arrebatou a espada dos dedos sem resistência de Gerard. Com um empurrão violento, ela o colocou de volta em seus calcanhares de forma que ele se ajoelhou na frente dela na podridão. Seus braços estavam flácidos ao lado do corpo, os ombros caídos. Mas ele manteve a cabeça erguida mesmo quando a bruxa recuou vários passos, mesmo quando ela ergueu sua espada.

— Seu pai cortou a cabeça da minha deusa. — Inren rosnou. — Eu acho que é apropriado de alguma forma que seu destino deva espelhar o dela. Mas, Odile será rainha novamente, enquanto você... — Ela balançou a cabeça e riu

cruelmente. — Sua cabeça nunca vai usar uma coroa antes de subir na ponta de uma lança.

Ela balançou a espada por cima do ombro. Era uma visão tão estranha e incongruente: a delicada Liselle di Matin empunhando aquela arma. Liselle certamente não tinha força para cortar a cabeça de um homem de seus ombros com um único golpe. Mas ela poderia matá-lo mesmo assim. Ela poderia golpear e golpear com aquela lâmina afiada, e isso resolveria o problema em breve.

Gerard engoliu em seco, mas manteve o pescoço reto, o olhar firme. E ainda assim, ele não estava com medo. Talvez o veneno tivesse subido à sua cabeça, quebrado sua sanidade, sua razão. Não importava. Ele olhou para a Bruxa Fantasma. E ele sorriu.

Ela congelou. A espada pairou no ar acima de seu ombro. Suas pernas estavam bem abertas para o golpe de balanço, seu torso torcido. Mas ela não se mexeu. Algo cintilou em seus olhos.

Em seguida, um tremor estremeceador passou por seu corpo e ondulou por sua espinha, como se ela estivesse prestes a vomitar. Ela largou a espada, e ela caiu pesadamente atrás dela, quase desaparecendo na lama e lodo purulento. Seu corpo tremia, cada vez mais forte, e seus olhos se arregalaram. Um som subiu de dentro dela como se ondulasse do fundo de seu intestino, do ponto crucial de sua alma. Ela jogou a cabeça para trás e rugiu para os galhos entrelaçados acima. O oblivis no ar girou descontroladamente como se em um vendaval. Gerard recuou, levantando uma mão em um gesto inútil de defesa.

Mas então a Bruxa Fantasma inclinou a cabeça sobre o peito e ficou diante dele como uma boneca de pelúcia apoiada em uma vara, sem vida e mole, mas

ereta. Lentamente, ela levantou a cabeça e olhou para ele através dos olhos azuis de Liselle.

— Meu amor? — ela disse.

Ele conhecia aquela voz.

Gerard engasgou. Com esforço, ele se pôs de pé, balançando ao se levantar, tão instável nas pernas quanto um potro recém-nascido. Ela não se mexeu, apenas olhou para ele. O eco de sua voz estava em seus ouvidos. Ele engoliu em seco, sentindo o gosto do oblivis na língua. Em seguida, ele conseguiu sussurrar: — Fayline?

Um grito cortou o ar. O rosto diante dele se transformou, tornando-se uma máscara demoníaca de raiva, fome e dor. Antes que ele pudesse reagir, ela se lançou sobre ele, seus dedos curvados arranhando como garras, agarrando sua camisa, seu cabelo, seu rosto.

Os mundos se abriram e ela o arrastou para a escuridão.

CAPÍTULO 4

Ayleth ficou como se tivesse se transformado em pedra, uma das mãos ainda estendida em direção à coroa. Ela pulsava com luz azul de seu núcleo, o ritmo dessa pulsação aumentando como um batimento cardíaco acelerado. Algo, alguma escuridão de dentro dos confins daquele diadema estreito, parecia chamar seu espírito, incitando-a a agir.

Mas a voz da Terrível Odile soou contra os dedos apoiados em colunas da mão do ídolo. Isso parou Ayleth em seu caminho, e ela meio que se perguntou se ela foi pega em um feitiço. Ela não conseguia desviar o olhar da coroa, nem mesmo se quisesse, mas de alguma forma, com a perspectiva estranha dos sonhos, ela parecia sair de sua cabeça, para ver toda a paisagem como se estivesse à distância. Ela se viu equilibrada na palma da mão inclinada, no ato de pisar nas linhas profundas do sulco.

E ela viu Odile em pé no braço atrás dela, perto das veias delicadamente forjadas do pulso. Mesmo enquanto Ayleth observava, seu contorno sombrio assumiu uma substância cada vez mais sólida, tornando-se uma imagem totalmente projetada de uma mulher alta em longos mantos negros. Seu cabelo brilhante flutuava em redemoinhos de oblivis, movimentos grossos e preguiçosos, mais como água do que vento.

— *Pare.* — Ela disse novamente, sua voz suave, quase gentil. A gentileza era mais convincente do que se ela tivesse gritado. — *Não toque nisso, criança. Você não quer...*

Ayleth avançou.

A visão distante se quebrou, e ela estava mais uma vez dentro de sua cabeça, limitada à perspectiva de seus olhos. Ela teve um instante para decidir. Ela sabia o que tinha ouvido sobre a coroa de Éter, que apenas aqueles da linhagem du Mauvalis poderiam tocá-la e sobreviver. Que apenas a própria Odile, possuidora da sombra gêmea, poderia comandar seus poderes.

Deveria considerar Ayleth uma conquista fácil. Deveria pensar que ela seria facilmente tentada pelos presentes oferecidos, que ela nunca pararia para considerar se a oferta era real. Ela deve esperar manipulá-la para se tornar sua hospedeira irracional. Mas...

Mas esta coroa não era real. Esta coroa era apenas um sonho. Todo este mundo eram meras invenções do pensamento e da imaginação nascidas da mente da Floresta da Bruxa.

As mãos de Ayleth envolveram a base da coroa. Embora um instante antes tivesse sido muito grande para sua cabeça, muito grande e pesada até para levantar sem o poder de Laranta em seus membros, ao seu toque mudou, tornando-se do tamanho, forma e peso certos. Ela girou sobre os calcanhares para ficar de frente para Odile no momento em que erguia a coroa e a abaixava em volta da testa.

O metal frio pareceu agarrar-se, pulsando em seu crânio, sua ponta afiada cavando em sua pele, no osso. Ela percebeu seu erro imediatamente, mas já era tarde demais. O poder surgiu através dela, correndo dentro de sua cabeça até que ela gritou. Suas mãos se esforçaram, tentando, sem sucesso, agarrar a coroa, para soltá-la. Não era como quando a força de Laranta fluía por ela. Isso era maior, mais sombrio. Muito pesado.

Inebriante.

A Presença estava lá. Presa dentro da coroa, sem o canal de um hospedeiro mortal para se fazer entender por mentes mortais, era quase

incompreensível. Um ser tão grande, tão diferente, tão horrível, que ela não conseguia discernir nada além de uma consciência vasta, entrelaçada e emaranhada, tão complexa quanto todo o sistema de raízes da Floresta da Bruxa. Tudo ali. Em sua mente.

No momento... todo dela.

Ela respirou. Oblivis escorria de suas narinas em nuvens negras.

Através daqueles fluxos gêmeos de escuridão, ela viu a figura de Odile descer sobre ela. A deusa das trevas, senhora do oblivis, estendeu as mãos e convocou o elemento à sua vontade, moldando-o em um orbe giratório. Vários anéis de poder letal giraram em um único eixo, cada vez mais rápido, disparando faíscas de magia bruta. Com um movimento rápido de seu pulso, Odile arremessou seu míssil, e ele disparou direto para Ayleth, direto para a coroa em sua cabeça.

Ayleth respondeu. Seus instintos eram rápidos, muito rápidos. Tão rápido que ela soube que não se moveu por vontade própria, alguma outra vontade a dominava. Mas parecia sua própria decisão, sua própria reação, rápida e confiante. Ela ergueu as mãos, cruzando os braços na altura dos pulsos, e o oblivis no ar antes de seu rosto se solidificar em um escudo. O míssil de Odile atingiu, ricocheteou, atingiu um dos dedos pilares da mão e disparou para o céu.

Odile continuou vindo. Outra arma já brilhava em suas mãos, uma lança tão grossa quanto a cintura de um homem e afiada em uma ponta irregular e cruel. Ela a mandou voando, e ela rasgou o escudo de Ayleth. Ayleth se jogou no chão. A lança perfurou a palma da estátua como um prego cravado em carne e osso.

A realidade do sonho estremeceu em torno de Ayleth, pronta para se desintegrar. Mas o poder surgindo através dela agarrou para mais oblivis e

agarrou, forçando o sonho a permanecer sólido, forçando a percepção daquela mão de pedra a permanecer no lugar. Ayleth escorregou, recuperou o equilíbrio e levantou-se imediatamente. Mais uma vez o instinto que não pertencia a ela pulsou. Ela passou um braço diante do rosto em um arco agressivo. O ar se fundiu em uma centena de lâminas pequenas e irregulares de oblidite indo direto para Odile. As lâminas rasgaram através de suas vestes, através de sua carne, e direto para o outro lado dela, suas pontas afiadas pingando sangue preto manchado pela sombra.

Ayleth olhou para a figura à sua frente, para as feridas que crivavam aquele corpo alto e esguio. Feridas tão pequenas, tão agudas, tão rápidas, que ainda não haviam começado a sangrar.

Odile olhou para sua forma retalhada, piscando recatadamente. Então ela olhou para cima novamente e encontrou os olhos de Ayleth. — *Sua idiota.* — disse ela. — *Você não percebe? Você não tem poder aqui. É apenas um sonho.*

Ayleth não foi rápida o suficiente para se defender desta vez. O ataque aconteceu antes que ela percebesse que estava chegando. O ar na frente dela de repente se solidificou, jogando-a para trás. Ela voou com tanta força que atingiu um dos pilares dos dedos. Ela estendeu a mão, tentando agarrar a pedra, mas o ataque continuou vindo, o ar sólido empurrando-a, esmagando-a.

O pilar desapareceu.

Ayleth caiu, dando cambalhotas no céu, de cabeça, depois os pés primeiro, depois de cabeça de novo, os braços se agitando, não se agarrando a nada. Ela sentiu a banda sólida de Éter ao redor de sua testa se desintegrar, sentiu o poder fluir de seu espírito, deixando-a fraca, indefesa e...

Ela caiu. O impacto foi tão suave que ela quase não o sentiu. Num momento ela caiu, no momento seguinte, ela simplesmente se deitava no nada,

no nada, como nada. Sua imagem projetada se fora. Havia apenas espírito, desencarnado, flutuando em uma névoa de oblivis.

Quanto tempo ela permaneceu neste estado, ela não sabia. O tempo não significava nada para ela. Mas lentamente, com certeza, a paisagem dos sonhos se solidificou mais uma vez. Sua mente projetou um novo corpo, ela o sentiu tomando forma, deitada nua, aberta, em solo sólido. Ela sentiu uma pedra lisa sob suas costas. As pálpebras pesadas pesavam em seu rosto, e ela as ergueu com o esforço de se encontrar deitada no monólito polido sob o ídolo de Odile. O próprio ídolo havia caído de joelhos, o braço esquerdo quebrado, a cabeça decepada e rolado morro abaixo para esmagar prédios na cidade abaixo. Apenas o braço direito permanecia, erguido em uma tentativa desesperada de agarrar os céus. Uma luz azul pulsante brilhava no alto, na palma daquela mão.

— *Oromor quer que você acredite que pode controlar seu poder.*

Ayleth não conseguia encontrar forças para se sentar, para se virar, para olhar. Ela continuou deitada sob o ídolo quebrado, mesmo quando Odile apareceu através do oblivis, a cauda de suas pesadas vestes de seda fazendo um suave farfalhar enquanto se arrastava pela pedra atrás dela. Ela parou ao lado de Ayleth, olhando para ela por alguns momentos, depois se ajoelhou ao lado dela em uma piscina de saias escuras. Ayleth não precisou olhar para saber que as centenas de pequenas feridas que ela fez haviam cicatrizado. Elas nunca existiram em primeiro lugar.

— *É tudo um engano.* — disse Odile. — *Uma tentação. Ele quer que você venha procurá-lo, não aqui, mas no mundo desperto. Ele quer que você pegue antes que eu possa alcançá-lo. Ele sabe que você é do meu sangue. Ele sabe que seu corpo mortal pode sobreviver ao seu poder. Mas Oromor também sabe que pode controlar você.*

Ayleth estremeceu profundamente em seu espírito. Era muito horrível, muito estranho, ficar ali ouvindo a voz da Terrível Odile. A Rainha Bruxa, o Veneno, o Flagelo de Perrinion. Ouvi-la falar com uma voz tão calma, tão razoável, como uma avó paciente para uma criança obstinada.

— *Apenas um ser pode controlar Oromor.* — Odile continuou, cruzando as mãos cuidadosamente no colo. Seu rosto estava sereno como uma máscara de porcelana, seus olhos rodeados por listras escuras de oblivis como cosméticos cuidadosamente aplicados. — *Apenas seu irmão gêmeo, Irimir. Minha própria sombra. Mesmo assim, a diferença de força entre os dois é tão pequena que o menor desequilíbrio irá inclinar a balança. Usar a coroa de Éter é caminhar à beira da danação.*

Ayleth não queria encontrar aquele olhar. Ela resistiu o máximo que pôde, mas sentiu a compulsão atraindo-a como uma força da natureza. Por fim, ela cedeu, permitindo que seus olhos se desviassem para o lado, para olhar para aquele rosto tão estranhamente familiar. Elas se estudaram por muito tempo e com afinco, e a boca de Odile se moveu ligeiramente, a mais leve sugestão de um sorriso.

— *Não cobice o poder de Oromor.* — Ela disse suavemente, seu tom traçado com repreensão. — *Não deseje as mentiras que ele oferece. A coroa é meu fardo, não seu. Meu grande e terrível destino.*

O corpo de Ayleth parecia entorpecido. Embora tudo isso fosse apenas uma projeção, sua mente disse a ela que a queda que ela experimentou quebrou todos os ossos de seu esqueleto, então ela não podia se mover. Pelo menos ela não sentia dor. Ou, se o fizesse, era tão grande que as sensações mortais simplesmente não podiam perceber. Assim como a música da flauta evanderiana era inaudível para ouvidos mortais.

Por fim, convocando todas as forças que lhe restavam, ela sussurrou: — *Valeu a pena?*

Odile inclinou a cabeça para o lado.

— *Este seu grande e terrível destino... valeu a pena a morte da minha mãe? E minha?*

O silêncio cintilou no ar entre elas, espesso como partículas flutuantes do oblivis. Odile não desviou o olhar de Ayleth, não se moveu, não respirou. Mas sua forma de sonho parecia murchar. A mudança foi quase imperceptível no início, a pele flácida sob os olhos, ao redor da boca, ao longo do pescoço esguio e cheio de cicatrizes. O cabelo negro como o corvo caiu mole em torno de seu rosto, fios cinza parecendo como veias de prata na pedra.

Por fim, seus lábios estreitos se separaram e ela falou novamente: — *Quando eles me esticaram através daquele bloco, quando seguraram meus braços e expuseram meu pescoço à lâmina, quando a canção do Cravan Druch caiu de meus lábios, ativando o feitiço, tudo que eu desejava era a morte. Eu ansiava por isso. Mais do que qualquer coisa que você possa imaginar. Eu vi os rostos dos meus queridos diante dos meus olhos. Eu vi minhas duas filhas, Olena foi morta há muito tempo e Olecia se fora. Amaldiçoada, talvez. E nada mais desejava do que me juntar a elas.*

Ela abaixou a cabeça. Seu cabelo era quase inteiramente prateado agora, e suas costas curvadas, os ossos dos ombros delicados se projetando como asas através da pele fina como papel.

— *Mas se eu morresse... o que seria do meu povo? Das sombras que olhavam para mim em busca de proteção? O que seria da minha cidade, o refúgio que eu construía com minhas próprias mãos? Muitos sofreriam. Os possuídos seriam marcados como bruxos, caçados e enchidos com veneno. Os inatos, amarrados a estacas e queimados para sua própria salvação. Todas aquelas almas sofredoras, sem esperança, sem ajuda.*

— *Só eu lhes ofereci socorro. Só eu, com os poderes gêmeos de Irimir e Oromor unidos, poderia proteger Dulimurian e protegê-los. Mas se esse corpo hospedeiro*

morresse, o que aconteceria? Mesmo que meu espírito escapasse e encontrasse um novo hospedeiro, eu nunca mais usaria a coroa de Éter. Não... não. — Ela balançou a cabeça, a cortina de cabelo prateado flutuando suavemente como os ramos de um salgueiro movendo-se com a brisa. — Este corpo deveria ser salvo. A todo custo, a qualquer custo. Essa vida miserável significava tão pouco para mim... mas tudo para meu povo.

Um gosto amargo encheu a boca de Ayleth. Seus lábios se torceram; suas narinas dilataram-se. — *Para fazer sua maldição funcionar, você tinha que se proteger. Você não podia deixar minha mãe viver. Ou eu.*

Odile ergueu a cabeça, seu cabelo caindo para que ela pudesse olhar para Ayleth mais uma vez. — *É verdade. Enviei meus Diabos Carmesins para matar vocês duas logo depois que vocês nasceram. Era a única maneira de ter certeza de que Cravan Druch me sustentaria. Mas Olecia... minha corajosa e linda filha, escapou com você nos braços.*

Por um instante, ela ficou em silêncio, seus lábios tremendo. Mas as palavras finalmente escaparam, como faíscas de fogo na noite: — *Quando cortaram minha cabeça, quando me queimaram e profanaram meu corpo mortal, pensei em você e em sua mãe. Quando eles me deitaram naquela placa fria naquela cripta negra como o inferno, eu vi seus rostos repetidas vezes. Minhas queridas. Minhas amadas. E como eu esperava que vocês duas tivessem sobrevivido, que todos os meus planos tivessem dado em nada. Eu esperava que vocês voltassem e me matassem de uma vez por todas.*

Seu rosto se derreteu em uma expressão de tal dor mortal, amor e desejo que o espírito de Ayleth respondeu com uma dolorosa guinada. Ela sabia que não deveria sentir nada além de horror ao olhar para aquele rosto. Mas... mas agora outro conhecimento enchia sua cabeça. Imagens da história que Odile compartilhou com ela. Imagens, memórias de triunfos e dores de cabeça. Ela

viu novamente a jovem venatrix ajoelhada no meio de um círculo queimado, chorando, gritando, enterrando suas mãos e rosto nas cinzas frias até que ela estava toda coberta, cinza como um fantasma.

Ayleth balançou a cabeça e fechou os olhos com força. — *Um pouco tarde para isso, você não acha?*

Odile ficou em silêncio por um tempo antes de responder. — *Eu vi a mão da Deusa levantada contra mim. Eu era poderosa, além de qualquer imaginação, mas não era divina. Eu não era eterna. Eu a vi erguer Seu instrumento para me derrubar. Seu rei escolhido, seu campeão prometido. E eu me perguntei: 'Eu devo inclinar minha cabeça no bloco de corte? Devo ceder ao divino inevitavelmente?'*

Embora tentasse resistir ao impulso, Ayleth abriu os olhos e encontrou o olhar da rainha. Ela se viu presa pela intensidade da alma de Odile.

— *Cheguei a uma resposta. E eu agi.* — Odile disse, sua voz cheia de amargura horrível. Em seguida, derreteu-se em tons de tal ternura que derreteu o coração mais endurecido. — *Eu tive muitos anos agora, criança, para considerar se minha escolha estava certa. Muitos anos de dor... e me arrependo.*

Ayleth não conseguia falar. As palavras pareciam ter secado em sua garganta. Ela só podia olhar para aqueles olhos negros como a noite e sentir a conexão irresistivelmente ligando as duas. Uma conexão mais forte do que qualquer corda de alma compartilhada entre o espírito mortal e a sombra. A conexão de parentes de sangue, que ela nunca sentiu antes.

Não... não, isso não era verdade...

Sua mente brilhou com imagens de seus irmãos e irmãs lobos. Sua mãe, alojada em um corpo de lobo. Ela sentiu novamente a semelhança que uma vez compartilhou com eles, embora seu corpo mortal fosse tão diferente do deles. Ela não tinha percebido a diferença na hora, como a criança que ela

era. Mesmo agora, enquanto ela olhava de volta para aquelas memórias recém-recuperadas, ela mal podia sentir.

Isso era o que significava ter família. Era isso que significava pertencer. Não como se ela pertencesse a Hollis... Hollis, que a acolheu apenas para manipulá-la e controlá-la, para mentir para ela. Não como se ela pertencesse à Ordem... a Ordem, que a usou e, quando não percebeu mais uso para ela, a descartou. Era um pertencimento tão inato quanto sua própria sombra. Um pertencimento de sangue a sangue.

Ela pertencia a Odile. E Odile pertencia a ela.

O espírito de Ayleth resistiu, cambaleou. Um protesto doentio cresceu em seu coração, crescendo rapidamente em pressão até que explodiu de sua boca em um grito. — *Não!* — Ela gritou, depois de novo e de novo: — *Não! Não! Não!*

A projeção mental de seu corpo desapareceu, derretendo-se em pura substância espiritual. Desimpedida pelas limitações de carne e osso, ela disparou para o céu cheio de oblivis, rastejando para a escuridão, para o esquecimento. Qualquer coisa para escapar dessa corrente, qualquer coisa para escapar dessa conexão, que ela temia mais do que jamais temera qualquer coisa em sua vida. Mais do que temia os monstros que caçava. Mais do que temia as chamas dos evanderianos. Mais do que temia a iminente eternidade nos Assombrados. Ela não podia se permitir ser amarrada. Ela deveria escapar, ela deveria...

O peso da mortalidade desabou ao redor dela enquanto seu espírito retornava ao seu corpo mortal. Ela se sentou por um momento na escuridão dentro de sua cabeça. Então ela abriu os olhos e olhou para as árvores imponentes da Floresta da Bruxa ao seu redor.

Ela estava acordada.

CAPÍTULO 5

A escuridão rugiu ao redor dele. Mas um instante depois, ele engasgou com uma golfada de ar fresco e claro.

Um instante depois disso, ele passou para a escuridão novamente, para o caos tão clamoroso, tão pesado, tão ardente que mesmo um mero instante era um inferno. Mas aquele instante também passou, e ele respirou novamente, desta vez inspirando o ar contaminado da Floresta da Bruxa. Cinco vezes ele entrou e saiu deste mundo, cada vez um lampejo de realidade muito rápido para a compreensão, como uma sucessão de piscadas que duram pequenas eternidades.

A jornada terminou tão abruptamente quanto havia começado, e nem um minuto antes. Cada célula de seu corpo se esticou como se seu coração, seu sangue, seus membros e sua alma estivessem prontos para explodir em mil pedaços.

Gerard desabou na lama da Floresta da Bruxa, braços abertos, pernas dobradas, rosto virado apenas o suficiente para um lado para que ele pudesse respirar sem inalar limo e apodrecimento. Ele ficou deitado como se estivesse quebrado, seu olhar cego, exceto pela dança, raios deslumbrantes de luz e não luz disparando em seus globos oculares em chamas. Seus ouvidos estavam surdos para todos, exceto para a enorme cacofonia de silêncio e gritos que não se encaixavam em seu reino de compreensão. Seus sentidos estavam vivos, queimados de dor e incapazes de processar o mundo ao seu redor.

Ele não sabia dizer quanto tempo permaneceu neste estado antes de começar a recuperar alguma aparência de razão. Era como se sua mente tivesse

juntado tudo o que acabara de suportar, então trancado em algum lugar profundo e sombrio onde ele não podia ver, não conseguia se lembrar. Seus sentidos começaram a reviver. Primeiro, ele sentiu todas as dores em seu corpo, como se tivesse sido jogado contra uma parede repetidamente. Então ele sentiu o fedor do solo pútrido embaixo dele, forte o suficiente para fazer seu estômago apertar e sua garganta ter um espasmo de bile.

Então seus ouvidos se abriram. E ouviu uma voz: — Não! Não, não, não, não vou deixar você machucá-lo!

Ele ergueu a cabeça. O chão fez um som de sucção quando sua bochecha se soltou, e a sujeira endureceu seu rosto e pescoço e escorreu por sua frente quando ele ficou de joelhos. A dor atingiu seus ombros e costas, mas nada parecia estar quebrado. Movendo-se com cuidado, ele se virou para a voz, que se transformou em um gemido baixo e sem palavras.

A alguns metros de distância, a Bruxa Fantasma estava ajoelhada de costas para ele. Ele a espiou através da névoa do oblivis, seu cabelo dourado se destacando na escuridão, mesmo sujo e emaranhado com escombros. Ela se ajoelhava na base de uma árvore, agarrando seu tronco, suas mãos rasgando a casca quebradiça e a madeira podre. Seiva semelhante a pus brotou das feridas e rolou sobre seus dedos e braços.

Gerard olhou para aqueles ombros brancos, os ombros de Liselle, antes suaves e voluptuosos, agora cobertos de linhas vermelhas como se ela tivesse se esticado para trás e arranhado suas próprias costas, tentando arrancar algo invisível de seus ombros. Chorando convulsivamente, seu corpo estremecendo a cada respiração, ela não parecia estar ciente de Gerard quando ele se levantou e se aproximou dela por trás.

Ele parou ao alcance dos braços, incerto. Ele não tinha arma, sua espada havia sido deixada para trás quando a bruxa o arrastou através da

realidade. Mesmo se ele estivesse armado, ele não conseguia se imaginar levantando uma lâmina para machucá-la. Não agora que ele tinha ouvido aquela voz sair de seus lábios mais uma vez.

— Fayline? — ele falou suavemente.

Ela ficou rígida. Então, lentamente, ela se virou para olhar para ele, seu rosto uma máscara rosnadora, sua expressão monstruosa. Ele deu um passo involuntário para trás, seu coração pulando na garganta. Mas no instante seguinte, seu rosto cedeu, e a expressão derreteu enquanto outro espírito lutava pelo domínio. Ela caiu, a cabeça caindo, e se agarrou à árvore para se apoiar.

— Fayline. — Gerard disse novamente e se ajoelhou ao lado dela. Ele estendeu a mão, hesitou por um momento, então pegou a mão dela.

Seu corpo estremeceu em reação ao toque dele. Mas os dedos dela se entrelaçaram nos dele e ela se virou para ele, os olhos marejados de lágrimas. — Gerard! — ela gritou e se encostou em seu peito.

Ele a abraçou enquanto ela chorava. Ele tentou não pensar na facilidade com que ela poderia arrastá-lo para os Assombrados, como sua morte poderia ser instantânea, sem nada que ele pudesse fazer para evitá-la. Ele tentou pensar em nada além de Fayline... Fayline, a garota que ele amou na infância. Fayline, maluca e alegre, com uma risada de sino, que poderia dançar a noite toda como uma flor girando despreocupada na brisa da primavera. Fayline... que era sua noiva. Poderia não ser o corpo de Fayline que ele segurava em seus braços, mas ele sentia a alma dela irradiando de seu núcleo. Ele a reconheceria em qualquer lugar, independentemente da forma que ela usasse.

Por fim, seu choro diminuiu. Ela simplesmente se agachou ali, agarrando-se à frente de sua camisa, pressionando a cabeça contra seu coração como uma criança que precisava de conforto. Ele a segurou, sua bochecha

descansando contra o topo de sua cabeça, seus braços apertando suavemente, como se, se ele pudesse apenas segurá-la com força o suficiente, se ele pudesse apenas pressioná-la perto o suficiente, ele poderia de alguma forma, apesar de tudo, ainda salvá-la.

Mas a salvação não era mais possível, e ambos sabiam disso. Então, eles simplesmente ficaram sentados, em silêncio e assustados, segurando o pouco que restava entre eles. Seu corpo estremeceu. A provação que ele tinha acabado de suportar e o veneno em seus pulmões o deixaram mais fraco agora do que nunca. E sob essa fraqueza, seu coração batia forte com a urgência de se mover, de apressar seu destino. Antes que fosse tarde demais. Mas ele reprimiu esses impulsos. Não havia destino, nem visão, nem profecia. Não neste momento. Neste momento, por mais breve que fosse, havia apenas Fayline. E ele estaria presente neste momento com Fayline.

Por fim, ela se afastou e olhou nos olhos dele. As feições de Liselle se enrugaram quando a alma de Fayline olhou para fora com os olhos alagados. — Cerine? — ela perguntou suavemente.

Sua garganta engrossou dolorosamente. Através dos olhos de sua mente brilhou aquele rosto branco e imóvel deitado no travesseiro onde ele a havia deixado. Tão frio, tão frágil... tão recentemente quebrado por uma maldição que ela não pôde suportar. — Ela está viva. — disse ele. Pelo menos, ela estava algumas horas atrás, quando Terryn a encontrou em Dunloch. O que havia acontecido com ela e com toda a casa do castelo desde então, ele não sabia. Como que para se convencer, ele repetiu: — Ela está viva.

— Bom. — Fayline acenou com a cabeça e seu queixo afundou no peito. Os cachos desgrenhados de Liselle caíram em cortinas de cada lado de seu rosto. — Eu... Eu não queria matá-la, Gerard. De verdade.

— Eu sei. — Gerard tocou sua bochecha com ternura. Todo o corpo dela estremeceu sob a ponta dos dedos e sua alma se retorceu de tristeza. Ele queria perguntar a ela sobre Terryn. Ele queria perguntar o que a bruxa fantasma tinha feito com seu irmão. Mas ele temia a resposta e não conseguia pronunciar as palavras.

— Eu... Não sei se aguento muito mais tempo. — Ela sussurrou. — Eu estou tão... cansada. Tão fina, tão esticada. E eles são mais fortes do que eu. E mais raivosos.

Gerard acenou com a cabeça lentamente. Ele não conseguia pensar no que dizer, então manteve a boca bem fechada. Quando Inren assumisse a ascensão novamente, ela o mataria. Se ele tivesse algum bom senso, ele deveria se levantar, derrubar este corpo hospedeiro enquanto podia, e se apressar para longe daqui. Mas qual seria o objetivo? Mesmo que conseguisse levantar a mão em violência contra Fayline, não tinha mais ideia de onde estava. A vastidão da Floresta da Bruxa o cercava. Não havia sol acima, nenhuma luz, nenhuma estrela-guia para fornecer qualquer sentido de direção. Apenas mais escuridão, meia-luz e veneno, tanto quanto seus olhos podiam ver.

Fayline inclinou a cabeça, os cílios claros tremulando suavemente. — Eles sempre me disseram que você era o Príncipe Dourado. A promessa da Deusa ganhou vida. — Não havia zombaria em suas palavras. Poderia até ter havido um traço de admiração.

Mas Gerard sentiu como se ela tivesse lhe dado um golpe no estômago. — Sim. — Ele disse, soltando um longo suspiro. — Eles me contaram a mesma história. Não é verdade.

— Não. — Fayline respondeu, balançando a cabeça. — Não, eu percebi isso. Eu vi Terrível Odile, o Veneno. Ela está viva. Mantida junta por fios de

magia, mas viva. E ela vai receber sua coroa. Nada vai impedi-la, nem mesmo a própria Floresta da Bruxa.

— Eu vou impedi-la. — Ele não disse as palavras com confiança. Mas enquanto ele falava, algo aconteceu... algo mudou dentro dele. Talvez fosse apenas sua insanidade o levando a uma loucura mais profunda. Não importa. Quando as palavras saíram de sua língua, seu coração bateu em um ritmo constante e ele respirou com mais facilidade, apesar do veneno em seus pulmões.

Ele olhou sem piscar para Fayline, e os olhos dela dispararam para frente e para trás enquanto ela estudava seu rosto. — Você não pode pará-la.

— Eu vou. — Ele respondeu. — Mas primeiro devo ir para Dulimurian.

Fayline balançou a cabeça violentamente. — A Cidade da Nova Deusa não existe mais. Agora pertence à coroa. Não duvide de mim, Gerard! Eu vi com esses olhos. Eu vi o muro que cerca a cidade, um muro de vinhas vivas. Mesmo Odile não pode passar. Ainda não. Ela fez... ela fez a bruxa tentar carregá-la. Para evanescer além da parede. Quase nos destruiu.

O efeito de suas palavras foi exatamente o oposto da intenção de Fayline. Gerard, ouvindo seu aviso, sentiu sua esperança reviver. — Odile não chegou à cidade? — ele sussurrou. Então, novamente. — Odile não chegou à cidade. — Ele se levantou, a força voltando a seus membros enquanto a inspiração alimentava sua alma. — Pela Deusa, ainda há tempo!

Ainda agachada na lama, Fayline olhou para ele, balançando a cabeça cada vez mais rápido. — Não, não, não. Você não me ouviu? Você não pode passar! Ninguém pode. Nem mesmo Odile.

— Mas eu vou. — Gerard respondeu. — Eu vi isso, Fayline. Tenho que passar. — Ele estendeu a mão e, quando ela hesitou, puxou-a para ficar de pé. Ela ficou perto dele, fria, trêmula, desesperada. Espíritos guerreavam por

trás das pupilas de seus olhos roubados. Mas ele perscrutou além do tumulto em seu centro, olhando para Fayline e Fayline sozinha.

— Você pode me levar lá? — ele perguntou. — Você pode me levar até a parede?

Ela assentiu lentamente. — Não é longe. Mas não tenho nenhuma âncora plantada perto o suficiente para nos levar até lá. Teremos que caminhar.

CAPÍTULO 6

Terryn ficou piscando nas sombras, preso em um sonho sem forma.

Não ficou sem forma por muito tempo. A escuridão pareceu se aglutinar, transformando-se em formas que ele pensou ter reconhecido. Lentamente, as formas se solidificaram e sua visão clareou. Ele viu uma série de edifícios familiares para ele, e ele caminhou por um caminho estreito de pedra entre esses edifícios, mantendo-se perto de uma parede. Depois de alguns passos, ele percebeu que estava passando pelo celeiro e se dirigindo aos estábulos do Castelo Dunloch. A luz da lua banhava o pátio do estábulo de pedra à sua frente, e havia algo familiar sobre tudo isso, até mesmo sobre a tensão no ar.

Quando seus ouvidos captaram o som de passos suaves atrás dele, ele se abaixou rapidamente para o abrigo da porta do celeiro e espiou para fora do esconderijo para ver uma figura se aproximando. Ela também se mantinha perto dos edifícios, usando suas sombras para se esconder, mas às vezes não conseguia escapar de um raio de luar perdido. O brilho branco revelou um rosto severo, sobrancelhas escuras e cabelos longos e soltos.

Sua garganta engrossou ao vê-la, e seu estômago deu um nó. Algo como um instinto ou uma memória o incitou a se mover. Como se já tivesse feito isso antes. Quando ela desceu o caminho estreito que conduzia entre o celeiro e a outra construção de pedra, ele estendeu a mão e segurou seu braço, sentindo o arrepio da surpresa passar por ela. Com um único movimento fluido, ele a girou e pressionou-a contra a porta do celeiro.

As longas saias vermelhas se alargaram, roçando em suas pernas. Isso não fazia parte dessa memória, não. Parecia que suas memórias estavam se

fundindo. Mas no momento ele não se importava. Não enquanto ele a tinha em suas mãos, uma mão ainda segurando seu braço enquanto a outra cobria sua boca, sufocando seu grito de raiva. A respiração dela estava quente contra a palma da mão dele, e seus olhos o fulminaram com fúria, como pederneiras lançando faíscas de raiva na escuridão.

Essas faíscas foram suficientes para acender um fogo em suas entranhas.

Ele se inclinou mais perto, e suas narinas se encheram com o cheiro dela, sabonete de soda cáustica e cavalo, pinho e couro. E por baixo dele, o perfume inconfundível de uma feminilidade inebriante. Quando ele tirou a mão de sua boca, ela não falou. Seus lábios se separaram e ela deu uma respiração curta e ofegante. Seu peito subia e descia como se ela tivesse acabado de correr um quilômetro. Ela usava um glorioso vestido de baile vermelho que cortava seus ombros e expunha a pele branca de seus seios. Ele viu a cicatriz do longo corte que Fendrel fizera ao limpar o obliquo de seu corpo. Estendendo-se entre os seios, destacava-se vermelha e em carne viva contra a pele branca.

Seu coração doeu com a visão. A mão dele pousada em seu ombro nu deslizou para baixo para que ele pudesse descansar os dedos gentis sobre a cicatriz, arrastando-se levemente ao longo de seu comprimento. Ela estremeceu com o toque dele e prendeu a respiração. Ele se afastou e ergueu o olhar para encontrar o dela. Seus olhos ainda queimavam, mas o brilho havia derretido em uma expressão totalmente diferente. Seus lábios separados tremeram.

O calor palpitou nas veias de Terryn. Ele conhecia a lei de Santo Evander. Uma pessoa tomada como ele sentir o que estava sentindo, ceder às sensações de queimação em sua pele, era um pecado imperdoável. Ele sabia que deixar seu olhar permanecer em seu rosto, seus olhos escuros como líquido, seus lábios, seus ombros, era se permitir ficar parado na beira de um

precipício. Uma vez que ele caísse, ele nunca poderia ser salvo. Ele deveria deixá-la ir. Ele deveria se afastar e fugir da tentação conforme foi treinado.

Mas ele não conseguia. Ele estava enfeitiçado.

Sua boca se moveu. Ele tentou falar o nome dela. Mas antes que a língua dele pudesse formar qualquer som, ela ficou na ponta dos pés e pressionou os lábios nos dele. Esse toque enviou um choque como um raio direto para seu núcleo.

Ele soltou seu braço e agarrou-a pelos cabelos na parte de trás de sua cabeça, segurando sua cabeça no lugar enquanto a beijava novamente e novamente, virando a boca primeiro para um lado, depois para outro, em uma necessidade desesperada de encontrar o perfeito encaixe com a dela. As mãos dela, espalmadas em seu peito, deslizaram ao redor de seu pescoço, seus dedos aquecendo sua pele. Com um grunhido na garganta, ele puxou a cabeça dela para trás e beijou sua bochecha, sua mandíbula, seu pescoço até o local onde a cicatriz começava na depressão entre suas clavículas. Ele sentiu a vibração delicada de seu pulso sob seus lábios. Seu gemido suave cantou em seus ouvidos, deixando-o selvagem.

De repente, seus braços estavam cheios de fogo.

Terryn abriu os olhos e viu seu rosto o encarando através das chamas dançantes. Ele recuou horrorizado quando a pele dela empolou, descascando. Sua boca se abriu em um grito silencioso de agonia, e as chamas devoraram seu vestido, enegrecendo sua pele. Chamas azuis.

Com um grito de horror, Terryn tentou agarrá-la, tentou tirá-la do fogo. Mas ela escorregou por entre suas mãos, intocável, inalcançável. Ele sentiu o calor em seu rosto, em sua pele, mas o fogo não o queimou, apenas ela. Ele estava totalmente indefeso enquanto ela era consumida diante de seus olhos.

Em torno dele, o mundo se derreteu em um caos de escuridão. A pulsação de seu próprio horror agitou-se, esmagando sua alma como uma pedra moendo trigo. Ele girou no lugar, procurando algum meio de fuga, algum meio de ajuda. Mas ele estava sozinho, preso, observando Ayleth queimar, seu grito silencioso despedaçando seu espírito com sua angústia sem fim.

De repente, uma cortina branca brilhante caiu diante de seus olhos. Não, não uma cortina, uma asa. Translúcida e cintilante com magia e luz, ela bloqueou sua visão da escuridão, do fogo, enchendo seus olhos com sua pureza.

— *Você tem o ar dos Assombrados em seu sangue.* — Uma voz como uma canção falou em seu ouvido. — *Está envenenando você, corpo e espírito.*

Os Assombrados?

Terryn piscou várias vezes, levando as mãos à cabeça e puxando o cabelo. Lampejos de memória voltaram a ele, imagens da realidade rasgando, de Liselle di Marin entrando e saindo do mundo. Ele se lembrou de sua luta com a Bruxa Fantasma, seus dardos voando pelo ar vazio. Mãos na garganta. A bruxa o arrastou por uma fenda na realidade. Naquele instante, ele soube que estava perdido. Ela o deixaria lá, preso nos Assombrados, preso em uma eternidade de sofrimento. E não havia nada que ele pudesse fazer para impedi-la.

Apenas...

Outro lampejo de memória. Ele se lembrou do rugido do clarim de Nisirdi. Ele se lembrou das garras de seu dragão de luz rasgando a alma da Bruxa, segurando-a de forma que ela não pudesse se livrar. Ela foi forçada a evanescer de volta ao mundo mortal, trazendo Terryn com ela. Mas não antes de ele respirar em uma grande golfada de puro oblivis.

Portanto, as imagens que acabara de ver, de Ayleth em seus braços, daquelas chamas devorando sua carne, não passavam de uma projeção de sua mente. Nada além do tormento do ar envenenado que ele respirou exercendo influência em seu cérebro.

Terryn se recompôs, seu espírito se preparando contra os horrores que sabia que o esperavam além do abrigo da asa de Nisirdi. — *O que eu posso fazer?* — Ele perguntou, sua voz trêmula. Ele conhecia apenas uma maneira de eliminar o veneno do oblivis de um corpo comprometido. Fendrel tinha a habilidade para isso, canalizando sua magia do sangue Anathema para purificar o sangue ao receber a maldição e depois passá-la para outra criatura. Terryn o vira executar o feitiço em Ayleth apenas dez dias atrás. Mas Fendrel não estava aqui.

— *Posso ajudar você.* — disse Nisirdi. — *Posso queimá-lo do seu sangue. Não há muito... mas vai doer.*

Terryn estremeceu. Ele e sua sombra ainda não tinham aprendido como equilibrar o incrível poder de Nisirdi com a fragilidade do corpo mortal de Terryn. Seria muito fácil para o dragão de luz queimá-lo vivo de dentro para fora em seus esforços para limpar o oblivis. Mas que outra opção havia?

— *Faça isso.* — disse ele.

Nisirdi acenou com a cabeça e puxou para trás suas asas brilhantes. Terryn mais uma vez olhou para a escuridão agitada de um mundo mortal que agora sabia que estava apenas em sua cabeça. Ele viu Ayleth parada diante dele com aquele vestido de baile vermelho, o cabelo escuro caindo sobre os ombros nus, a cabeça baixa. Ela olhava para ele.

As chamas enchiam seus olhos.

O impulso assumiu e Terryn estendeu a mão para ela. Mas antes que ele pudesse dar um passo à frente, Nisirdi se levantou atrás dele, abriu suas

mandíbulas e lançou um raio de luz direto em seu rosto. Desta vez, Terryn a ouviu gritar.

Ele queria se lançar sobre ela, para protegê-la da explosão, para protegê-la daquela dor. Mas Nisirdi colocou uma garra de restrição em seu ombro, segurando-o de volta. Terryn caiu de joelhos sob a pressão daquela garra e só pôde assistir, horrorizado, enquanto Ayleth queimava. Ela gritou e gritou, suas mãos rasgando o ar vazio como se ela pudesse se libertar. Por fim, misericordiosamente, a fumaça subiu ao redor dela, bloqueando-a de sua visão.

Quando a fumaça se dissipou, quando Nisirdi engoliu a luz acesa, a imagem de Ayleth não existia mais. Terryn se ajoelhou, não na escuridão, mas em uma planície ampla e nua. O solo uma vez rachado e seco agora ondulava com um novo crescimento verde agitando-se com uma leve brisa. O céu ainda estava pesado e nublado, mas não tão pesado como antes, e o brilho de Nisirdi iluminava o mundo.

Mas Terryn não conseguia se levantar. Suor e lágrimas escorriam por seu rosto. Ele não conseguia desviar o olhar do lugar enegrecido no chão onde Ayleth estivera. Ele sabia, ele sabia, Assombrados, droga, que era apenas uma projeção mental. Mas parecia... real...

– *Acorde agora, Terryn. Você ainda está em perigo.*

Terryn fez uma careta com a insistência de Nisirdi. Mas ele sentia o mundo desperto próximo agora, sentia as dores em seu corpo mortal. Ele engoliu em seco, seu olhar se demorando naquele lugar onde Ayleth estivera, seus ouvidos ainda zumbindo com os ecos de seus gritos. Então, com uma maldição nos lábios, ele abriu os olhos...

...e se viu olhando para uma queda vertiginosa até um rio negro e lento lá embaixo.

Terryn respirou fundo. O mundo girou diante de sua visão, e ele levou alguns momentos para perceber que o movimento que viu eram partículas de oblivis flutuando como cinzas no ar.

Ele parecia estar preso na lateral de um penhasco íngreme, preso entre um toco quebrado e uma parede rochosa. Memórias enlouquecidas e nebulosas voltaram para ele, memórias da Bruxa Fantasma voltando para o mundo mortal e jogando-o sobre a borda desta ravina, determinada a acabar com sua vida de uma forma ou de outra, mesmo que ela não pudesse deixá-lo nos Assombrados.

Nisirdi se mexeu dentro de sua cabeça. Terryn fez uma careta. No momento, não havia nada que sua sombra pudesse fazer para ajudá-lo. Esta não era uma situação da qual ele pudesse se livrar.

Ele avaliou seu corpo, testando lentamente cada membro para se certificar de que nenhum estava quebrado. Ele estava machucado e todo dolorido, e seu ombro esquerdo doía, seu braço torcido desajeitadamente em torno do coto. Sua perna direita balançava no ar, enquanto a outra estava presa de forma a interromper o fluxo sanguíneo. Quando ele se mexeu ligeiramente, ele sentiu as pontadas dolorosas do sangue correndo. Doeu, e ele teve que esperar alguns momentos antes que a sensação passasse.

Ele torceu o torso dolorido e olhou cuidadosamente para o alto do penhasco. Eram uns bons trinta pés ou mais até o cume, sem apoios para as mãos ou apoios para os pés óbvios ao longo do caminho. Ele olhou para baixo novamente e percebeu que a queda não era mais do que dez metros ou mais. E o penhasco se inclinava ligeiramente, criando uma inclinação que ele poderia possivelmente ser capaz de deslizar para baixo. Uma margem estreita margeava a margem do rio, apenas larga o suficiente para que ele pudesse andar sem colocar os pés naquela água negra e pegajosa.

Mas para onde o rio levava? Enquanto ele estava falando sobre o assunto, onde exatamente ele estava?

— Dois quilômetros. — Ele sussurrou, fazendo uma careta. A Bruxa Fantasma só poderia evanescer dentro de um raio de dois quilômetros de onde quer que ela tivesse plantado sua âncora. Portanto, ele não poderia estar a mais de um quilômetro de distância de onde ele e Gerard enfrentaram a bruxa...

Gerard.

Todo o corpo de Terryn estremeceu. O que aconteceu com Gerard? Ele o deixou desprotegido, sozinho. Ele ainda estava vivo? Inren o matou? Ela o arrastou e o deixou nos Assombrados como tentou deixar Terryn? Gerard não teria meios de se defender, nenhum meio de impedi-la.

— Não. — Sussurrou Terryn. Dentro de sua cabeça, entretanto, ele gritou, quase incoerente de raiva e desespero. Não, não, não, não! Ele tinha apenas um trabalho, um propósito: proteger o príncipe. Proteger seu irmão. Guardar Gerard contra todos os males deste mundo e de qualquer outro. Um trabalho, um papel, um destino. E ele falhou. Repetidamente ele falhou, desta vez foi a pior de todas.

Nisirdi se moveu dentro de sua cabeça, mas Terryn não conseguiu responder. Ele tentou se levantar, de repente determinado a subir até o topo da ravina. Ele enfiou os dedos nas rachaduras, ignorando as dores nos membros. Mas sua mão escorregou. As pedras ásperas rasgaram sua armadura de couro e arranharam seu rosto e palmas enquanto ele deslizava. Ele caiu com força na margem do rio, o peito arfando com a respiração irregular, os ombros caídos, derrotado.

Mas ele não podia ficar assim. Ele se levantou e olhou para o alto do penhasco, sua mente zumbindo com cálculos rápidos enquanto tentava avaliar a melhor rota para cima, o tempo que levaria. O tempo todo, a verdade gritava

no fundo de seu cérebro, e quanto mais ele ficava ali, mais alto ficava até que ele não conseguia mais ignorá-la.

Gerard não estaria lá esperando por ele. Se ele tivesse algum sentido, ele correria o mais rápido que pudesse no momento em que a bruxa fantasma desapareceu com Terry. Se ele corresse com força suficiente, ele poderia escapar além do alcance de sua âncora antes que ela o encontrasse.

Conhecendo Gerard, ele não fez nada do tipo. Ele ficou e tentou enfrentar a bruxa sozinho, tentou encontrar uma maneira impossível de resgatar Terry. E por sua estupidez, ele morreu.

Mas... talvez não...

— Eu vi a Rainha Bruxa morrer. — A voz de Gerard voltou para Terry. Ele viu o rosto pálido de seu irmão olhando para ele através da névoa do obliquo, seus olhos dourados duros, implacáveis. — E eu estava lá. Eu vi como isso vai acontecer. Odile nunca irá reclamar a Coroa de Éter.

Poderia ser? Haveria forças em ação além de seus próprios esforços insignificantes de fazer ou morrer, para frustrar as marés do destino?

Terry endireitou os ombros e voltou o olhar para a rota sinuosa e lenta do rio ao longo do fundo da ravina. Ele não sabia aonde isso o levaria, mas de alguma forma ele sabia que este era o caminho que estava destinado a trilhar. — Não é como se eu tivesse muita escolha. — Ele murmurou, olhando para a parede íngreme do penhasco novamente. Uma parede que ele sabia que nunca poderia escalar. Se essa era a vontade da Deusa para ele, ela não era particularmente sutil em torná-la conhecida.

— *Nisirdi.* — disse ele, falando em sua mente.

— *Eu estou aqui.*

— *Fique perto. Não sabemos o que encontraremos desta forma.*

— *Estou com você, Terry.* — respondeu seu dragão de luz. — *Até o fim.*

A luz aqueceu as palmas das mãos de Terry, brilhando entre seus dedos cerrados. Respirando fundo, ele saiu ao longo da margem do rio, primeiro em uma caminhada cambaleante, e então, quando suas forças se recuperaram, correndo.

Ele não tinha progredido muito antes de ouvir os primeiros sons da batalha à frente e a inconfundível dissonância de magia no ar.

CAPÍTULO 7

Ayleth se endireitou, respirando fundo, ofegando, do que se arrependeu instantaneamente quando uma nuvem sufocante de oblivis se derramou em sua garganta e pulmões já revestidos. Ela tossiu, engasgou, cuspiu e deu pequenos goles de ar, tentando não engasgar. A cada tosse, suas costelas se contraíam de dor.

Ela apalpou o lado do corpo, mas não sabia se as costelas estavam quebradas ou simplesmente rachadas. De qualquer maneira, doía. Tudo doía. Suas costelas, seus braços, seu pescoço, suas pernas. Suas calças acolchoadas estavam rasgadas em espiral do tornozelo à coxa. Por baixo das lágrimas, a pele estava em carne viva e vermelha. Isso deve ter acontecido quando as vinhas a agarraram. Sua camisa também estava rasgada na cintura, a pele manchada por hematomas feios.

Respirando fundo, ela observou os arredores. Ela estava encostada no tronco de uma árvore, escondida em meio a um emaranhado de raízes expostas. Outras árvores a rodeavam, tão próximas que seus galhos inextricavelmente se misturavam no alto. A poucos metros de distância, ela viu os restos quebrados de sua máscara em forma de bico. As pétalas de calêndula que serviram para filtrar o ar e poupá-la do pior do oblivis estavam espalhadas em uma disposição amarela brilhante pelo solo negro e sujo da Floresta da Bruxa.

Ayleth balançou a cabeça, tentando se lembrar do que havia acontecido. Imagens brilhantes de batalha e violência encheram sua mente. Lentamente, lentamente, alguns dos momentos se esclareceram. Ela se

lembrou de estar na Estrada da Rainha pavimentada em oblidade com Fendrel e Hollis flanqueando-a e outros evanderianos encapuzados por todos os lados. Ela se lembrou de monstros descendo sobre eles, espíritos torturados presos em corpos hediondos, envenenados pelo ar maligno de Floresta da Bruxa.

— Hollis. — Ela sussurrou. — Kephan, Fendrel... — Algum deles ainda estaria vivo?

Quando ela se moveu para sentar-se ereta, as algemas em seus pulsos tilintaram. Ela fez uma careta para elas. Ferro. Fendrel as colocou, Assombrados o condene. Há quanto tempo ela estava inconsciente? Ela olhou para cima através do emaranhado de galhos, mas não conseguia ter o mais leve vislumbre do sol. Nada ao seu redor indicava a passagem do tempo. Ela poderia ter ficado presa naquele sonho por horas. Parecia que ela tinha vivido uma vida inteira... uma vida inteira de memórias de outra pessoa...

Odile. A mandíbula de Ayleth endureceu. Onde estava Odile?

Ela olhou para a floresta ao seu redor. As árvores erguiam-se altas e silenciosas, seus troncos feridos vazando pus lentamente, que rolava para embeber no solo podre. Oblivis flutuava em correntes preguiçosas de ar. Ela não viu nenhum sinal das vinhas que a agarraram e arrastaram até aqui. Por tudo que ela poderia dizer, ela estava sozinha.

Sua perna se dobrou quando ela tentou se levantar, e suas costelas se contraíram em protesto a qualquer movimento que ela fizesse. Ela quase se esparramou entre aquelas raízes retorcidas, mas conseguiu se apoiar na árvore para se segurar. A seiva pútrida do pus infiltrou-se em suas vestes. Mas realmente, ela decidiu encolhendo os ombros, isso não poderia fazê-la cheirar pior do que já estava.

Algo mudou, algo grande como uma pedra, fora de sua visão periférica.

Ayleth se virou bruscamente. Uma onda de dor percorreu suas costelas. Ela agarrou seu lado, olhando para a escuridão onde ela quase poderia jurar que viu algo. Não havia movimento agora. Nada além do oblivis em constante movimento no ar. Ela realmente não tinha visto nada, apenas... apenas sentido. Não era nada além de seus nervos?

Um arrepio percorreu sua espinha quando ela voltou seu olhar para o chão mais perto de onde ela estava, procurando por marcas de arrasto. Quando as vinhas a trouxeram até aqui, ela deve ter deixado algum tipo de trilha em seu rastro. O solo escorrendo não revelava muito, mas se ela procurasse, poderia encontrar arranhões nos troncos das árvores, galhos quebrados e samambaias, algo que revelaria o caminho, algo que ela poderia seguir de volta à Estrada da Rainha e aos Evanderianos...

Esse pensamento se dissipou no espaço morto. Ela ficou parada por vários momentos, sem pensar em nada, olhando para o nada, o rosto frouxo. Então suas sobrancelhas se uniram em uma linha dura.

Por que ela voltaria? Por que ela tentaria encontrá-los, tentaria ajudá-los? Eles não eram seus amigos; eles não eram seus companheiros de armas. Eles eram seus captores. Eles foram os únicos que a colocaram nesses ferros malditos do Assombrados.

Eles planejavam queimá-la viva.

Ayleth respirou fundo, pouco se importando como o oblivis escorregava por sua língua e descia por sua garganta. Ela nunca em sua vida se sentiu tão perdida. A vastidão da Floresta da Bruxa a cercava, mas suas sombras e horrores rastejantes não a assustavam. Mesmo sem a força de Laranta, ela sabia que poderia cuidar de si mesma. Ela era uma caçadora; ela era uma lutadora. E se ela morresse lutando, que fosse.

Mas se ela escapasse desta floresta... se ela não morresse... como ela iria viver?

O chão tremeu. Algo mudou.

Ayleth se virou, desta vez mais rapidamente, apesar da dor em seu lado, e rápido o suficiente para ver uma protuberância sombria se assentando pesadamente em meio à névoa do oblivis, a talvez dez metros de distância. Era difícil ver com alguma clareza, mas ela achava que eram... espinhos. Não. Ela balançou a cabeça. Não, eram apenas tocos quebrados, galhos. Ela deve ter imaginado...

A corcunda mudou novamente, subindo e movendo-se furtivamente. Era enorme, uma pequena colina viva.

Estava circulando-a.

Reagindo por instinto, Ayleth buscou o poder de Laranta. Mas ela encontrou apenas a parede de veneno de ferro dentro dela. — Assombrados. — Ela sussurrou e se preparou. Sua perna direita fraca tentou dobrar, então ela desviou o peso dela, levantando as mãos algemadas. Essa coisa, fosse o que fosse, tinha que ser tomada por uma sombra. Nada além da sombra poderia sobreviver na Floresta da Bruxa. O que significava que não gostava de ferro mais do que Laranta gostava. Ela poderia usá-lo, transformar sua desvantagem em uma arma.

A coisa não tentava mais esconder sua abordagem. Foram necessários vários passos pesados e a névoa oblivis se dissipou diante dele. Seu corpo maciço atingiu árvores, e elas racharam, dobraram-se, até mesmo quebraram, seus troncos fracos e feridos incapazes de resistir à sua passagem. Ele virou sua cabeça enorme, e ela sentiu o momento em que a viu.

Era como um sapo enorme, atarracado, bulboso, viscoso. Mas a pele viscosa era coberta por muitas escamas salientes, que se eriçavam de seu corpo,

criando o efeito de espinhos. Os olhos eram minúsculos pontos verdes, pingando o que a princípio parecia lágrimas, mas que queimavam no ar espesso. Algum tipo de ácido, adivinhou Ayleth.

Sua boca larga se abriu, e uma enorme língua roxa inchada pendurada para fora, arrastando-se ao longo do chão, juntando podridão e pedaços de detritos. As escamas ao longo de suas costas e quadris se ergueram, e mais veneno borbulhou da pele abaixo para escorrer em grandes bolhas.

De repente, a coisa deformada se agrupou, suas ancas tremendo. Ayleth só teve tempo de perceber que estava prestes a saltar. Ela virou-se para trás da árvore em que estava encostada.

O monstro se espatifou no chão onde Ayleth estava. Seu enorme peso sacudiu o solo, e a árvore oscilou e gemeu, suas raízes tremendo sob o solo. Ayleth cambaleou e caiu de cabeça. Ela se contorceu ao cair, ignorando a dor que explodiu em suas costelas, e olhou para trás.

O monstro não tinha pescoço, então virou o corpo todo para olhar para ela. Sua boca se abriu e aquela língua inchada disparou. Atingiu a árvore em vez de Ayleth e ficou presa no tronco. A criatura deu um puxão e a língua se retraiu, arrancando a casca e a madeira. A árvore rachou, gemeu e caiu, seu tronco quebrado em dois.

Ayleth se esquivou dos galhos que caíam. O instinto de fugir superou temporariamente a dormência em sua perna e ela se lançou para frente. Não havia tempo para se preocupar com direções, estradas, destinos. Tudo o que importava era fugir.

Algo atingiu a parte de trás de seu joelho com força. Sua perna cedeu e ela caiu de cara na terra suja. Ela mal teve tempo de puxar a cabeça para cima antes de ser puxada dolorosamente para trás, arrastada pelo chão com uma

velocidade chocante. Ela não tinha tempo para pensar sobre o que estava acontecendo, não tinha tempo para sentir dor. Ela tinha segundos para reagir.

Torcendo na cintura, ignorando o protesto em suas costelas, ela abaixou as mãos bruscamente, cortando os elos de ferro entre elas direto para aquela língua inchada. Com uma clareza nítida, quase irreal, ela viu os pequenos espinhos na ponta da língua, que se cravaram no tecido de sua calça, em sua pele. Então o sangue negro jorrou, fedorento com a praga das sombras.

O monstro gritou. Ele sacudiu todo o corpo, chicoteando a língua para frente e para trás. Ayleth voou para a direita, para a esquerda e para a direita novamente antes que as farpas na língua se soltassem e ela saísse voando, com sorte por não acabar com o cérebro contra uma árvore. Sem o poder ascendente de Laranta, ela não tinha nenhuma força anormal para protegê-la. Ela bateu no chão com força, tombou, caiu de costas e olhou para um dossel de galhos distantes e um vórtice de oblivis girando.

O chão estremeceu embaixo dela. Ayleth rolou sem saber para onde estava indo, apenas com a certeza de que seria melhor continuar andando. Ela rolou até atingir o tronco de uma árvore e parou, as mãos espalmadas diante do rosto, agarrando a sujeira preta.

A ponta daquela língua enorme e roxa, deixando um rastro de sangue, atingiu o chão a poucos centímetros de sua mão direita. Ela recuou, ficou de joelhos, levantou-se, cambaleou, caiu e ficou em pé. Girando, ela enfrentou o monstro, que pairava sobre ela, enorme e horrível além da imaginação. Ela encontrou seus olhos redondos e gotejantes de veneno. Ele abriu a boca, um hálito nocivo escapando de seu sorriso largo e sem lábios.

Sua língua disparou, enfiou-se no centro do peito de Ayleth e puxou.

Ayleth ergueu as duas mãos para agarrar o topo daquela boca feia. Seus pés atingiram a mandíbula inferior, e ela se preparou, gritando e

gritando. Com a força de Laranta, ela poderia ter quebrado sua mandíbula ali mesmo, aberto sua cabeça. Mas ela não tinha nada além de sua própria força mortal, uma perna pronta para ceder, e um torso espasmando de dor. Lodo e veneno a cercavam, e ela olhou para uma garganta ansiosa e pronta para engolir.

Então, diante de seus olhos arregalados, ela viu uma nuvem de escuridão subindo das profundezas daquela garganta. Uma escuridão que explodiu em uma explosão de poder, libertou Ayleth do aperto pegajoso da língua e a fez voar para fora daquela boca.

Ela caiu de costas, atordoada. Seu corpo estava nojento com lodo, que pegou o oblivis no ar e a cobria inteiramente. Acima, mais oblivis se agitaram, cintilando com cargas de energia mágica que até seus olhos mortais podiam ver sem a ajuda da visão das sombras.

Mal acreditando que estava viva, mal conseguindo fazer seus pulmões respirarem, ela rolou para o lado, apoiou-se em um cotovelo e olhou para o monstro. Ele estava em uma pilha de ruínas, um buraco enegrecido explodiu direto por suas costas e saiu pela boca. A língua roxa cedia longa e mole no chão, e uma perna traseira disforme se erguia no ar.

Além do monstro tomado pela sombra, havia uma figura alta e estreita vestida em trapos. Seu cabelo era longo e preto, seu rosto pálido como a morte acima de uma ferida sangrenta no pescoço, que estava espessa com sangue enegrecido e coberta de crostas. Sua mão direita ainda estava levantada, e oblivis girava em torno de seus dedos.

— Odile. — Sussurrou Ayleth.

A Rainha Bruxa. Desta vez, não era uma invenção, nem uma sombra da mente. Em carne.

Fazendo caretas, ofegando, o suor escorrendo pela testa, Ayleth conseguiu puxar os pés para baixo. Ela pressionou as mãos algemadas ao lado do corpo, meio que esperando sentir sua costela quebrada projetando-se através da pele e da camisa. Ela sacudiu a gosma do rosto, fios molhados de cabelo agarrados à testa e bochechas.

— Tudo bem. — ela rosnou. — Você me encontrou. — Ela se endireitou o máximo que pôde, endireitou os ombros e ergueu o queixo, tentando tirar qualquer traço de medo do rosto. — Prossiga. Faça o seu pior.

Odile olhou para ela por cima do cadáver do monstro. Algo brilhou em seus olhos. Luto?

— Olena. — ela disse.

— Este não é meu nome! — Ayleth rosnou, cuspidando sangue e gosma. — Eu não sou... Não sou uma filha ou neta perdida ou o que quer que você pense que sou. Eu não sou nada. Nada além de sua inimiga. Eu vou te matar se eu puder. Você me ouviu? Eu vou matar você!

Odile balançou a cabeça lentamente. Ela contornou o monstro e se aproximou de Ayleth, movendo-se suavemente, quase como se ela flutuasse. Talvez ela fizesse. Oblivis a cercava, flutuando como uma capa, e possivelmente a carregava de modo que ela não precisasse colocar os pés naquela terra imunda. Sua pele parecia branca como a neve contra a escuridão do ar.

Os olhos de Ayleth se voltaram para o monstro destruído e de volta para Odile novamente. Ela sabia o que estava por vir. Outro raio de oblivis, endurecido em pedra, dispararia direto em seu coração, matando-a em um instante.

Mas Odile fechou a distância entre elas, silenciosa como um espectro. Seus olhos eram poços redondos de escuridão. Ela assentiu

levemente, e o obliquo a colocou no chão com a mesma delicadeza de uma mãe que coloca seu filho no chão. Ela ficou a menos de um metro de distância.

Ela ergueu os braços, abriu-os bem e olhou nos olhos de Ayleth. — Muito bem, minha filha. Me mate. — Ela disse.

CAPÍTULO 8

Fayline segurava a mão de Gerard enquanto caminhavam pela Floresta da Bruxa, seus passos confiantes e seguros apesar da palidez de seu rosto. O solo úmido ficou preso em seus pés, abandonando cada passo com um estalo de sucção, e seu avanço foi lento, subindo a maior parte do caminho.

Quanto mais alto eles subiam, mais distantes cresciam as árvores ao redor deles. Gerard olhou para cima entre os galhos, esperando um vislumbre do céu claro. Mas ele viu apenas mais oblivos girando densamente no alto. Ele não percebeu a hora do dia, embora soubesse que já devia ter vagado pela Floresta da Bruxa por muitas horas. Logo a noite cairia, trazendo uma escuridão mais profunda, um medo mais profundo.

De vez em quando, ele olhava de soslaio para sua companheira, para o adorável perfil de Liselle em uma máscara severa. Para a alma de Fayline brilhando por trás daqueles olhos roubados. Ele não tentou falar com ela, nem ela com ele. O que eles poderiam dizer um ao outro agora? Ele suportaria se desculpar novamente por tê-la deixado em Floresta da Bruxa todos aqueles anos? Será que ele suportaria dar mais desculpas, dizer a ela como todos o haviam convencido de que sua alma estava perdida há muito tempo? Ela poderia se desculpar por toda a morte que ela trouxe sobre Dunloch em sua loucura e ciúme?

Não eram mais os mesmos jovens amantes do dia do casamento. Quatro anos pode não ser muito tempo, mas pode muito bem ter sido uma vida inteira. Não poderia haver volta. Não para Fayline, cujo corpo estava morto. Não para Gerard, cujo coração pertencia à outra.

Mas eles se agarraram um ao outro mesmo assim, os dedos entrelaçados. Unidos pela última vez sob as sombras das árvores da Floresta da Bruxa.

A paisagem se elevou em uma inclinação constante por uma boa distância antes de repentinamente se quebrar em um enorme corte, como se algum grande animal tivesse dado uma mordida na terra. O penhasco diante deles tinha pelo menos 12 metros de altura e proporcionava uma vista de vários quilômetros. Gerard parou na beirada, seu coração batendo forte enquanto olhava para as ruínas de Dulimurian, para o monólito distante e a silhueta do ídolo, sua mão estendida para o céu. Mas isso não conseguiu prender sua atenção por muito tempo.

Gerard piscou e deu um passo para trás, mas se forçou a olhar para baixo, para observar o que acontecia na base do penhasco.

Monstros mais horríveis do que qualquer mente mortal poderia sonhar enxameavam abaixo, seus corpos quebrados meras gaiolas de ira para abrigar os espíritos queimando dentro deles. Eles gritavam, rugiam e sacudiam em um coro de vozes torturadas que rasgavam o ar e despedaçavam a alma. Mas mesmo essas não eram tão terríveis quanto aquela parede, a parede viva de trepadeiras negras e entrelaçadas que se erguia acima de suas cabeças. Alguns dos monstros tentaram escalá-la, mas foram rapidamente capturados, arrastados para dentro e esmagados. Pedacos de restos mortais e polpudos foram cuspidos de volta para chover sobre as cabeças dos irmãos infernais.

Eles não paravam. Seus gritos incessantes, seu ardor não diminuía, eles se jogaram contra a parede, rasgando e rasgando. Explosões de magia atingiram as espirais negras, chamas, maldições e ventos. Às vezes, pareciam avançar um pouco e um lugar estreito aparecia na parede, pronto para

ceder. Mas a cada vez, antes que as criaturas pudessem irromper, as vinhas se reafirmavam, disparando para cobrir a lacuna e se entrelaçando firmemente.

Gerard balançou a cabeça lentamente. Então, esse era seu aliado temporário, certo? A própria Floresta da Bruxa, lutando contra as hordas de Odile, era a única razão pela qual sua batalha ainda não estava perdida.

— Eu devo passar. — ele sussurrou. Ele não falou alto o suficiente para Fayline ouvi-lo. Suas palavras eram apenas para ele. — Eu tenho que ir para a cidade. Para o ídolo. — Se tudo o que ele tinha visto na visão de Nilly fosse verdade, esta parede, embora formidável, não duraria para sempre. Odile iria quebrá-la, e ele deveria estar lá do outro lado, esperando por ela.

Ele se virou para Fayline. Ela ficou perto dele, tremendo como uma folha, olhando para aqueles monstros, para aquelas vinhas. Essas visões não foram feitas para olhos mortais, certamente não para olhos doces e alegres como os de Fayline.

Gerard ergueu a mão dela e colocou a outra mão em cima dela, pressionando com força, como se pudesse segurar o espírito dela. Assustada, ela olhou para ele. — Você pode me ajudar? — ele perguntou. — Você pode... você pode controlar seus poderes? Você pode evanescer?

— Não por isso. — Ela choramingou, seus olhos redondos e pálidos em seu rosto branco. — Eu te disse, nós tentamos. Quase nos matou.

— Tente novamente. — Gerard apertou a mão dela com urgência. — Por favor, Fayline. Tente novamente. Comigo. Se estivermos perdidos... — Sua voz sumiu e ele estremeceu. Aqueles momentos luminosos dos Assombrados ainda estavam lá em sua mente, apesar dos esforços de sua memória para reprimi-los. Terminar preso naquele horror por toda a eternidade era um destino pior do que qualquer um que ele poderia imaginar. Mas ele não ficaria preso. Ele não poderia. De qualquer maneira, ainda não.

Ele puxou Fayline para mais perto dele, perto o suficiente para que ele pudesse inclinar a testa quase para tocar a dela. — Se ficarmos, Fayline. — disse ele gentilmente. — Estaremos perdidos juntos.

Ela choramingou novamente e abaixou a cabeça, fechando os olhos contra o olhar dele enquanto os monstros gritavam e morriam abaixo. Gerard temeu que ela protestasse novamente ou simplesmente desabasse no chão ao lado dele. Em vez disso, ela alcançou as dobras de seu vestido esfarrapado e retirou uma joia negra brilhante. Uma âncora de maldição. Ela começou a falar palavras estranhas em uma língua que Gerard não conhecia, movendo os dedos em um padrão complexo no ar acima, como se costurasse fios invisíveis. Foi estranho ver. Magia. Ela estava fazendo magia, que ele não podia perceber sem a visão da sombra, mas quase podia sentir no ar ao redor deles.

Por fim, Fayline se agachou e plantou a pedra no chão entre seus pés. Ela se levantou, de frente para ele, e segurou as mãos dele. — Está feito. — Ela disse. — Essa é a minha última âncora. Se... se Floresta da Bruxa não nos deixar passar, deve ser forte o suficiente para nos trazer de volta. Mas... — Ela não terminou. E Gerard estava grato por seu silêncio.

Ele a puxou para si, envolvendo-a em seus braços, segurando sua cabeça contra seu coração batendo forte. — Fayline... — disse ele, falando em seu cabelo enquanto ela se agarrava firmemente a ele. — Fayline, eu...

O mundo se despedaçou.

Trevas por todos os lados. Escuridão, horror e sua alma torcida e esticada em uma prateleira. Gritos, seus próprios e de incontáveis outros. Fim e sem fim ao mesmo tempo.

Fayline. Onde estava Fayline? Ele estendeu a mão com seus sentidos desesperados e sentiu a alma dela em seus braços. De alguma forma, ele ainda

tinha forma física aqui neste mundo não físico enquanto eles passavam juntos, seguindo seus caminhos sombrios.

A última vez que ela o arrastou através dos Assombrados, aconteceu em apenas um momento. Isso foi mais longo. Talvez dois momentos, não mais. Mas parecia muito pior. Ele sentiu a oposição de uma mente enorme e terrível lançada contra eles, pronta para revidá-los ou reduzi-los a nada. Mas então, inexplicavelmente, a resistência se transformou em interesse. Pareceu a Gerard como se ele tivesse ouvido uma voz em sua cabeça.

— Ah. Aí está você. Eu estive esperando por você...

Então Gerard estava caindo, caindo degraus de pedra dura. Ele conseguiu levantar um braço para proteger a cabeça, mas não conseguiu se conter até chegar ao fundo e rolar para uma superfície plana. Todos os ossos de seu corpo estremeceram, todos os músculos tensos. Sua pele era uma massa de arranhões e hematomas sangrentos. Ele rolou uma última vez para cair de costas e olhar para um céu distante que girava lentamente, pesado com o oblivis. Nas bordas de sua visão, ele viu...

Torres. Estruturas quebradas e arcos de pedra negra. Oblidite.

Ele se sentou, ofegante, e olhou em volta. As ruínas de Dulimurian o cercaram, as ruas e edifícios, as pontes e canais vazios. Tudo tinha sido puxado para baixo, quebrado e meio devorado pela sujeira negra. No monólito em camadas no centro da cidade, o ídolo de Odile se elevava sobre tudo. Quebrado, caído de joelhos, sem cabeça. Ainda dominando tudo à vista.

Algo azul brilhava na palma da enorme mão erguida do ídolo.

Gerard se levantou. No momento, seu olhar paralisado, ele foi incapaz de desviar o olhar do ídolo. Em seguida, um som de asfixia alcançou seu ouvido e ele se virou. — Fayline? — ele sussurrou.

Lá estava ela no topo da escada. Ele vislumbrou o topo de sua cabeça dourada enquanto ela tentava se erguer com os braços, mas o esforço era muito grande e ela caiu no chão.

— Fayline! — ele gritou e apressou-se a subir os degraus, cambaleando todo esse caminho. Embora sua mente e seus sentidos ainda estivessem meio destruídos pela jornada através dos Assombrados, ele seguiu em frente, determinado a alcançá-la.

Antes que ele alcançasse o topo da escada, ela se apoiou nos cotovelos novamente e olhou para ele. — Pare! — ela gritou, estendendo uma mão dilacerada e ensanguentada. Então ela gemeu, seus olhos revirando em sua cabeça, seu pescoço caindo para frente até que seu cabelo se arrastasse nas pedras. — Ele nos deixou passar... — disse ela. — Ele nos deixou passar...

— Fayline? — Gerard deu mais dois passos, estendendo a mão em direção a ela. — Fayline, está tudo bem. Estou aqui.

— Eu sei, eu sei. — Ela soluçou, seus ombros arfando. — Mas... mas... — Seu rosto se ergueu... e não foi Fayline que ele viu olhando para ele com aqueles olhos roubados. — Ela não está aqui, príncipezinho. Não mais.

Gerard cambaleou para trás, seu coração caindo no estômago. O sangue foi drenado de seu rosto, deixando-o tonto, e sua visão escureceu nas bordas. Ele não tinha nenhuma arma, nenhum meio de se defender.

A Bruxa Fantasma se ergueu em movimentos bruscos e duros, todos ângulos e arestas. Suas mãos se enrolaram em garras cruéis e seus lábios se afastaram, mostrando os dentes manchados de sangue. Ela estremeceu, cambaleou e se preparou.

Então ela deu dois passos em direção a Gerard, pronta para agarrá-lo, para arrastá-lo de volta para os Assombrados e deixá-lo lá para apodrecer para

sempre em tormento. Uma risada horrível explodiu de sua garganta quando ela deu um terceiro passo.

Antes de seu pé pousar, a pedra abaixo dela rachou, e uma videira disparou da terra abaixo, envolvendo suas pernas e ao redor de sua cintura, prendendo seus braços ao lado do corpo, enrolando grosso e rápido até que ela desapareceu completamente dentro dela.

— Não! — Gerard gritou. — Fayline! — Ele se atirou nas vinhas, rasgando-as com as próprias mãos. Mas ele poderia muito bem ter rasgado uma pedra, tão impermeável era aquela pele carnuda. Ele bateu, praguejou, implorou e gritou.

Houve uma explosão de escuridão, um rasgo no ar. Um instante de grito. Quebra.

Gerard caiu de joelhos. Ele não conseguia falar. Ele não conseguia respirar. Ele não conseguia pensar. Ele só podia olhar para aquela videira, para aquele lugar saliente onde seu corpo deveria estar. Ele só podia assistir enquanto gotas de sangue escorriam entre as espirais e caíam nas pedras quebradas abaixo.

A videira recuou, deslizando de volta para o solo. A escada de pedra ondulou com seu movimento, e então tudo ficou quieto. Nada foi deixado para trás. Nada. Exceto...

Gerard abaixou a cabeça, curvou todo o seu corpo no chão, seus dentes rangendo com tanta força que ele pensou que sua mandíbula fosse quebrar. Lágrimas escorreram por seu rosto e seu corpo estremeceu e se contraiu. Então ele vomitou, e o conteúdo de seu estômago era preto com a poeira oblivis quando se espalhou para os degraus abaixo.

Então ele rastejou, arrastando seu corpo pesadamente para os restos manchados na pedra. Lágrimas nublaram seus olhos, mas não o suficiente para

cegá-lo para o horror daquela visão. Sua mão se estendeu, tremendo, e encontrou dedos quebrados, que ele agarrou com força.

Fayline... Liselle...

Seus lábios se moveram, lutando para formar palavras que não viriam. — *Que a Deusa receba você...* — Ele engasgou, cuspiu e se dobrou. — *Queira a Deusa... que a Deusa...* Oh, Deusa!

Ele quebrou com soluços. Todo o peso do mal e do horror caiu sobre seus ombros. Ele sentiu a crueldade, a injustiça, a sordidez que os havia levado todos a este lugar. Ele sentiu sua própria culpa, todos os caminhos, grandes e pequenos, em que ele havia pavimentado essa estrada de horror. A desesperança, a inutilidade, era mais do que ele podia suportar. Ele sabia que nunca poderia ficar de pé novamente, nunca poderia encontrar forças.

Uma frieza suave tocou sua testa, como o toque de uma mão macia.

— *Gerard...*

Seu coração congelou no peito. Ele deveria estar louco. Ele deveria ter perdido o juízo.

— *Gerard... meu amor...*

Ele se sentou bruscamente, puxando a cabeça para trás. Seus pulmões se contraíram, incapaz de respirar.

O que era essa luz brilhando, invisível aos olhos? O que era essa voz, essa voz que ele quase conhecia?

Um toque de dedos, uma pena leve em sua bochecha. Um roçar de lábios contra sua boca aberta, flácida e manchada de poeira...

Ele piscou. E ele estava sozinho na escada, agachado sobre os restos mortais. Sozinho com seus sentidos mortais limitados. Preso em seu corpo mortal. Sozinho.

As ruas silenciosas de Dulimurian o cercaram. O ídolo esperava atrás dele.

Gentilmente, com reverência, Gerard colocou a mão ensanguentada de Liselle sobre o que restou de seu seio. Com dedos trêmulos, ele fechou os olhos dela. Ele não tinha certeza se teria forças para ficar de pé, mas quando firmou as pernas, elas o obedeceram. Ele se levantou e se virou. Enfrentou o ídolo.

Enfrentou o que deve ser seu fim.

— Deusa. — Ele sussurrou. — Minha vida, minha morte... tudo o que resta. Use-a.

Ele começou a descer a escada, descendo para a estrada que conduzia direto pelas ruínas ao centro da cidade.

Um brilho chamou sua atenção. Gerard olhou e viu a borda brilhante de algo deitado na base da escada, ao lado e meio escondido. Ele não tinha notado isso antes. Mas ele sabia o que era antes mesmo de ver claramente. Ele se moveu em direção a ele em um impulso como o instinto e se agachou para pegá-lo, sua mão fechando-se confiantemente ao redor do punho de uma espada.

Uma espada negra esculpida em oblidite pura. Mais afiada do que qualquer aço. Ele a girou lentamente, olhando com grande admiração para cima e para baixo em seu comprimento. Sua fabricação era perfeita, o peso era confortável e estranhamente familiar em suas mãos. Um presente digno de um príncipe. De um rei.

Gerard fez uma careta. Ele sentiu o gosto de oblivis e vômito na boca.

CAPÍTULO 9

As palavras de Odile ecoaram no ar, ecoando como sinos de um santuário distante:

Me mate.

Me mate.

Me mate.

Ayleth olhou fixamente para Terrível Odile. Sua visão pareceu escurecer nas bordas, afundando em um foco perfeito naquela imagem alta e fria. Os ecos morreram, deixando para trás um silêncio tão perfeito, tão completo que Ayleth quase acreditou poder ouvir o sussurro das partículas do oblivis enquanto se agitavam no ar.

Um grito selvagem e repentino explodiu em sua garganta. Ignorando a dor na caixa torácica e na perna, ela se jogou direto em Odile, pegando-a pelo pescoço. Ela não precisava da força de Laranta, não então, não naquele momento selvagem de sede de sangue. Seu próprio corpo estava fortalecido o suficiente. Ela jogou a bruxa no chão tão facilmente quanto uma boneca de palha. Odile se espatifou no solo negro que gotejava, lama fétida manchando seu rosto e espirrando nos olhos de Ayleth. Ayleth afundou em cima de seu peito, sentando-se escarranchado nela, e deslizou a corrente de ferro de suas algemas sob o queixo da mulher, contra sua garganta, pressionando cada vez mais forte, ao longo da horrível cicatriz deixada quando o Rei Escolhido cortou a cabeça do Veneno.

Ayleth não precisava de sentidos de sombra ascendente para sentir o poder crescente da magia ao seu redor. O espírito dentro de Terrível Odile

respondeu ao ataque, atacando com braços escuros e sombrios. Mas embora Ayleth pudesse sentir a magia transbordando ao seu redor como uma tempestade, nenhum golpe veio.

Em vez disso, uma música estranha soou em seus ouvidos. Como o canto de uma flauta evanderiana, porém mais complexa, mais terrível. Uma música que, ela percebeu, estava lá o tempo todo, só que ela não conseguia ouvi-la até agora. Somente neste momento, neste momento equilibrado no limiar da vida e da morte, tornou-se audível, cortando seus limitados sentidos mortais para atingir seus suprimidos sentidos de sombra.

Ela nunca tinha ouvido uma música assim, mas reconheceu imediatamente o que deveria ser. Não poderia ser outra coisa, pois essa canção era feita de gritos de morte e terror, de sangue fluindo e almas assustadas, de dor e tristeza, lágrimas e miséria, tudo misturado em um coro terrível de mil vozes agudas.

Este era o Cravan Druch. O feitiço da música sustentando a vida de Odile.

O feitiço que só Ayleth poderia quebrar. O feitiço que ela estava quebrando.

Ayleth firmou a mandíbula e redobrou os esforços, pressionando com mais força a corrente. Seus punhos cravados na lama de cada lado do pescoço de Odile, e ela apoiou todo o seu peso neles. Os olhos de Odile se arregalaram. Sua boca se abriu; sua língua se projetou. Suas mãos rasgaram o ar vazio. Ela poderia facilmente ter arranhado os olhos de Ayleth, rasgado sua pele, mas não tocou na neta.

A qualquer momento o ataque viria. Ayleth sabia disso, preparou-se para isso. E seria um golpe mortal, repentino, doloroso e completo. Ela tinha visto o que a sombra de Odile podia fazer, ela sabia o quão poderosa

era. O oblivis no ar iria endurecer de repente em um espeto e espetá-la, prendendo-a a uma das árvores. Ou o oblivis em seus pulmões iria se inflamar espontaneamente, queimando-a de dentro para fora. Ela esperava essas e muitas outras mortes horríveis.

Mas a sombra de Odile, embora se debatendo descontroladamente em tormento, não atacou.

Foi o ferro? A sombra estava reagindo tão fortemente ao toque do ferro contra a garganta de seu corpo hospedeiro? Mas não... uma quantidade tão pequena de ferro não poderia dominar um poder tão grande. Não, não poderia ser isso. Só poderia ser...

A própria Odile. Ela mantinha sua sombra sob controle. Ela iria deixar Ayleth matá-la.

O Cravan Druch inchou até ficar febril.

Com um suspiro gutural, Ayleth ergueu as mãos e caiu para trás, empurrando com os pés para se afastar do corpo caído de Odile. Ela recuou até uma árvore e pressionou as omoplatas contra o tronco, ofegando loucamente. Ela não sabia por quê. Ela não entendia. Assombrados, droga, ela deveria terminar o trabalho! Ela estava tão perto... Ela choramingou, pressionando as mãos contra o coração. Lágrimas escorreram dos cantos de seus olhos e correram por suas bochechas.

Odile ficou imóvel por algum tempo. Apenas a ascensão e queda convulsivas de seu peito indicavam vida. Então, lentamente, ela se sentou. Oblivis girava em torno dela, puxando a sujeira e lama de seus cabelos e retirando-os de sua pele, limpando-a até que ela estivesse tão pura e imaculada quanto uma senhora recém-saída do banho. Seu cabelo preto caía em ondas ao redor de seu rosto, sobre os ombros. Ela dificilmente parecia mais

velha do que a própria Ayleth. Mas sua ferida no pescoço estava em carne viva e feia. A cicatriz reabriu um pouco sob o ataque de Ayleth

Odile colocou a mão na garganta, os dedos deslizando suavemente para cima e para baixo. Ela se virou para Ayleth, olhando-a com brandura. — Você ainda não terminou, criança. Você se importaria de tentar novamente?

Ayleth não conseguiu responder, nem mesmo para sacudir a cabeça. Seu corpo inteiro estremeceu, embora ela não entendesse. Era um feitiço? Alguma proteção, alguma variação do Cravan Druch? Algo para impedi-la de cumprir seu propósito?

Não. Ela sabia a verdade. Ela não poderia fazer isso. Ela não poderia matar Terrível Odile. Não por causa de um feitiço, magia ou supressão. Isso não era nada além de sua própria fraqueza, seu próprio medo. Ela não suportava fazer isso.

Porque então... ela estaria verdadeiramente sozinha neste mundo.

Em sua mente, ela viu as imagens do sonho novamente, de Odile com as mãos enterradas nas cinzas, rosto erguido para os céus enquanto gritava, de Odile deitada em uma cama de parto cercada por cortinas escuras enquanto uma parteira colocava sua filha, Olecia, em seus braços, de Odile de pé na palma da mão de seu poderoso ídolo, observando a aproximação do exército do Rei Escolhido, observando a queda de Cró Ular à distância.

Odile sozinha.

Ayleth piscou e a visão desapareceu. Ela estava mais uma vez na Floresta da Bruxa, com as costas pressionadas contra uma árvore ferida. Ela encontrou o olhar de Odile. A Rainha Bruxa já estava de pé, suas mãos distraidamente arrumando suas vestes esfarrapadas ao redor de seu corpo esguio enquanto ela olhava para Ayleth com uma expressão gentil. Então ela estendeu a mão.

— Não precisamos mais ficar sozinhas agora que nos encontramos.

Ayleth estremeceu, olhando para aquela mão. Ela pensou em Hollis ajoelhada diante da garotinha selvagem na floresta. Ela pensou em lobos mortos caídos em um círculo de luz do fogo ao seu redor. Ela tentou desesperadamente se lembrar de tudo o que sabia, todas aquelas histórias que Hollis lhe contara. As atrocidades cometidas por essa mulher, esse demônio. A matança de inocentes, o tormento de mortais, a devastação de terras, templos e bibliotecas.

Mas alguma dessas histórias era verdadeira? Ou, se fossem verdadeiras, elas desfariam as verdades mais profundas que Ayleth conhecia agora? As verdades das origens de Odile, seus objetivos, seus desejos. Seus sacrifícios.

Ayleth não conseguia desviar o olhar daquela mão. Ela sentiu a compulsão tomar conta dela, queimando em seu peito. Ou era apenas o oblivis que ela respirou? Ela estava sucumbindo ao seu veneno? Odile controlava o oblivis e também podia exercer controle sobre aqueles que o inalavam. Talvez nenhum desses impulsos que agora guerreavam no cérebro de Ayleth fosse dela mesma. Eles podem ser nada mais do que manipulações da bruxa.

Ayleth arrastou os olhos até o rosto de Odile. Sua boca se moveu várias vezes antes que ela pudesse encontrar forças para falar. — Por que você não me mata?

Era uma boa pergunta. Se as leis do Cravan Druch se mantivessem, Ayleth era a única coisa entre Odile e a verdadeira imortalidade. Ninguém poderia tocá-la; ninguém poderia matá-la. Apenas um de seu próprio sangue. Apenas Ayleth, seu último parente remanescente.

Ayleth agachou-se como uma corça à mercê de um leão. Não havia nada que ela pudesse fazer para se salvar, absolutamente nada.

Mas Odile inclinou a cabeça para um lado, seu rosto derretendo em uma expressão de tristeza e compaixão. — Você ainda não sabe? — ela disse em uma voz que quebraria o coração mais duro. — Você ainda não entendeu? Meu coração, minha alma, meu amorzinho. Prefiro morrer por suas mãos do que viver mais um dia sem você ao meu lado. Por favor, Olena, por favor, minha querida, se você não vai pegar minha mão, então termine o que você se propôs a fazer. Me mate agora. Deixe-me juntar-me à sua mãe nos Assombrados, e vamos aguardar a sua ida para lá.

Não poderia ser verdade. Deveria ser um truque. Todas aquelas memórias plantadas em sua mente... tinha seguido este resgate conveniente de um monstro mortal. Era um jogo criado para baixar a guarda de Ayleth, para torná-la vulnerável.

Mas... porque?

Essa mão permaneceu no espaço entre elas, estendida em uma oferta gentil. Ayleth olhou para ela novamente, sentindo mais uma vez a compulsão de pegá-la.

— Venha comigo, meu amor. — disse Odile. Sua voz tremeu como se ela lutasse para suprimir uma onda de intensa emoção. — Iremos para Dulimurian juntas. Recuperar nosso reino e reconstruir. Convocaremos os tomados pelas sombras para se abrigarem conosco. Todos eles... todos aqueles que a Ordem de Evander veria mortos. Eles viverão com segurança sob nossa proteção, sua e minha.

Terryn.

Ela não deveria ter se permitido pensar em seu nome. Mas lá estava em sua mente, inegável. Terryn... que seria caçado pela Ordem e morto como um herege. Terryn... que passaria o resto de sua vida escondido, fugindo daqueles que já foram seus irmãos.

A não ser que... a não ser que...

Poderia haver tal lugar, tal mundo, onde pessoas como Terryn pudessem viver em paz? Onde uma visão como a que ela tinha vislumbrado no sonho poderia acontecer? Ela e Terryn juntos, livres, seus próprios filhos inatos agarrados em seus braços e suas sombras ascendentes, livres e gloriosas. Um mundo de verdadeira graça, magia e beleza.

Hollis havia contado suas histórias de Dulimurian. Dos horrores e atrocidades cometidos lá sob o governo de Odile. Mas Hollis era uma evanderiana. E Hollis precisava da devoção sincera de Ayleth. Ela precisava que Ayleth acreditasse em cada palavra que ela dizia, para que, quando chegasse a hora, ela desferisse seu golpe mortal sem hesitação ou questionamento.

Hollis mentiu.

— Doce menina. — Sussurrou Odile. — Pegue minha mão. Ande um pouco comigo. Eu posso te mostrar um mundo diferente de tudo que você já conheceu. Mas será um mundo frio e vazio sem você ao meu lado. Então pegue minha mão, Olena. Pegue minha mão, meu amor.

Seu espírito tremia profundamente. Abaixo das supressões de ferro, Laranta uivou, protestou e se enfureceu... mas sua voz estava distante, tão fraca.

Ayleth fitou aqueles olhos que eram os seus próprios espelhos. Para aquele rosto, aquela semelhança que ela herdava. Naquela alma tão parecida com a dela. Em uma última tentativa desesperada de resistir, ela moveu os lábios, tentando se lembrar de uma das orações que Hollis lhe ensinara ao longo dos anos. Nenhum veio à mente, nem uma única frase. Ela sussurrou apenas: — Deusa...

Então ela deslizou sua mão na de Odile e permitiu que a Rainha Bruxa a colocasse de pé.

— Venha então. — Odile disse quando elas ficaram cara a cara, seus olhos no mesmo nível. — Venha para casa, para Dulimurian.

CAPÍTULO 10

Uma nítida inclinação para cima da Estrada da Rainha tornava o caminho difícil. Hollis ouviu uma respiração pesada através das máscaras ao seu redor, até mesmo Fendrel, caminhando ao seu lado, respirava com dificuldade, e seus próprios pulmões arfaram com dificuldade. Oblivis revestiu sua língua. As pétalas da calêndula não estavam ajudando muito mais. Se elas tivessem feito algum bem real em primeiro lugar.

Ela manteve seus sentidos de sombra aguçados, procurando na floresta por todos os lados por sinais reveladores de outro espírito se aproximando. Grande parte de sua consciência se concentrava à frente, procurando por qualquer sinal do Venador Kephan. Ele estava atualmente vários comprimentos à frente do resto deles, usando suas habilidades Ferais para explorar o que estava por vir.

Hollis havia tocado seus Vocos novamente, alongando a corda da alma de sua sombra, o que lhe permitiu alcançar seus poderes por quase um quilômetro ao redor. Ele comunicou suas descobertas a ela, o gosto do ar pútrido, os sussurros das árvores, as vibrações sutis de magia em todos os lugares ao seu redor. Tudo parecia estranhamente quieto.

Certamente, ela sentiria algo. Se Odile tivesse alcançado e reivindicado a Coroa de Éter, haveria alguma mudança distinta na atmosfera. Talvez nada importante no início. A Rainha Bruxa teria que remasterizar esses poderes terríveis, teria que reafirmar seu controle sobre o espírito possuidor dentro do Éter. Mesmo assim, ela provavelmente escolheria agir com sutileza no início. Não seria sensato se exagerar logo após sua reanimação.

Mas... não. Hollis balançou a cabeça, descartando esses pensamentos como tolos. Ela conhecia Odile muito bem para acreditar neles. Assim que a coroa estivesse em sua cabeça, ela destruiria toda a floresta, arrancando todas as árvores e videiras pelas raízes. O fato da Floresta da Bruxa ainda estar de pé era prova suficiente de que Odile ainda não havia alcançado seu objetivo.

Ainda havia tempo. Ainda havia uma chance.

Uma explosão de sensação ondulou ao longo da corda da alma de sua sombra. Estremecendo, Hollis parou bruscamente. Fendrel parou, lançando lhe um olhar questionador, e os dois jovens venadores atrás deles se aproximaram.

— Magia. — Hollis rosnou. — Uma... uma tempestade de magia. À frente.

— Kephane? — Perguntou Fendrel.

Hollis balançou a cabeça. Ela não podia dizer nada com certeza. — É... grande. — Ela sussurrou.

O jovem venador colocou seu escorpião em modo de disparo. Hollis sentiu ondulações no ar de sombras não suprimidas puxando suas amarras, ansiosas para lutar, ansiosas para liberar seus poderes. A jovem venatrix ofegou agudamente como se estivesse com dor.

— Você. — Fendrel disse, virando-se para a garota, sua testa severa e dura. — Use seus Vocos. Suprima esse espírito.

— Mas. — A garota ofegou, seus olhos arregalados atrás da máscara. — Se eu suprimir, o que farei? Eu não tenho venenos suficientes sobrando, e... —

— Você não servirá para nada se estiver lutando contra sua própria sombra antes mesmo da batalha começar. — Fendrel respondeu, nenhum traço de simpatia em sua voz. — Faça o que você tem que fazer. Agora.

A garota olhou desesperadamente de Fendrel para Hollis. Hollis sabia que era melhor não oferecer simpatia, oferecer suavidade. Uma venatrix tinha que ser dura, tinha que ser forte, tinha que tomar decisões difíceis que nenhum mortal deveria tomar. Ela disse apenas: — Você pode relaxar as supressões novamente antes de chegarmos à cidade.

Não foi muito. Mas pareceu aumentar a coragem da garota. Ela pegou seu instrumento e começou a tocar a Canção da Supressão, uma variação sutil destinada a refrear levemente o Anathema que carregava. Ele resistiu, lutando tanto contra aquelas restrições que a garota cambaleou alguns passos e quase perdeu o tom da música. Mas ela se preparou, jogou uma variação mais viciosa, e forçou mais poderes de sua sombra no fundo.

Quando sua música terminou, a garota dobrou e embainhou seus Vocos. Para a visão sombria de Hollis, ela parecia estranhamente frágil agora com apenas os vestígios de seus poderes ainda acessíveis. Se eles fossem atacados novamente, ela seria considerada vulnerável pelas criaturas tomadas pelas sombras. Eles a matariam em instantes.

Hollis olhou na direção de Fendrel. Mas ela sabia tão bem quanto ele que não havia outra ajuda a ser oferecida. Sua boca era uma linha sombria. — Venham. — disse ele.

E eles continuaram a escalada.

Hollis estendeu a mão com sua sombra, tocando levemente a borda da mente da jovem venatrix. Nada além de medo ali, puro medo. Hollis rapidamente se afastou, com o coração estremecendo. Mas talvez o medo fosse o que a garota precisava. Talvez o medo acelerasse seus reflexos, a ajudasse a permanecer viva.

Um zumbido de vibração soou no ar, despertado pelas muitas asas da sombra de Hollis. A este sinal, a atenção de Hollis saltou para a frente. — Kephan está chegando. — disse ela a Fendrel.

Ele grunhiu em resposta e ergueu uma mão para sinalizar uma parada. Eles pararam, as armas erguidas, os sentidos mortais em alerta, a visão das sombras se esforçando, e esperaram, observando a estrada à frente. Era a imaginação de Hollis ou a névoa espessa do oblivis obscurecia a estrada? A noite deveria estar chegando, o fim deste dia interminável. Mas quando a escuridão caísse, que fim ela traria?

— Dominus?

A voz de Kephan soou através da névoa. Ele apareceu um momento depois, sua sombra Feral brilhando em seus olhos. Ele se apressou em direção a eles, respirando com dificuldade, o rosto vermelho.

— Relatório. — disse Fendrel.

Kephan fez uma saudação inteligente, mas suas palavras saíram quase rápido demais para serem compreendidas. — As sombras, as sombras da Floresta da Bruxa, tantas delas, mais do que pensávamos! Elas estão à frente, no final desta estrada.

— Uma armadilha? — Hollis perguntou, sua voz fina e firme através do bico da máscara.

Kephan balançou a cabeça. — Acho que não. Lá... há uma parede. Como o que descrevi antes, aquela que encontrei quando segui a trilha de Ayleth. Uma parede de vinhas, mas... mas muito maior que a anterior! É enorme e se estende por quilômetros de cada lado. Pode envolver toda a cidade; não posso dizer com certeza. É a Floresta da Bruxa. Seu... está mantendo-os fora.

— Isso é bom. — disse a jovem venatrix no ombro de Hollis. — Não é? Isso significa que a Rainha Bruxa pode não ter passado.

Fendrel a ignorou, seu olhar atento ao rosto de Kephan. — E quanto a Odile? Você a viu?

— Ela não está lá. Não que eu pudesse detectar.

O coração de Hollis gelou no peito. Se Odile não estava com sua horda, onde ela estava? — E os Diabos Carmesins? — ela perguntou. — Algum sinal deles?

— Não. — disse Kephan. — Apenas as sombras. Os monstros. Eles estão se matando tentando derrubar aquela parede. Eu acho que eles estão sob compulsão, embora eu não tenha certeza.

Com tanto oblivis quanto as feras respiraram ao longo dos anos, elas seriam altamente suscetíveis à vontade de Odile. Ela deve tê-las obrigado a derrubar aquela parede. Mas por que ela não ficou parada para observar o progresso deles, Hollis não gostaria de adivinhar.

Ela pensou em Ayleth lá fora na floresta em algum lugar. Sozinha. Assustada. Viciosa e determinada. Ela viria? Será que ela despejaria toda a determinação obstinada que Hollis vira nela ao longo dos anos nesta última grande caçada? Ela estava mesmo agora no encalço da Rainha Bruxa?

— O que vamos fazer, Dominus? — a jovem venatrix perguntou. O venador ao seu lado ecoou sua pergunta, e todos olharam para Fendrel. Até Hollis.

Fendrel encontrou seu olhar e o sustentou. Mas ele falou com Kephan. — A horda vai passar?

— É difícil dizer. — respondeu Kephan. — A parede é forte. A magia que a percorre é diferente de tudo que já encontrei. Mas... há tantos que estão tomados pela sombra. E a vontade de Odile é uma força a ser considerada!

A boca de Fendrel se curvou no canto em uma cópia de um sorriso. — O que você me diz, Venatrix di Theldry? — ele perguntou, ainda olhando para Hollis. — Você é aquela que declarou sua intenção de marchar sobre Dulimurian. Você ainda vai marchar?

— Eu irei. — Hollis respondeu e ergueu seu escorpião para que as presilhas de metal brilhassem. — Se houver uma chance da horda conseguir romper, eu defenderei essa parede.

O sorriso de Fendrel cresceu. — Aí está. — Ele se virou para os outros, varrendo o braço em um grande gesto. — Nós temos um plano. Os cinco de nós contra incontáveis sombras. Será material de lendas.

O pálido venador e a jovem venatrix trocaram olhares. Por um momento, Hollis esperou que protestassem, negassem a vontade de seu dominus. Que girassem nos calcanhares e fugissem. Ela tinha visto caçadores de maior experiência voltarem contra os exércitos de Odile nos dias da Guerra das Bruxas, durante as campanhas do Rei Escolhido.

Mas esses dois haviam chegado até aqui e sofrido muito. Eles não eram covardes.

— Pelo rei. — disse o venador, pressionando o punho esquerdo contra o ombro direito.

— O Rei Dourado. — disse a venatrix, ecoando a saudação de seu irmão de caça.

Kephan praguejou baixinho. Então ele ergueu o punho também, a luz feroz brilhando em seus olhos.

Sem dizer uma palavra, Fendrel se virou e continuou subindo a ladeira íngreme da estrada, quase desaparecendo na névoa oblivis. Hollis apressou-se depois, e os outros seguiram em seus calcanhares. Ela ouviu a flauta de Vocos da jovem venatrix cantando enquanto a pobre garota mais uma vez afrouxava as supressões em sua sombra.

CAPÍTULO 11

Ayleth sentiu a tensão da Floresta da Bruxa sob seus pés. O batimento cardíaco sempre presente estava mais rápido do que antes.

Boom-boom...

...boom-boom...

...boom-boom...

Oblivis engrossou no ar, aproximando-se até que os ciscos flutuantes eram uma parede espessa e densa que bloqueava toda a visão além de um raio de um metro. O único meio restante de medir a distância ou o tempo eram os passos, e Ayleth há muito os perdera de vista.

Ela deu um ou dois passos atrás da figura alta e espectral. Uma figura majestosa saída de contos infantis de monstros e pesadelos, uma imagem de terror absoluto... e Ayleth sentiu como se pudesse ter caminhado por ali a vida inteira. Como se cada momento de sua existência tivesse conduzido a este lugar, como se o próprio sangue em suas veias a tivesse destinado, desde o dia de sua primeira respiração até agora, a caminhar na sombra da Terrível Odile.

Boom-boom...

...boom-boom...

...boom-boom...

O oblivis engrossado era obra de Odile, sem dúvida. Ela convocava o elemento como um escudo ao redor delas, protegendo-as do olhar da Floresta da Bruxa, da malícia da Floresta da Bruxa? Ou, uma pequena parte da mente de Ayleth protestou apesar de seu desejo de mantê-la silenciosa, ou Odile

mantinha o ar denso de forma que Ayleth não poderia evitar respirar e, portanto, permanecia suscetível à manipulação e controle?

Não. A mandíbula de Ayleth se contraiu e suas mãos algemadas se fecharam em punhos. Ela não estava sob controle de ninguém. Embora ela sentisse as espessas camadas de oblivis obstruírem sua garganta, ela mantinha o comando de seus sentidos, suas decisões. Se ela escolheu andar com a Rainha Bruxa no momento, essa foi sua escolha. Ela estava simplesmente esperando a oportunidade certa, esperando...

Seus olhos se moveram em suas órbitas. De seu ângulo logo atrás do ombro direito de Odile, ela podia ver o perfil pálido da rainha, a linha de seu queixo e pescoço. E o corte horrível onde sua cabeça foi decepada. Hematomas feios em formato de dedo eram visíveis ao redor do corte, e manchas de pele em carne viva onde o ferro das algemas de Ayleth havia penetrado profundamente.

Ela tinha estado tão perto. Tão perto de acabar com o Veneno. Tão perto de cumprir o propósito de Hollis para ela. Tão perto de ser a ferramenta de que os evanderianos precisavam nessa luta. Tão perto...

Odile virou a cabeça ligeiramente, seu olhar se movendo para encontrar o de Ayleth. Ayleth desviou o olhar rapidamente, olhando para as próprias mãos. Um arrepio percorreu sua espinha e estourou como gelo espalhando-se na parte de trás de seu cérebro. Odile poderia ler seus pensamentos? Ayleth fez uma careta. Desamparo e esperança se torciam em seu intestino como cobras gêmeas se contorcendo.

— Você pode tirar isso? — ela perguntou de repente. Sua voz soou estranhamente sufocada e suave naquela atmosfera espessa. Reunindo sua coragem, ela encontrou o olhar da Rainha Bruxa novamente. Ao levantar a

sobrancelha para Odile de forma questionadora, ela ergueu as mãos para mostrar as algemas e os elos da corrente de ferro.

Odile fez uma pausa, considerando a questão. Então ela balançou a cabeça. — Receio que mesmo o oblivis seja de pouca utilidade contra o ferro. — Ela se virou novamente, seu cabelo preto e roupas esfarrapadas varrendo atrás dela, e continuou seu passo determinado. Como ela podia andar naquela escuridão com tanta confiança parecia um milagre por si só para Ayleth. Odile não dependia dos sentidos mortais para guiá-la até seu destino. — Quando eu tiver minha coroa... — ela disse, jogando as palavras de volta. — Não será nada para mim, quebrar suas correntes. Então, eu juro, você nunca mais será amarrada por ferro novamente.

Ayleth cerrou os dentes, reprimindo a réplica que lhe saltou aos lábios. Odile estava dizendo a ela a verdade? Ou era outra manipulação? Ela tinha visto o que a Rainha Bruxa poderia fazer com o poder de sua única sombra. Ela tinha visto a floresta de oblidite petrificada. O ferro era uma substância única no mundo, estranhamente resistente à magia e repelente às sombras. Mas era difícil acreditar que, com todo o poder que ela comandava, Odile não conseguia quebrar alguns pequenos elos.

Seria simplesmente porque ela não queria que Ayleth tivesse acesso a Laranta?

Mantendo o passo alguns passos atrás de Odile, Ayleth se abaixou para dentro de si, procurando por Laranta. Sua sombra de lobo lhe dera muito naquele dia, lutando contra a influência do ferro para oferecer a Ayleth toda a força, toda a magia que ela pudesse dar. Ela estava exausta agora, severamente reprimida. Sentindo-a ao longo da corrente de sua alma, Ayleth podia apenas distinguir sua sombra tremendo bem no fundo, perto de seu núcleo. Ela não conseguia invocar uma imagem mental de seu lobo. O ferro havia obscurecido

até isso, deixando apenas uma leve impressão de espírito sem forma nas profundezas, bem no fundo.

— *Laranta.* — Ayleth sussurrou o nome dentro de sua cabeça, com medo de falar em voz alta. Mas ela não podia deixar sua sombra sem alguma palavra de conforto. — *Laranta, eu juro... se algum dia eu sair dessas correntes, nunca permitirei que nada nos separem novamente. Nem ferro, nem veneno, nem fogo, nem morte. Nem os Assombrados.*

Laranta a ouviu? Ela sentiu a verdade vibrando profundamente no espírito de Ayleth? Ela entendeu? Mas é claro que ela fez. Pois elas tinham uma mente, um espírito, unidas desde o nascimento, inatas e inseparáveis. Nem mesmo as mentiras em que Ayleth acreditara ao longo dos anos haviam sido capazes de romper o amor entre elas.

Pois, sim, Ayleth sabia, sem a menor sombra de dúvida, que Laranta a amava. Talvez não da maneira como os mortais entendiam o amor, pois Laranta não era mortal. Ela existia além das limitações e confins que estruturavam a compreensão da vida e do amor de um mortal. Mas seu amor não era menos profundo por ser misterioso.

Era verdade que tal ser era uma abominação aos olhos da Deusa? Nesse caso, Ayleth também devia ser uma abominação, pois não permitiria que o fogo a separasse de sua sombra. Aonde Laranta fosse, ela também iria. Se isso significava a eternidade de tormento que os aguardava nos Assombrados, que fosse. Ayleth nunca enviaria Laranta para enfrentar esse destino sozinha.

Boom-boom...

...boom-boom...

...boom-boom...

O batimento cardíaco da Floresta da Bruxa ficou tão alto, tão insistente que a tirou de seus pensamentos e a trouxe de volta ao mundo em que ela

caminhava. O chão vibrava sob seus pés, e as árvores ao redor dela pareciam se mover para cima e para baixo em uma pulsação como uma respiração, suas raízes lutando para manter o controle sobre o solo podre.

Ayleth parou. Seus sentidos mortais estremeceram em reação a algo... não exatamente um som. Se ao menos ela tivesse acesso a seus sentidos de sombra, ela sabia que sentiria uma poderosa magia no ar. Um estremecimento de pavor percorreu seu corpo.

Odile, que havia avançado vários passos à frente e estava quase oculta na atmosfera do oblivis, parou e olhou para Ayleth, lendo seu rosto. Suas feições severas piscaram momentaneamente com inquietação. — A coroa. — disse ela. — Percebe minha abordagem. Procura impedir meu retorno a Dulimurian. Aumentou as defesas e meus servos procuram derrubá-las. — Ela estendeu a mão para Ayleth. — Venha. Devemos nos juntar a eles.

Por um momento, Ayleth não conseguiu se mover. Então ela acenou com a cabeça e deu um passo à frente. Mas ela não pegou a mão de Odile.

A paisagem era acidentada e irregular nesta parte da Floresta da Bruxa, com quedas repentinas em desfiladeiros profundos e elevações igualmente repentinas que nunca alcançavam o céu aberto. Deveria ter sido lento, mas o oblivis parecia se acumular sob os pés de Ayleth e, embora ela nunca se sentisse como se estivesse flutuando, ela suspeitava que isso a carregara mais rápido do que ela teria se movido sozinha. Odile avançava à sua frente, cada movimento deslizante e suave, não traindo o menor sinal de pressa. Apenas seu cabelo voando atrás dela traiu sua velocidade real.

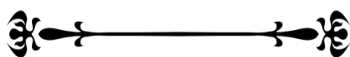
De repente, um penhasco de pelo menos quinze metros de altura caía diante delas, aparecendo na névoa como se tivesse vindo de lugar nenhum. Árvores feridas agarraram sua borda, projetando-se em ângulos bizarros, contorcidas em seus esforços para mantê-las presas. A face do

penhasco em si era rocha íngreme, sem crescimento ao longo da lateral, e Ayleth tinha uma visão clara da paisagem que se estendia abaixo dela.

Pela primeira vez, ela viu Dulimurian. Ela viu os anéis mais externos da cidade, as ruas devastadas e edifícios de oblidite afundados na terra podre, separados por vinhas implacáveis. Ela viu as estradas desabadas, as pontes caídas, os canais afundados e secos. Destruição por toda parte... e ainda, de alguma forma, sua magnificência permanecia.

À distância, não tão grande agora, provavelmente não mais do que cinco quilômetros, estava o poderoso ídolo de Odile em seu monólito no centro da cidade. Mesmo sem cabeça, até mesmo colocado de joelhos, elevava-se sobre Dulimurian e a floresta circundante, seu único braço estendido para o céu. Entre os dedos da coluna, algo brilhava. Uma luz azul pulsante, hipnótica em sua beleza atraente. Quando ela ousou erguer o olhar para aquele brilho, Ayleth se viu incapaz de pensar, sentir ou observar qualquer outra coisa, capturada como estava por aquele único ponto de luz. Sua alma parecia se estender de dentro de seu corpo mortal, atraída para o éter vivo e a Presença que o possuía.

Um grito terrível rasgou o ar abaixo, e os sons da batalha cortaram seus sentidos, puxando-a de volta para si mesma. Ayleth piscou, deu meio passo para trás e olhou para o trecho de solo abaixo do penhasco.



Os cinco evanderianos alcançaram o topo da elevação onde o solo se quebrou e olharam para o vale abaixo. Eles viram a horda de pesadelo exatamente como Kephan a havia descrito, lançando-se contra a parede de

Floresta da Bruxa, quebrando como ondas apenas para se reagrupar e atacar novamente.

Hollis encaixou uma Morte Gentil em seu escorpião e olhou para a direita, capturando o olhar de Fendrel novamente. — Você está pronto? — ela perguntou com um sorriso.

Eles não sobreviveriam a isso. Nenhum deles.

O sorriso que ele devolveu a ela foi como o brilho de uma lâmina. Então ele se virou e enfrentou os monstros, enfrentou o fim desesperado diante dele. Um grito de batalha selvagem explodiu de sua garganta quando ele saltou e derrapou pela encosta íngreme uns bons nove metros até o chão, onde pousou de pé agachado. Suas pernas poderosas o impulsionaram para cima e para as fileiras da sombra quase sem pausa. Uma coisa voraz se lançou sobre ele, e ele a derrubou com uma Morte Gentil antes de atacar com uma maldição de sangue que matou mais três em uma onda sangrenta de magia.

Os sentidos de sombra de Hollis explodiram com espíritos libertados de suas habitações mortais. Sua alma tremeu quando o ar acima rasgou e os Assombrados se abriu para reivindicar suas dívidas.

Então ela também saltou, deslizando por aquela encosta íngreme sem esperar para ver se os outros a seguiam. Esta não era uma batalha que pudesse ser travada com qualquer formação sincronizada. Cada um simplesmente faria o que pudesse ser feito, sozinho na confusão da morte.

Ela mirou sua sombra na mente mais próxima e liberou seus poderes, o lado mais sombrio de suas habilidades, o lado que ela havia tocado apenas algumas vezes desde sua possessão. Sua sombra penetrou na mente da criatura tomada pela sombra e a encheu de medo, medo puro, o pior tipo de medo - sem esperança, sem fuga. Seu corpo mortal parou sua corrida selvagem contra

a parede, ficando totalmente ereto, então começou a tremer como se o excesso de emoção fosse explodir por seus poros.

O coração da criatura parou. Ela caiu no chão em um emaranhado de membros deformados, morta de medo.

Hollis tirou a sombra de sua cabeça e a mandou voando para a próxima sombra, a corda da alma brilhando como um chicote em brasa.

Quando algo apareceu à sua direita, Hollis se virou e atirou a Morte Gentil direto em um olho grande e vermelho. Uma mulher parecida com uma bruxa com mandíbulas de animal desabou em um feixe de ossos a seus pés. Hollis recarregou ao mesmo tempo em que comandava sua sombra. Outro monstro soltou um uivo de puro terror e caiu, se contorcendo em seus estertores de morte. Hollis ergueu o braço e mirou rapidamente. Outra sombra caiu antes de se chocar contra ela.

Foi só então, quase um minuto inteiro em sua luta, que ela percebeu... os monstros não estavam lutando de volta. A compulsão que os conduzia em direção à parede era avassaladora; eles não faziam nenhum movimento para se defender, a menos que algo estivesse diretamente em seu caminho.

Ela poderia usar isso a seu favor.

Hollis recuou, mesmo quando ela chicoteou sua sombra em outra mente e terminou outra vida em um lampejo de puro horror. À sua direita, ela viu um Capuz Vermelho, um de seus companheiros, mas ela não teve tempo de se virar e ver qual deles enquanto carregava seu escorpião novamente. Eram mortes terríveis que ela dava, mortes que ela se odiava por dar. Nenhuma criatura, por mais enlouquecida que estivesse com sua sombra e as maldições, merecia morrer de medo. Mas sua sombra era sua maior arma. E aqui, pelo menos, ela não precisa se preocupar com gentileza.

Com o rosto sombrio, ela lançou seu poder em outra mente. Mas desta vez encontrou resistência.

Hollis piscou, cambaleou, quando sua sombra foi arremessada bruscamente no éter. Não era uma mente em que ela havia entrado, não uma mente real. Usando seus olhos físicos, ela olhou para a criatura que ela tentou penetrar, uma coisa com muitas articulações, como um inseto, com um rosto muito humano.

Ele balançou a cabeça, tonto com o ataque. Então ele se virou e fixou seus olhos enormes e facetados em Hollis. Quinze outras cabeças se viraram ao mesmo tempo. Quinze cabeças idênticas.

— Maldito Assombrados! — ela gritou. Era uma sombra Colméia, uma entidade única composta de várias partes. Apenas um dos muitos carregava a mente original, a mente que ela poderia superar, e a compulsão não parecia distrair essa criatura de seu atacante. Talvez por ter vários corpos, ele poderia dispensar alguns para lidar com o inimigo em mãos.

Quinze criaturas saltaram em Hollis, saltando pelo chão em estranhos saltos angulares, largas mandíbulas estalando com raiva ansiosa. Hollis atirou em um com sua Morte Gentil, e ele caiu, mas os outros estavam logo atrás dele. Ela puxou a corda da alma, puxando sua sombra ao seu redor como um escudo. Mas a sombra invadiu, bloqueando sua visão, bloqueando toda a fuga. Ela socou, cortou, cortou, apunhalou. Mas eram muitos.

Talvez ela tenha imaginado... mas nos últimos momentos antes de cair a escuridão, ela pensou ter ouvido a voz de Fendrel gritar seu nome.

CAPÍTULO 12

O rio emergiu repentinamente de seu desfiladeiro sinuoso, caindo como uma cachoeira em um pequeno lago bem abaixo. Terry, aliviado por finalmente escapar das paredes que o cercavam de cada lado, saiu para a beira da cachoeira, plantando suas botas com cuidado nas pedras lisas, e olhou para o vale.

Para Dulimurian, a cidade em ruínas. Cercada por uma parede de vinhas vivas, uma visão estranha e impressionante.

Mas não houve tempo para absorver tudo. Durante o último quilômetro ele se apressou em direção a sons de batalha e uma reverberação contínua de magia no ar, e agora ele finalmente encontrou a fonte. Massas de monstros tomados pelas sombras se jogavam naquela parede negra e entrelaçada, rasgando-a com seus corpos físicos e com toda a magia que pudessem reunir.

— *O que é isso, Nisirdi?* — Terry perguntou, consternado e confuso pela visão estranha.

Seu dragão de luz estava em seu ombro direito, pescoço comprido arqueado enquanto olhava para o vale. — *Eles estão sob compulsão.* — disse. — *Eles respiraram muito oblivis e não são mais seus próprios mestres.*

Eles deveriam pertencer a Odile. Deve ter sido a Rainha Bruxa quem os comandou para atacar a parede em seus esforços para chegar à Coroa de Éter. O que significava que ela devia estar perto. O que significava...

Então uma imagem em sua visão de sombra chamou a atenção de Terry, e seu coração se alojou na garganta: uma explosão de magia Anathema disparada pelas fileiras de monstros tinha um tom familiar.

Ele avistou Fendrel quase imediatamente. O Venador Dominus jogou para trás seu capuz preto, e seu cabelo esvoaçava descontroladamente atrás dele enquanto ele cortava e explodia com terrível precisão. Sangue fresco escorria de seus dedos, uma fonte contínua de energia para cada maldição gerada.

O coração de Terryn gelou. Impulsos estranhos guerreavam dentro dele. Primeiro, seu treinamento o incentivou a pular para ajudar Fendrel, colocar-se à direita de seu mestre e lutar ao lado dele. Mas então... este homem ordenou o assassinato de Terryn apenas na noite anterior. O assassinato de Terryn, a prisão de Gerard e a de Ayleth...

— Ayleth. — Sussurrou Terryn. Onde ela estava?

Outro capuz, um vermelho desta vez, chamou a atenção de Terryn. Ele olhou mais de perto e reconheceu Hollis. Ele a libertou de Dunloch mais cedo naquele dia, e ela saiu em busca de Fendrel e Ayleth. Se ela estava aqui, certamente Ayleth também devia estar. Eles desamarraram suas mãos para que ela pudesse lutar com todos os seus poderes e força? Ou Fendrel insistiu em mantê-la cativa mesmo em face de tal inimigo?

Antes que Terryn pudesse determinar as respostas, um enxame de monstros desceu sobre Hollis, muitos membros longos, coisas sobrenaturais, movendo-se como uma entidade, dominando-a.

— Hollis! — A voz de Fendrel soou acima dos uivos e rosnados diabólicos. Uma explosão de magia Anathema voou para o enxame, mas mal tocou os corpos mais externos se contorcendo. Três caíram, mas mais pularam para o lugar de seus irmãos caídos.

— *Para mim, Nisirdi.* — Terryn rosnou e saltou pela encosta íngreme da cachoeira, pulando de pedra em pedra enquanto puxava o poder de sua sombra e puxava o calor e a luz para suas palmas. Um sorriso sombrio de

satisfação apareceu nos cantos de sua boca. Ele estava ficando melhor nisso, mais confiante. — *Agora!* — Ele gritou e abriu as mãos.

Dois feixes de luz explodiram no rosnado de monstros que enxameava em cima de Hollis. A explosão foi tão grande que seus corpos mortais se desintegraram em pó, mas nenhum espírito surgiu deles, o corpo hospedeiro e a mente controladora estavam em outro lugar, intocados.

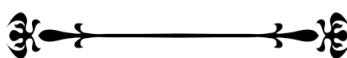
Não importa. Hollis estava visível agora, mole e ensanguentada no chão. Terryn correu em sua direção, mas alguém chegou antes dele, caindo de joelhos ao lado dela e erguendo-a nos braços. A cabeça dela rolou contra o braço dele, seus longos cabelos soltos e emaranhados com sangue.

Fendrel enterrou o rosto no topo da cabeça dela, mas recuou quase imediatamente, os olhos arregalados, procurando pela fonte daquela explosão de luz. Ele encontrou o olhar de Terryn através da multidão correndo de sombras.

Terryn parou, seu coração afundando em suas entranhas enquanto olhava nos olhos de seu mestre. Ele deu um passo para trás.

Naquele exato momento, ele sentiu algo. Algo que ele mal conseguia descrever. Foi quase como se uma mão agarrasse o lado de seu rosto, incitando-o a virar a cabeça e olhar para cima, para longe da batalha, para a beira do penhasco acima. Para o lugar onde a terra se erguia mais alto de todos, quinze metros acima do vale. Cedendo ao impulso, ele se virou.

Ele viu Ayleth.



Mesmo sem acesso a seus sentidos de sombra, Ayleth sentiu as explosões de magia. Ela viu jorros de fogo e água, tempestades de terra e pedra, todos os sinais de sombras Elementais. Ela viu monstros de proporções horríveis, coisas retorcidas e deformadas, tanto animais quanto humanas, e outros seres em algum lugar no meio. As canções de Lures gritavam em meio ao caos sangrento. Os rugidos dos Ferais rasgavam corações. O fedor de sangue encheu suas narinas enquanto as maldições de Anathema voavam. E sua visão dançava com o emaranhado de corpos e espíritos se debatendo na violência do combate.

O pior de tudo era o vasto emaranhado de vinhas que cercava a cidade, agora ainda mais alto do que o penhasco em que Ayleth estava.

Era por isso que a Floresta da Bruxa parecia tão estranhamente quieta hoje, porque as vinhas que haviam prevalecido durante sua primeira jornada além da Grande Barreira estavam quase ausentes. O poder de Floresta da Bruxa estava concentrado aqui na última defesa da coroa contra a rainha que seria sua senhora.

Um lampejo de vermelho chamou a atenção de Ayleth, era um Capuz Vermelho no meio daquela massa de pesadelo, lutando com monstros. Ela reconheceu aquela moldura quadrada e forte. — Kephane. — Ela sussurrou, sem fôlego. O que ele estava fazendo lá?

Outro lampejo de vermelho, e desta vez ela identificou Hollis. Em seguida, outro venador cujo nome ela não sabia. Eles lutavam bravamente. Defendendo a parede? Mas por que? A Floresta da Bruxa precisava da ajuda de um punhado de evanderianos? Mas quando ela voltou sua atenção para a parede de videiras, ela avistou um lugar estreito. A força combinada de todos aqueles monstros e toda aquela magia poderia ser suficiente para romper as defesas da Floresta da Bruxa.

Então, um enxame de monstros dirigidos por uma única mente e propósito desceu sobre Hollis. Ayleth ofegou ao ver sua ex-senhora desaparecer sob os membros enegrecidos e mandíbulas trêmulas.

— Não. — A palavra escapou de seus lábios, muito sem fôlego para um grito. — Não, Hollis! — Seu corpo estremeceu com o impulso de mergulhar na beira do penhasco, para se lançar na luta abaixo. Ela deu um passo.

A mão de Odile agarrou seu braço. Assustada, Ayleth se virou. Olhos negros, tão grandes que ela podia ver seu próprio rosto refletido em seus centros, olharam para ela com uma súplica solene.

— Lembre-se... — disse Odile, sua voz profunda, gentil, mas tingida de advertência. Ela colocou as mãos nas bochechas de Ayleth, cobrindo o rosto e inclinou a cabeça para mais perto até que suas testas se tocassem. Ayleth olhou para aquelas poças escuras cheias de memória, cheias de dor. Cheio de amor profundo e terrível o suficiente para fazer uma alma tremer. — Lembre-se, Olena. — Odile disse. — Eles iam queimar você viva e chamar isso de misericórdia.

Seu coração se apertou em seu peito. Com um esforço de vontade, Ayleth afastou o rosto e olhou para a confusão, para o lugar onde Hollis estivera. As chamas dançaram em sua cabeça enquanto ela se esforçava para ver um capuz vermelho. — Hollis... — ela sussurrou.

Uma explosão de luz branca cintilante.

Ayleth gritou de dor, erguendo as duas mãos para proteger o rosto. A cegueira encheu sua cabeça, queimando seus olhos, faíscas rodopiaram na escuridão por trás de suas pálpebras. Todos os outros sentidos retrocederam, deixando-a em um estranho limbo de dor à beira do penhasco.

Então, um único pensamento rompeu a dor - luz. Luz branca brilhante.

Terryn?

Piscando com força contra as faíscas dançando ao redor de sua visão, ela olhou de volta para a batalha, procurando, procurando, até... lá estava ele. Lá, em meio àquela tempestade de horror, morte e dor, ele permanecia. Alto, forte, seus olhos brilhantes com poder ascendente, suas mãos brilhando brancas com a luz que queimava de seu núcleo.

A qualquer momento os monstros se aproximariam dele; a qualquer momento ele seria subjugado, consumido, destruído. Qualquer momento poderia ser o último que ela o veria vivo, então ela olhou para ele, absorvendo a visão, bebendo aquela imagem, bebendo aqueles segundos que teriam que durar uma eternidade.

Como se sentisse seu olhar sobre ele, Terryn ergueu os olhos. Seus olhos se encontraram.

Ela viu o horror espalhar-se por suas feições quando ele viu quem estava ao lado dela.

CAPÍTULO 13

A alma de Terryn estremeceu com o choque da compreensão. Ele ficou paralisado como se tivesse sido pego por um feitiço.

Hollis não tinha contado a ele. Ela disse que Ayleth era a única que poderia matar Odile, mas nunca disse por quê. Ela nunca explicou a ele que o feitiço que mantinha Odile viva, mesmo durante a violência de uma decapitação, estava conectado ao sangue dela.

Sangue que Ayleth compartilhava.

Terryn olhou para aquela saliência acima da batalha, para onde aquela garota alta e esguia estava atrás de um espectro igualmente alto e esguio. Ayleth, Ayleth cruel e destemida. A mulher que o segurou de corpo e alma, transformando tudo que ele pensava que sabia sobre si mesmo em algo estranho, algo assustador, algo que ele não poderia resistir mesmo que quisesse.

Ayleth.

Filha das Sombras. Filha do Veneno.

A confusão ao redor dele parecia recuar para uma distância ecoante. As explosões reverberantes de magia, os gritos de corpos moribundos e almas violentamente liberadas mal tocavam seus sentidos. Todo o seu mundo pendurado naquele espaço estendido entre ele e ela, toda a sua vida vibrando através do fio de conexão suspenso entre seus olhares bloqueados.

Fendrel o avisou que ela era perigosa. Uma bruxa. Fendrel disse que ele estava enfeitiçado. Ele desistiu de tudo. A ordem. Seu serviço a Gerard. Sua própria vida. Tudo por ela. Tudo pela garota bruxa.

Um sorriso súbito e feroz apareceu no rosto de Terryn.

Uma sombra apareceu à sua direita, um enorme Feral gritando de raiva, a magia explodindo de seu espírito torturado. Sem desviar o olhar, Terryn simplesmente levantou a mão esquerda e enviou um feixe controlado diretamente através do monstro. Não havia tempo para se preocupar com as almas correndo pelo éter deste mundo, não havia tempo para considerar as assombrações rugindo escancaradas acima deles, procurando engolir cada alma gritando. Não havia tempo para considerar nada além da certeza do que deveria fazer agora.

Terryn correu. Nisirdi seguiu em seus calcanhares, asas abertas, e a horda tomada pela sombra, observando a aproximação daquele enorme e ascendente dragão da luz, espalhando-se diante dele, jogando-se para fora de seu caminho. Ayleth o observou ir, seus olhos ficando cada vez mais abertos a cada passo que ele dava. Seus pulsos ainda estavam presos em algemas de ferro, e seu rosto era uma mistura indecifrável de emoções, nenhuma das quais ele poderia nomear. Mas ela estava lá. Viva. De pé acima dele.

— *Nisirdi!* — Ele gritou para sua sombra. O dragão de luz respondeu instantaneamente com poder mágico canalizado do coração de Terryn para seu braço direito, que ele ergueu, apontando seu punho para aquele penhasco acima. Apontando para aquela figura alta e esguia que observava sua abordagem com olhos negros como a noite.

— *Agora!*

Terryn abriu o punho e um raio de luz saiu de seu núcleo. Voou direto, verdadeiro e instantâneo, abrindo um buraco em seu coração e explodindo do outro lado.



Ayleth olhou para o buraco aberto, a pele enegrecida, as cinzas fumegantes, a caverna vazia onde deveriam estar carne, sangue e ossos. Seus olhos estavam tão deslumbrados com o lampejo de luz que ela pensou que não devia estar vendo as coisas direito, pensou que isso devia ser uma ilusão, um pesadelo.

O queixo de Odile caiu; ela olhou para aquela ferida horrível em seu peito. Então, lentamente, ela ergueu os olhos, fixando-os nos de Ayleth. Era demais para suportar. Ela tinha que quebrar essa conexão, tinha que recuperar seu próprio senso de autonomia. Ayleth piscou, cortando aquele olhar.

E no instante em que seus olhos se fecharam, ela viu imagens da vida de Odile. Todas aquelas imagens, as memórias que ela mesma acabara de viver naquele estado de sonho atemporal. Ela viu a noiva trêmula olhando para as figuras de capuz vermelho a cavalo. Ela viu a mãe chorando ajoelhada em um leito de cinzas. Ela viu o magnífico monstro parado nas ruínas da grande câmara do conselho de Agla, cercado por morte e destruição, a coroa de Éter brilhando em sua cabeça.

Ela viu sua avó.

Seus olhos se abriram e ela enfrentou Odile novamente. Enfrentou aquela expressão de agonia retorcida e atordoada. Ayleth ergueu as mãos algemadas, querendo alcançá-la, querendo pegar Odile nos braços. Seus lábios começaram a formar um nome, um apelo, uma oração talvez, mas sua voz vacilou em seus lábios.

Então, do fundo de suas entranhas, ela sentiu o poder regenerador do Cravan Druch. O horror discordante de fios de feitiço tecendo através da

realidade, jogando contra todas as leis da natureza, matéria e tempo. Oblivis girou, agitando-se e pulsando com magia. O buraco ainda fumegante no peito de Odile começou a se reparar.

— Ayleth!

A voz a alcançou através da batida de seu coração em seus ouvidos. Estupidamente, ela se virou, olhou para o penhasco... e o viu. Terryn. Correndo em sua direção. Monstros enfurecidos gritaram e o cercaram, mas se esquivaram do poder pulsante que ainda brilhava em suas mãos depois daquela explosão de luz Arcana. Ela olhou para o rosto dele e viu a tempestade do conflito guerreando ali.

Ele sabia. Ele sabia quem ela era. O que ela era.

— Ayleth! — ele gritou novamente. A luz brilhou das profundezas de sua garganta. — Faça isso! Agora!

Ayleth girou nos calcanhares e encarou Odile.

De alguma forma, impossivelmente, a Rainha Bruxa ainda estava de pé. Sua cabeça pendia para trás, expondo sua garganta enquanto ela olhava para o céu. Oblivis percorria aquela ferida aberta e se enroscava em suas mãos, seu torso, em seus olhos e boca aberta. Seu cabelo esvoaçava atrás dela como uma bandeira negra no ar vivo.

Algo se moveu no centro daquele espaço vazio. Osso, crescendo como um galho de árvore, brotando e tomando forma. Camadas de tendões, músculos, veias delicadas e carne reconstituídas, unidas pela magia do Cravan Druch.

Ayleth deu um passo e ergueu as mãos. Ela não podia hesitar. Neste momento e apenas neste momento, Odile estava completamente vulnerável. Nada poderia impedi-la de cumprir seu propósito, todo o propósito pelo qual ela foi mantida viva todos esses anos.

Ela deveria matar a última de seus parentes.

— Ayleth! — A voz de Terryn gritou novamente como se estivesse de uma grande distância, seguido por um rugido sem palavras enquanto ele jogava algum monstro tomado pela sombra de suas costas. — Ayleth, por favor!

Mas a voz de Odile ecoou em sua cabeça: — *Não precisamos mais ficar sozinhas. Não agora que nos encontramos.*

Sua alma estava congelada. Ela não conseguia se mover, não conseguia pensar.

Seus lábios formaram uma única palavra desesperada: — Deusa...

Antes que ela pudesse adicionar outra respiração, a cabeça de Odile estalou para cima. Seus olhos se arregalaram. O buraco em seu peito, ainda não totalmente reparado, fervilhava de fios negros de magia e canção de feitiço. Sua boca se torceu em agonia, agonia que ela experimentava completamente, apesar de sua incapacidade de morrer. Lutando contra aquela dor, ela ergueu um braço, apontou um dedo.

O oblivis em torno de sua mão se transformou em um raio de escuridão intensa. Ele riscou o ar em um lampejo e atingiu o coração de Terryn.

Ayleth engasgou. Seu espírito balançou como se ela mesma tivesse recebido o golpe.

Ela viu o corpo de Terryn ficar rígido como pedra. Seus olhos se arregalaram apenas o suficiente para que os brancos circundassem as íris azuis geladas. Veias negras percorreram sua pele, espalhando-se rapidamente enquanto o oblivis comia suas entranhas.

Ele desabou em uma pilha sem vida.

Ayleth olhou para o redemoinho de oblivis que rodeava o corpo caído de Terryn. Ela mal percebeu como os monstros tomados pela sombra se afastaram

dele aterrorizados. Ela mal percebeu o quão perto da borda do penhasco ela havia se aproximado. Ela não sentiu nada, nem mesmo tristeza, nem mesmo surpresa. Nada.

Não era verdade. Não poderia ser verdade. Ele já tinha morrido antes, não tinha? Fendrel ordenou que ele fosse morto, e ele morreu, e ela o perdeu, só que não era verdade. Ele escapou de alguma forma, assim como ele deveria escapar desta vez. Assim como ele deveria se erguer milagrosamente, seu espírito queimando brilhante dentro de sua chama mortal, seus olhos brilhando com luz.

Ela tentou alcançar seus sentidos de sombra, tentou obter algum sentido de sua alma. Mas Laranta estava reprimida profundamente. Ela não conseguia sentir nada.

Sua pele marrom escura ficou preta como tinta com o movimento de contorção sob a pele.

Ele estava morto.

Morto.

Seu coração parou de bater. Mas não importa. Nada importava agora. Nada exceto...

Ayleth se voltou para Odile. Terrível Odile, a Rainha Bruxa. O veneno. A inimiga.

Com um grito selvagem, ela se lançou direto para aquele pescoço cheio de cicatrizes, com as mãos primeiro. Já era tarde demais e ela sabia, mas não se importou. Ela se jogou sem sentido, maniacamente para frente, toda a sua alma fixada em tomar aquele pescoço entre as mãos e...

Oblivis se levantou com pressa e girou em torno de Odile em uma parede protetora. Através das partículas cintilantes, Ayleth viu o rosto da avó, pálido

e tenso de dor e raiva. Ela viu aqueles olhos enegrecerem em poços infinitos de escuridão.

— Então... — ela disse, sua voz fedendo com o fedor do Assombrados.

— Você ia ficar do lado dos Evanderianos afinal. Meu próprio sangue. Minha própria Olena.

Sua mão direita se moveu em um movimento rápido e agarrador. Oblivis atacou, envolvendo-se em Ayleth. Antes que ela pudesse saltar de volta, endureceu em pedra, uma pedra estranha, flexível e móvel, muito difícil de resistir, mas ainda flutuando no ar, enrolando-se, vivendo e prendendo seus braços contra seu corpo. Ayleth soltou um grito selvagem e sem palavras, lutou, chutou. Ela rangeu os dentes com tanta força que sangue e saliva voaram de seus lábios.

Odile a observou friamente. A última ferida em seu peito sarou, os fios da canção do feitiço se apertando. Ela moveu a mão direita novamente, desta vez levantando-a em um movimento de comando curto e agudo.

Fora do oblivis que prendia os braços de Ayleth cresceu um galho, subindo ao mesmo nível de seus olhos. Uma longa estaca se estendia a partir dele, a ponta se esticando, se esticando. Ayleth tentou se afastar, mas as faixas oblidite a seguraram com firmeza. A ponta pressionou contra sua têmpora, sua ponta tirando sangue que correu por sua bochecha em um riacho. A menor pressão mais e perfuraria seu crânio.

Diante dela estava Odile, sua pele mortalmente branca, exceto pelo ferimento preto em torno de sua garganta. — Nunca se esqueça, minha filha. — disse ela. — Eu teria escolhido sua vida. Eu teria deixado você ficar ao meu lado até o fim de seus dias. Eu teria te amado, se você tivesse me permitido.

CAPÍTULO 14

Hollis.

Hollis, acorde.

Nós precisamos de você.

Eu preciso de você.

Hollis!

Ela estava em uma encruzilhada no fundo do labirinto de sua mente. A voz ecoou de um dos cinco corredores diante dela, mas atingiu as paredes de pedra, quicou e saltou novamente, ecoando até que ela não conseguiu decidir de onde o som tinha se originado. Ela se virou lentamente, olhando para um túnel sombrio após o outro.

Hollis!

Por favor!

As paredes pareciam vibrar com a urgência daquela voz. O mundo inteiro de sua mente estremeceu em resposta, o chão tremendo sob seus pés instáveis. Ela estendeu a mão para sua sombra, esperando que seus poderes ajudassem a guiá-la. Mas ela recuou profundamente em um dos outros túneis de sua mente, momentaneamente fora de seu alcance. Ela estava sozinha.

Ela enfrentou um túnel, então lentamente se virou para encarar o que estava atrás dela. Ela deu um passo. Então, por impulso, ela girou novamente e correu pelo primeiro corredor, rápido o suficiente para que ela não pudesse questionar sua decisão. Os ecos ficavam cada vez mais altos a cada passo que ela dava.

Hollis!

Hollis!

Hollis!

De repente, uma abertura. Luz. Ela irrompeu e...

O rosto de Fendrel apareceu acima dela, emoldurado por longos fios sujos de cabelo louro. Ela olhou para ele, piscando com os olhos turvos. Ela estava... ela estava embalada em seus braços? A sensação era estranhamente familiar.

— Hollis? — Ele estava pálido como a morte, seus olhos fundos profundos atrás de olheiras. Até aquele momento ela nunca percebeu o quanto ele envelheceu nos últimos vinte anos. — Hollis, você pode me ouvir?

Ela acenou com a cabeça. Sua voz emergiu em uma áspera rouca: — Sim. Eu te escuto. Estou bem. — Ela tentou se mover e estremeceu. Uma mão exploradora encontrou um corte na lateral do rosto, sangrando profusamente. Sua armadura de couro ostentava outro corte ao longo de sua caixa torácica, mas não cortou a pele e os ossos. Ela estava machucada, mas não quebrada. Ela olhou em volta, piscando com mais força, tentando fazer seus olhos atordoados se concentrarem. Ela não estava no campo de batalha onde havia caído. Fendrel se agachava atrás de uma grande pedra, segurando-a. Ele deveria tê-la carregado até aqui.

Como ele a alcançou? A última coisa que ela se lembrava era daquele enxame de monstros em cima dela. Ela pensou que estava perdida.

O ar estava tenso, estranhamente parado. Até as partículas de oblivis flutuando por toda parte pareciam ter congelado no lugar. — O que está acontecendo? — Hollis exigiu, olhando para Fendrel novamente.

Ele encontrou seu olhar, e de repente ela desejou não ter perguntado. — Odile. — disse ele.

Uma sombra caiu sobre a alma de Hollis. Agarrando o braço de Fendrel, ela se levantou. — Cuidado. — Ele avisou, mas ela mal o ouviu. Ela espiou ao redor da pedra.

E ela a viu. Odile. O veneno. Flutuando do penhasco acima em uma nuvem de oblivis. Ela ainda usava os farrapos de suas vestes da cripta, mas eles pareciam pendurados em seus membros como mantos reais. Seu cabelo, que havia queimado vinte anos antes, estava agora restaurado, espesso, escuro e brilhante como se esfregado com óleos caros, e flutuava atrás dela como um rabo de cavalo real. Sua postura era ereta, as mãos estendidas para os lados como se oferecessem bênçãos às massas. Ela realmente parecia uma rainha. Ou como uma deusa descendo do céu.

Sua horda de capturados pela sombra cessou seu ataque selvagem à parede e se humilhou diante dela, rastejando e se contorcendo enquanto ela passava. Mas Hollis mal percebeu isso. Seu olhar se concentrou, em vez disso, no que vinha atrás de Odile, Ayleth, envolta em laços de oblivis, com uma ponta pressionada em sua têmpora. Ela flutuava atrás da rainha, seus pés vários centímetros acima do solo, indefesa.

Hollis rosnou e se moveu para sair de seu esconderijo. O aperto de Fendrel pousou em seu braço como ferro, puxando-a de volta. — Não seja idiota. — ele rosnou em seu ouvido.

Hollis lançou-lhe um olhar furioso. O que mais eles deveriam fazer? Ayleth era sua única chance de matar a bruxa. Eles tinham que libertá-la! Mas o aperto de Fendrel era inquebrável.

Odile passou pelo vale estreito, parando brevemente sobre algo em seu caminho. Olhando mais de perto, Hollis percebeu com uma torção no estômago o que era: Terryn. Seu corpo jazia com os membros estendidos, convulsionando em estertores de morte. Suas veias se destacaram nítidas,

pretas e grossas sob sua pele enquanto o veneno do oblivis o dominava, corpo e alma. Hollis olhou para Fendrel novamente. Vendo a expressão em seu rosto, ela teve que se virar rapidamente.

Odile continuou, conduzindo sua cativa na coleira de oblivis. Desse ângulo, Hollis não conseguia ver o rosto de Ayleth. A garota ainda estava viva?

Odile progrediu através de sua multidão de adoradores até que ela parou diante da parede de vinhas com Ayleth segura ao seu lado. Seus monstros enxamearam atrás dela, formando um arco em suas costas. Eles a olharam com devoção, choramingando, salivando, enterrando o rosto na terra.

— Oromor! — Odile gritou em voz alta que ecoou pelo vale. — Eu a tenho, Oromor. Eu a tenho e vou acabar com ela agora, a menos que você me deixe passar.

A parede tremeu. As raízes das videiras se moveram profundamente no subsolo, protuberâncias maciças ondulando sob o solo podre. Gavinhas surgiram aqui e ali, agarraram vários dos que foram tomados pela sombra e os arrastaram gritando para a terra.

Intocada em meio à turbulência, Odile ergueu uma das mãos. Ayleth gritou. Ela estava viva!

O corpo de Hollis reagiu por impulso. Ela meio que saltou de trás da pedra. Fendrel a pegou novamente e a puxou com força para trás. — Ela vai te matar. — Ele rosnou. — Então ela vai matar a garota. Você não pode impedi-la.

Lágrimas caíram quentes pelo rosto de Hollis. Ela não tentou enxugá-las.

— Deixe-me passar, Oromor. — Odile disse novamente. — Toda a sua esperança para este mundo está com ela. O resto do sangue de Mauval corre em suas veias. Não tem mais. Só ela, só eu. Eu vou matá-la, e ainda vou chegar

até você eventualmente. Você não pode me manter fora para sempre. Deixe-me entrar e ainda posso permitir que a garota viva.

A parede tremeu descontroladamente enquanto as videiras se entrelaçavam com mais força, contraindo-se como cobras. Hollis sentiu as ondas de ira e frustração emanando daquela mente vasta, uma mente que ela não ousou tocar diretamente novamente. Ela agarrou a pedra que estava agachada atrás com tanta força que seus dedos sangraram.

Então, abruptamente, as vinhas recuaram. Uma abertura apareceu, pequena no início, mas lentamente se alongando até ficar igual à altura de Odile.

— Mais amplo, Oromor. — disse Odile.

A abertura se alargou ao seu comando.

Era uma armadilha. Tinha que ser. Certamente, no momento em que ela chegasse muito perto, as vinhas iriam pegá-la e esmagá-la como fizeram com seus muitos lacaios. Não poderia matá-la, mas talvez pudesse retardá-la por tempo suficiente para que pudessem libertar Ayleth, e...

— Tenha ideias e a garota morre. — disse Odile. Ela segurou o ombro de Ayleth e deu um passo à frente com a confiança de uma rainha, arrastando consigo a garota em suas amarras. Hollis viu a ponta na têmpora de Ayleth girando lentamente e o sangue jorrou em um gotejamento constante. Elas passaram pela abertura e as vinhas se fecharam atrás delas.

Hollis saltou e correu. Ela não prestou atenção às sombras, que se esgueiraram para as margens do vale, observando com os olhos arregalados e em silêncio agora que sua compulsão havia acabado. Ela se jogou contra a parede, naquele lugar onde a abertura havia surgido poucos momentos atrás. Mas não havia nada. Nem mesmo a menor fenda entre as vinhas tecidas. E elas eram tão duras como pedra, impenetráveis para suas mãos

latejantes, para sua ponta de ferro apunhalando. Resistentes às suas lágrimas e súplicas.

Ayleth havia partido. Morta. Ou quase morta. E Odile ficaria com a coroa. Era apenas uma questão de tempo, e não muito tempo ainda.

Com um soluço desesperado, Hollis se afastou da parede e olhou através do vale, através de todas aquelas criaturas massacradas, suas almas há muito escaparam ou engolidas pelos Assombrados faminto. O próprio Assombrados havia se fechado novamente, mas Hollis sentiu uma magreza no mundo, como se os horrores daquele reino estivessem apenas esperando para romper o véu frágil e devorá-los a todos.

Nos limites de sua visão, ela viu os capuzes vermelhos se moverem. Três deles... seus outros três companheiros, milagrosamente ainda vivos. Kephantinha tinha um novo corte na testa, e o braço esquerdo da venatrix pendia mole, um osso se projetando onde não deveria. O barbudo venador moveu-se para ajudar sua irmã caçadora. Hollis desviou o olhar, procurando por Fendrel.

Ela engasgou.

Fendrel se ajoelhava sobre o corpo de Terryn. O jovem venador havia parado de convulsionar e jazia como morto. Mas Fendrel já havia aberto a camisa do menino e ele próprio estava despido até a cintura. Ela o viu colocar uma adaga no peito cheio de cicatrizes e pressionar a ponta da clavícula.

— Fendrel! — ela gritou. Ele fez uma pausa para olhá-la e ela correu para o lado dele, caindo de joelhos ao lado do corpo de Terryn. — O que você está fazendo? — ela exigiu, pegando a adaga dele.

Ele se virou, bloqueando a mão dela com o ombro. — Eu vou salvar o menino.

Ela balançou a cabeça. — Você não pode. Você... você não tem nada para passar a maldição.

— Isso não importa agora. — disse Fendrel. Ele encontrou o olhar de Hollis, sua expressão severa. — Não importa, Hollis. E eu preciso de sua ajuda.

— Fendrel... — Ela balançou a cabeça, escondendo-se atrás de sua cortina de cabelo pelo espaço de uma respiração. Então ela olhou para cima novamente, endurecendo o rosto. — Você amarrou sua alma à sua sombra. Se você morrer...

— Estou condenado. — ele terminou por ela. — Quer eu morra hoje, amanhã, no próximo ano... Estou amaldiçoado. — Ele engoliu em seco. Sua voz era firme, seus traços duros como pedra, mas ela viu o medo em seus olhos. — Vou salvar Terry n antes de ir.

Ela balançou a cabeça novamente, as lágrimas escorrendo rápido.

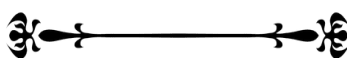
— Ele está muito perdido. — Continuou Fendrel. — Essa explosão... era demais, e ele tem minutos no máximo, possivelmente muito menos. Eu tenho que encontrá-lo em sua mente. Eu tenho que fazê-lo aguentar enquanto eu purifico o obli vis. Você vai me ajudar? Você vai unir nossas mentes?

Ela não conseguiu responder. Ela não sabia o que dizer. Seu estômago embrulhou como se estivesse enjoado, mas era seu coração que doía.

Com um soluço sufocado, ela estendeu a mão, pressionou a mão na testa dele e fechou os olhos, entrando no labirinto de sua mente e encarando os longos túneis escuros.

— *Venha para mim!* — Ela gritou.

Sua sombra respondeu com um zumbido de cem asas.



Terryn fugia pelas planícies de sua mente, vadeando pela grama alta. A última vez que ele esteve aqui, a grama estava verde e viçosa, cheia de uma nova vida vibrante. Agora estava seca, morta. Esperando por uma única faísca para colocar tudo em chamas.

A escuridão rolava acima dele como uma nuvem de tempestade. Mas esta não era uma tempestade elétrica se formando. Isso era oblivis, puro oblivis atirado direto para sua alma. Isso iria matá-lo.

Ele sabia o que fazer. Ofegante, ele dirigiu-se com mais força, forçando as pernas a dar passos cada vez mais longos enquanto saltava pela grama morta e farfalhante. Nisirdi. Nisirdi tinha queimado com sucesso o esquecimento que ele respirou mais cedo naquele dia, quando a Bruxa Fantasma tentou deixá-lo nos Assombrados. Certamente sua sombra poderia conseguir a façanha novamente. Ele apenas tinha que encontrar seu dragão de luz.

O chão sob seus pés gemeu, mudou. Começou a rasgar. A paisagem se partiu em fissuras finas que aumentaram, alargando-se a cada segundo. A escuridão parecia jorrar das profundezas como uma torrente de sombras varrendo as planícies.

Terryn derrapou até parar quando uma fenda se abriu bem na frente dele. Ele praguejou, se virou e disparou para outro lado. Mas o chão quebrou novamente, e ele só foi ágil o suficiente para pular, voando através da queda vazia. Ele atingiu o outro lado, as pernas balançando, os braços lutando, e conseguiu puxar o corpo para cima. Ele se levantou, respirou fundo e deu três passos.

O chão cedeu sob ele e ele caiu.

Para baixo, para baixo, para baixo na escuridão profunda e sufocante.

— *Nisirdi!* — ele gritou. Mas nenhuma resposta veio.

Ele caiu com força. Se ele estivesse em seu corpo mortal, ele teria quebrado todos os ossos. Como estava, sua mente lutou para compreender que ele não estava quebrado, que este corpo era uma mera projeção e, portanto, não se limitava a falhas mortais. Ele ficou deitado por algum tempo com a dor atingindo cada membro e explodindo em seu cérebro. Mas, eventualmente, a dor diminuiu e havia apenas escuridão.

Então... luz. Tênuê luz branca, distante, mas clara.

Terryn juntou os braços sob ele, apoiou-se nas mãos e nos joelhos e conseguiu ficar de pé. Ele parecia estar em um túnel. Uma vaga impressão de rocha o cercava e se arqueava sobre sua cabeça. Não havia nada aqui embaixo, exceto aquele brilho distante, e ele começou a ir em sua direção. Deveria ser Nisirdi. Deveria ser. E se ele pudesse encontrar seu dragão de luz, certamente ele ainda poderia ser salvo.

— *Terryn! Terryn!*

Ele parou. Essa era a voz de Gerard chamando logo atrás dele, um pouco à sua direita. O desejo de se virar, de olhar, era quase insuportável.

Mas não. Ele não deveria virar. Ele sabia o que era, uma isca para impedi-lo de alcançar seu objetivo. Gerard não estava aqui, não realmente. Essa era sua própria mente sofrendo com o veneno. Ele não podia ajudar Gerard; ele não poderia ajudar ninguém a menos que pudesse se libertar.

Fortalecendo sua vontade, Terryn continuou. Gerard o chamou, sua voz tensa e triste. — *Terryn! Terryn, me ajude!*

Cada passo para longe daquela voz era uma agonia. Mas ele deveria suportar se houver qualquer esperança de salvação.

Então uma nova voz o chamou. Uma voz de mulher, profunda e baixa. — *Terryn. Terryn, me ajude. Por favor.*

Ayleth.

Ela soou como se estivesse atrás dele, nem mesmo a um braço de distância. Ele poderia se virar, estender a mão e tomá-la nos braços. Ele poderia amá-la. Mesmo que ela fosse nada mais do que uma projeção, o que isso importava? Talvez a verdadeira Ayleth estivesse perdida para sempre. Talvez ela não fosse quem ele pensava que era. Mas aqui em sua mente, ela poderia ser exatamente o que ele queria, exatamente o que ele precisava.

A tentação estava lá, e ela estava tão perto... mas era apenas uma mentira. Uma mentira nascida do oblivis correndo em seu sangue, em seu espírito. Ele deveria alcançar a luz!

Terryn se moveu mais rápido, deixando sua voz ecoando desesperadamente atrás dele. — *Terryn! Por favor!*

A luz se intensificou. Ele estava se aproximando agora. Ele alcançaria sua sombra logo, e então ele estaria livre. Ele só tinha que empurrar um pouco mais forte, para não deixar a escuridão persuadi-lo, não permitir que o oblivis o influenciasse. Ele só tinha que...

— *Terryn.*

Ele parou bruscamente.

Uma figura estava à sua direita, apenas dentro de sua visão periférica. Ele teria que virar a cabeça apenas uma fração para ver aquele rosto claramente. Esse rosto conhecido. Aqueles olhos cinza-ferro sob aquela sobancelha severa.

— *Terryn, estou aqui. Posso te ajudar. Não lute comigo, garoto. Olhe para mim. Olhe para mim!*

Era outro truque. Outra tentação. Ele não ousaria ser desviado de seu objetivo.

A luz branca no fim do túnel tremeluziu, diminuiu.

— *Terryn, não seja idiota. Você me conhece. Você sabe que posso te salvar. Venha para mim agora. Me dê sua mão. Eu posso tirar isso de você...*

Terryn correu. Ele derramou todas as suas forças para colocar espaço entre ele e aquela voz que ele foi educado durante toda a sua vida para obedecer. Mas ele sabia melhor agora. Fendrel era um mentiroso! Ele traiu Terryn, traiu Gerard, traiu todos Perrinion. Mesmo se ele fosse real e não uma projeção do oblivis tentando superar sua mente, Terryn sabia que era melhor não acreditar nele.

Então ele correu e correu, seu olhar fixo naquela luz brilhante.

De repente, o túnel se abriu em uma ampla caverna. Terryn parou derrapando, seus braços girando enquanto tentava recuperar o equilíbrio. Seus pés dançaram à beira de uma queda curta. E abaixo dele, não três comprimentos abaixo...

Ele prendeu a respiração. Seus olhos se arregalaram de horror.

Abaixo dele estava Nisirdi, preso em uma cova de alcatrão preto e ardente. As uma vez magníficas asas brancas lutavam para se libertar, mas o líquido preto escorrendo pesava sobre elas em ambos os lados, arrastando o dragão da luz cada vez mais fundo. Seu pescoço longo e elegante se esticava, lutando para manter a cabeça acima da superfície fervente. Nisirdi olhou para Terryn com enormes olhos redondos cheios de tristeza, cheios de medo.

— *Sinto muito.* — Dizia enquanto a escuridão o puxava ainda mais fundo.

CAPÍTULO 15

Terryn...

Era culpa dela.

Se ela tivesse agido imediatamente, ela poderia tê-lo salvo. Ela poderia ter salvo todos eles. Odile não poderia ter lutado com ela, não então, não com aquele buraco enorme em seu peito, não enquanto ela esperava que o Cravan Druch fizesse seu trabalho. Ela poderia ter acabado com tudo ali mesmo, mesmo sem a ajuda de Laranta.

Mas ela hesitou. Malditos Assombrados, ela hesitou no momento da crise como um coelho congelando no lampejo da tocha do caçador.

E agora Terryn...

Terryn...

Sua mente se recusou a completar o pensamento. No momento, ele se recusou a funcionar. Forças além de seu controle a carregavam em uma corrente de morte e destruição da qual ela nunca escaparia. E Odile caminhava ao lado dela.

As trepadeiras rastejavam no chão atrás delas e de cada lado. Rastejando como muitas cobras sutis, elas mantiveram o ritmo de Odile enquanto ela progredia ao longo da Estrada da Rainha, segurando-se firmemente a Ayleth com muitos fios de oblivis endurecidos, a ponta de oblidite ainda pressionada em sua têmpora. Lentamente, a visão de Ayleth clareou e ela começou a notar o mundo ao seu redor. Ela já havia caminhado por essa estrada antes, em seus sonhos. Era familiar para ela, mas sua própria familiaridade a tornava muito mais surreal.

A realidade da destruição foi mais dura do que qualquer sonho poderia descrever com precisão. Em sonhos, ela não sentia o peso das pedras caídas ao seu redor, a pressão enquanto elas afundavam na terra que as sugava. Em sonhos, ela detectou apenas o mais fraco traço de podridão e decadência e magia quebrada, não o fedor pungente e penetrante que agora assaltava suas narinas. Ela não havia sentido os ecos assustadores que sussurravam para cima e para baixo nas ruas desertas e ao longo dos canais vazios, sussurros de vidas há muito perdidas, de glórias há muito tempo arruinadas. Era muito pior do que Ayleth teria esperado após meros vinte anos de abandono. Os restos mortais de Dulimurian pareciam ter apodrecido aqui um século ou mais.

Mas apesar da ruína, apesar da podridão, apesar do quebrantamento em torno dela, assaltando seus sentidos, Odile caminhava com passos rápidos. Esta era sua cidade, seu mundo, esculpido pelo sangue que ela derramou durante dois séculos de dominação, o sangue de outros, assim como o seu próprio. Se ver isso tão baixo a angustiou, ela não deu nenhum sinal. Enquanto ela prosseguia com toda a confiança solene de uma rainha governante, nuvens de oblivis flutuavam em seu rastro.

As videiras emergiam das janelas abertas de estruturas caídas, seus dedos de gavinhas se contorcendo no ar como se apenas se impedissem de atacar. Ayleth sentia a luxúria pulsando através deles para se apoderar de Odile, para despedaçá-la. O mesmo desejo ecoava em sua própria alma uivante.

Mas ela não podia fazer nada. Mesmo que ela ainda tivesse acesso aos poderes de Laranta, ela não teria chance contra Odile e o Elemental que carregava. E sem a magia da sombra para ajudá-la, ela estava totalmente indefesa.

Elas chegaram a um lugar onde a estrada quebrou e o solo se dividiu em um enorme abismo. Odile caminhou até a borda tão rapidamente que Ayleth pensou por um momento que ela nem mesmo faria uma pausa, iria direto e mergulharia na escuridão abaixo, arrastando Ayleth com ela. Mas apenas no último instante ela parou. Ayleth, suspensa por oblivis, pairava parcialmente sobre a queda, olhando para as profundezas indescritíveis.

Odile rosnou baixinho, uma maldição sem palavras, e olhou para onde a Estrada da Rainha retomava do outro lado do abismo. Alguma mudança massiva no mundo empurrou esta parte da estrada para cima para formar um afloramento que se projetava cerca de quinze metros acima.

Ayleth desviou o olhar da queda para estudar a expressão de Odile, esperando que a Rainha Bruxa convocasse mais oblivis e construísse uma ponte para si mesma. Ou talvez ela simplesmente fosse juntá-lo em uma nuvem densa o suficiente para carregá-la e Ayleth para cima e para o outro lado.

Mas não. À segunda vista, Odile estava terrivelmente pálida. Embora ela mantivesse seu corpo reto e alto, ela não conseguia disfarçar totalmente o tremor que subia e descia por sua espinha. A explosão de Terryn, embora incapaz de matá-la, esgotou suas forças. O feitiço da canção Cravan Druch a sustentava, mantinha-a unida, mas levava quase toda a magia da sombra que ela controlava apenas para ficar de pé enquanto simultaneamente mantinha as amarras de Ayleth. No momento, pelo menos, ela não tinha força para cruzar a ravina.

As trepadeiras entrando e saindo dos edifícios e ao longo das margens da estrada silvavam enquanto seus corpos entrelaçados se esfregavam um no outro. Parecia uma risada. Como vitória.

Odile ergueu as mãos. Ayleth subiu mais alto no ar, girando lentamente nas amarras de oblives. Ela queria chutar, queria gritar, queria se debater e lutar e tornar o mais forte possível para Odile manter seu controle sobre ela. Mas a pressão da ponta em sua têmpora aumentou e os músculos do pescoço doeram com o esforço de manter a cabeça perfeitamente imóvel.

— Você a vê, Oromor? — Odile disse. Sua voz era suave como seda e terrivelmente suave. — Você a vê, a última da linhagem de Mauval? A última esperança que você tem neste mundo? Vou matá-la.

O pico girou. Ayleth gritou. Ela tentou engolir, mas o som saiu de sua garganta além de sua capacidade de controle. As vinhas gritaram em resposta, estremeceram e se afastaram das margens da estrada, desaparecendo de vista nas estruturas vazias.

Ayleth, piscando em meio à névoa de terror e dor que invadiu sua cabeça, viu um movimento no espaço vazio acima do abismo. Um brilho entrelaçado e denso de magia e escuridão. O oblvis no ar endureceu em longas espirais que se estendiam de um lado ao outro do abismo. As gavinhas se entrelaçaram e se solidificaram em oblidite endurecida, criando uma ponte que parecia ao mesmo tempo uma planta e uma pedra. Era uma inclinação íngreme que conduzia àquela crista quinze metros acima.

Odile soltou um longo suspiro satisfeito e avançou rapidamente. Ela acenou com a mão acenando, puxando as amarras de oblvis com ela, de modo que Ayleth flutuava no ar em seu rastro. Ayleth não conseguia acreditar que ela confiava na ponte para aguentar. Ela esperou que a Floresta da Bruxa as enganasse, que esperaria até que estivessem no centro do abismo e então deixaria a ponte se desintegrar de volta em sua forma nua e crua.

Mas a ponte resistiu. Elas alcançaram o terreno sólido no alto do outro lado. Com a pressão da ponta de oblidite ainda afiada contra sua têmpora,

Ayleth viu um trecho reto e claro através das ruínas da cidade, levando aos degraus em camadas sob o ídolo quebrado de Odile. As vinhas enxameavam dos dois lados da estrada, escalando, rasgando e quebrando os blocos de oblidite em ataques indisfarçáveis de frustração. Pedços enormes de pedra facetada caíram no chão, sacudindo o mundo.

Odile continuou, seus passos firmes, resolutos e leves como os passos de uma dançarina. Bem acima, a mão erguida do ídolo quebrado brilhava com uma luz azul. A Presença estava lá, olhando para elas, enviando seus milhares de dedos ávidos em busca.

Por que um ser assim desejaria um hospedeiro humano? Não era a própria Floresta da Bruxa um hospedeiro muito superior, mais poderoso e mais letal do que um corpo humano poderia esperar ser? Mas havia algo tão desesperado, tão ansioso nas videiras sussurrantes ao redor delas. Um desejo focado na própria Ayleth, ela percebeu com um estremecimento de horror. Como se ela, ou pelo menos o sangue correndo em suas veias, fosse a última grande esperança de toda a salvação.

— Eles encarnaram uma vez, você sabe. — Odile falou de repente. Ayleth não conseguia se mover, exceto para virar os olhos para o lado. Ela podia apenas discernir o perfil severo da Rainha Bruxa, seus olhos negros focados no ídolo, no brilho azul em forma de concha em sua mão. Se ela falara em benefício de Ayleth ou simplesmente refletira em voz alta, Ayleth não conseguia adivinhar. — As sombras. — Ela continuou na mesma voz suave e gentil. — O Ildrir.

A palavra falada com uma língua mortal se misturou com uma voz sombria e atingiu o ouvido de Ayleth em um estranho choque de som e significado. Sua alma vibrava com uma complexidade de tempo e não-tempo,

de espaço e não-espaço, de contradições e ideias e explosões de luz inexplicável que seu cérebro não conseguia conter.

— Eles usavam formas encarnadas semelhantes às nossas. — disse Odile. — Mas com o tempo... mais tempo do que qualquer coisa que você ou eu possamos imaginar... eles ascenderam. Eles expandiram suas mentes, suas almas. Suas canções. Para canalizar a música que compunham, eles construíram instrumentos maiores, como as Pedras da Música de Morlorn e outros. Com a ajuda desses instrumentos, eles se expandiram ainda mais.

O único olho roxo que Ayleth podia ver de seu ângulo era largo, com anéis brancos. Maníaco. Como se Odile contemplasse a pura loucura e soubesse que se não piscasse logo, estaria perdida. No último instante possível, ela fechou os olhos e virou a cabeça para o lado.

— Eu vi muito. — Ela disse, sua voz ainda suave, baixa, melodiosa. — Através da memória da sombra que carrego, explorei as profundezas e testemunhei coisas que não posso descrever. Ainda há muito que não sei, muito mais que nunca saberei.

Ela abriu os olhos novamente, concentrando-se na estrada diante delas, seu rosto rígido como pedra. Nem uma vez ela olhou na direção de Ayleth, embora mantivesse um controle cuidadoso sobre as amarras. — O que eu sei é o seguinte: chegou um tempo em que as sombras, os Ildrir, ultrapassaram seus corpos encarnados e buscaram uma nova existência de espírito puro e sem carne. Eles acreditavam que eram deuses. Eles pensaram que poderiam refazer os mundos segundo seus próprios projetos. Eles pensaram... eles acreditaram... e quando já era tarde demais... só então eles perceberam o que haviam perdido...

Sua voz diminuiu até o nada. Ayleth não conseguia imaginar para onde um discurso assim poderia ir a partir daí. Mesmo enquanto a ponta em sua

têmpora arrancava gotas de sangue a cada batida de seu coração, sua mente tentava se agarrar às palavras que a Rainha Bruxa havia falado. Odile estava realmente dizendo que as sombras nem sempre foram sombras? E que elas ansiavam por retornar às formas encarnadas que usaram uma vez, para retornar aos mundos físicos que eles habitaram?

Era por isso que a Presença esperava por elas lá em cima, observando com tanta ansiedade enquanto elas se aproximavam? Apesar da grandeza de Floresta da Bruxa, o poderoso hospedeiro que ele criou para si mesmo através da capacitação do Atacara, ela ainda ansiava por recuperar uma forma mais próxima daquela que desfrutou em eras perdidas na memória?

Nesse caso, Ayleth ainda estava viva porque a Presença a queria, com seu sangue do Mauvalis ainda quente e fluindo em suas veias. Odile sabia que se ela matasse Ayleth agora, a Floresta da Bruxa nunca a deixaria em qualquer lugar perto da coroa de Éter. Poderia não ser capaz de matá-la, mas, a julgar pela quantidade de poder que Ayleth sentiu se agitando nas vinhas ao redor delas, poderia rasgá-la. Uma e outra vez. Pelo resto de sua existência.

No entanto, Odile entrava no ninho de víboras com confiança porque tinha Ayleth em suas mãos. Porque ela tinha aquele pico apontado para seu cérebro.

Elas chegaram à escada que conduzia à base do monólito do ídolo, tão íngreme que Ayleth teria sido forçada a usar as mãos e também os pés para subir, caso se movesse por vontade própria. Mas o oblivis de Odile simplesmente a ergueu e carregou de modo que seus pés mal tocaram os degraus, enquanto a própria Odile flutuou ao seu lado, as mãos estendidas, o oblivis entrelaçando-se em seus dedos. Seu olhar permaneceu fixo no topo da escada.

A mão do ídolo esticava-se diretamente sobre suas cabeças, sua sombra mais negra que a noite, ainda que contornada com luz azul caindo em fluxos de magia como uma cachoeira silenciosa. O Éter estava acordado, vivo. Consciente.

— Você mentiu para mim. — disse Ayleth de repente. Foi a primeira vez que tentou falar desde que assistiu à morte de Terryn. Sua voz estava rouca, quase irreconhecível até mesmo para seus próprios ouvidos.

O olhar de Odile permaneceu fixo em seu objetivo acima.

— Essa foi a sua intenção o tempo todo. — Persistiu Ayleth. — Me usar. Assim como o resto deles fez. Eu sou sua ferramenta para recuperar sua coroa. Nada mais.

O rosto de Odile estava tão imóvel que ela parecia não ter ouvido.

— Algo disso era real? Todas aquelas visões que você me mostrou, aqueles momentos da sua vida? Não foi nada além de mais manipulação? Para fazer eu me ver em você? — Ela não conseguia sacudir a cabeça. O pico estava muito perto. O sangue escorreu por sua bochecha e pescoço. Seus lábios tremeram e sua voz falhou. — Olena. Esse não é o meu nome, é? É tudo apenas uma história.

Nenhum lampejo de remorso tocou o rosto de Odile. Sem pausa, sem lapso momentâneo de concentração. Ela estava tão dura quanto a oblidite sobre o qual flutuava.

— Sem passado. — Sussurrou Ayleth. — Sem futuro.

Seu sangue ferveu. Com raiva. Com sede de sangue.

Isso era tudo que ela poderia ser. Tudo o que ela sempre quis ser. Pelo desígnio da Deusa ou pela vontade de outros, esta era a verdade de sua existência. Uma ferramenta. Um instrumento de destruição. Uma arma.

E a única pessoa que viu algo mais nela... o único que a olhou nos olhos e viu quem ela era, não o que ela poderia ser... se foi.

Ayleth cerrou os dentes, inspirando e expirando bruscamente pelas narinas dilatadas. — Apenas a caça. — Ela rosnou.

Elas alcançaram o topo da escada finalmente e pisaram na ampla base da plataforma. Era tão negra e brilhante como nos sonhos de Ayleth. A Floresta da Bruxa não fizera nada para prejudicar sua perfeição suave. Mas o ídolo era uma história diferente. Partido parcialmente nas pernas, deveria ter caído há muito tempo, esmagando as ruas da cidade lá embaixo. Toda a estrutura se inclinava em um ângulo perigoso.

Ainda assim, de alguma forma ele resistia, desafiando todas as leis da natureza. Vinhas enroscaram seus membros esculpidos, cobrindo a nudez daquela forma feminina. Os pés, panturrilhas e canelas haviam se esmigalhado, mas através dos escombros, através do emaranhado de vinhas, Ayleth avistou um buraco aberto no joelho, revelando a escada interna.

Odile avançou, empurrando Ayleth em suas amarras. Ela parou na abertura da escada apenas o tempo suficiente para estender uma mão e agarrar as bordas irregulares da porta improvisada. A abertura se alargou e Ayleth observou incrédula enquanto as escadas se solidificavam, conduzindo em uma espiral aparentemente interminável até o torso do ídolo. Odile olhou na direção de Ayleth e fez outro movimento curto com a mão. Os pés de Ayleth afundaram no chão. Seus braços ainda estavam amarrados, e a estaca continuava pairando em sua cabeça.

— Escale. — Odile comandou.

Ayleth expirou com os dentes cerrados. Mas que escolha ela tinha? Ela não podia forçar Odile a matá-la. Agora não. Ainda não. Odile ainda precisava

dela viva. Ao se recusar a escalar, ela simplesmente perderia a pouca liberdade que tinha. Pelo menos agora ela estava por conta própria.

Ela começou a escalar aquela longa espiral. Voltas e voltas, apenas dois passos à frente de sua captora. As paredes às vezes se fechavam muito rápido, mas com um toque de Odile, elas se expandiam novamente. O flanco de Ayleth doía, suas costelas quebradas protestavam a cada vez que ela respirava, e sua perna ferida latejava. Ainda assim, ela pressionou até que teve certeza de que não seria capaz de fazer mais uma curva... e a escada terminou abruptamente.

Ayleth pisou no ombro da estátua, bem acima do mundo. A paisagem se estendeu diante de sua visão em todos os lados, os anéis concêntricos das ruas de Dulimurian eram como ondulações que se espalhavam do centro na base do ídolo. A vasta extensão da Floresta da Bruxa cercava as ruínas da cidade como um oceano de escuridão, mas dessa altura Ayleth podia ver além dela, o campo aberto de Wodechran Borough. Ela meio que se convenceu de que viu as quatro torres brancas de Dunloch brilhando.

O sol estava se pondo pesado e vermelho à distância. Como se esticado para agarrar aquele orbe em chamas, o braço do ídolo estendia-se diante dela, uma ponte para o nada. Nada além da luz azul que segurava na palma da mão.

Era uma voz que ela ouviu sussurrando no limite de seus sentidos de sombra reprimidos? Uma canção, uma súplica... uma promessa...

A ponta em sua têmpora virou, girando ligeiramente para a esquerda. Ayleth engasgou com a respiração. — Ande. — disse Odile.

Ayleth pisou naquele braço estendido. Em três passos, seu estômago deu um salto e seu núcleo estremeceu com tanto pavor que ela quase congelou no lugar. O braço era largo o suficiente, mesmo acima da inclinação curva do bíceps. Ela não tinha nenhum medo real de cair. Mas, pela primeira vez na vida, Ayleth sentiu o verdadeiro pavor de uma queda. Ela tentou se livrar

disso. Ela havia caminhado alturas tão grandes como esta em seus sonhos antes.

Mas nos sonhos, não importa o quão convincente seja, a sonhadora sempre sabe em algum lugar no fundo de sua mente que não é real.

Isso era real. Muito real. Dolorosamente real.

Ayleth avançou lentamente pela ponte, um passo após o outro. Não havia vento, nada para agitar seu cabelo, nada para refrescar suas bochechas coradas. O mundo parecia ter prendido a respiração, preparando-se para uma grande rajada. Ela sentiu o vazio embaixo dela. Apenas um único passo em falso para a direita ou para a esquerda... apenas um movimento fracionário do pico em sua têmpora... e ela cairia em uma eternidade de tormento.

Ela deu um passo, e viu o rosto de Hollis diante dos olhos de sua mente. Hollis, empoleirada em um banquinho baixo ao lado da lareira, olhando para a criança sentada em seu joelho, ensinando-a a limpar e passar óleo em seu escorpião, mostrando-lhe como consertar uma corda quebrada.

Ela deu mais um passo, e viu Gerard. Gerard como ela o conheceu pela primeira vez, ajoelhado nas ruínas da velha abadia ao lado do corpo quebrado de uma tomada pela sombra, segurando a criatura pela mão e cantando as canções de oração sobre seus restos mortais. Gerard, gentil e corajoso. O Príncipe Dourado como ela sempre sonhou que seria.

Ela deu mais um passo. Desta vez, o rosto pálido de Senhora Cerine se apresentou à sua vista. Cerine, com seu cabelo cortado rente, de pé sobre Ayleth com os restos quebrados de um penico nas mãos, os olhos arregalados de terror e coragem. Noiva de Gerard, uma verdadeira rainha em formação.

Outro passo. Agora era uma pequena criança abandonada de rosto apertado que apareceu diante dela. A pequena Nilly du Bucheron, surgindo de onde caíra entre as altas samambaias para fitar Ayleth com tanto medo em

seu rostinho. Medo... e magia vidente altamente ascendente, que brilhava em seus inocentes olhos inatos.

Outro passo. Ela viu Kephán montado em seu cavalo, seu olhar se voltou para a estrada oeste. — Não somos o que pensamos que somos. — disse ele, sua voz um eco distante em sua memória. — No final, temo que possamos descobrir que fomos os verdadeiros monstros o tempo todo.

Outro passo. Outro. E outro.

E agora, ela viu o rosto que ela estava tentando tanto não ver. Ela o viu parado na base da escada em Dunloch, seus olhos voltados para ela. Um lampejo de surpresa passando por suas feições... e outra expressão, mais fugaz ainda. Uma expressão que ele mascarou rapidamente, só agora...

Tarde demais! Tarde demais! Ela falhou com Terryn. Ela falhou com Gerard e sua noiva. Ela falhou com a pequena Nilly, com Hollis e Kephán. Todos eles.

Seus pés passaram de um antebraço liso para um pulso delicadamente formado. Ela escalou a suave elevação até a base da mão e olhou para baixo da encosta até a palma da mão onde, pela primeira vez, viu a coroa de Éter. Não como um sonho, não como uma memória, não como uma projeção. A verdadeira coroa, brilhante e pulsante de luz. Uma coisa viva.

A Presença pairava como escuridão dentro de seu anel central. Ayleth não precisava dos sentidos da sombra ascendente para senti-lo, para sentir os braços ansiosos se estenderem para abraçá-la. Se as restrições de Odile não a tivessem amarrado, ela teria ficado tentada a se lançar para frente e pegar aquele círculo, assumir aquele poder. Não importava que desgraça isso pretendia para ela, também poderia dar a ela força suficiente para parar Odile. Para desfazer até mesmo uma de suas próprias falhas.

Odile deslizou para o lado dela. Ayleth sentiu a pulsação de seu espírito, tão ansiosa, tão desesperada. — Finalmente. — Ela sussurrou, sua voz estremecendo de paixão. Ela deu um passo à frente de Ayleth.

Naquele momento, uma figura se separou do polegar do pilar da estátua e deu três passadas rápidas. Uma espada brilhou na luz do sol poente quando a lâmina balançou para trás.

Odile se virou.

Antes que ela pudesse gritar, antes que pudesse levantar um dedo em sua própria defesa, uma lâmina de puro oblidite cortou seu pescoço. Sua cabeça caiu de seus ombros e rolou na palma da mão do ídolo.

CAPÍTULO 16

Com um suspiro, Hollis puxou a mão da testa de Fendrel e a jogou para fora para se segurar antes que ela se estatelasse de cabeça. Fendrel proferiu uma maldição cruel e caiu sobre o corpo de Terryn, o sangue gotejando de suas feridas. Cortes marcavam o torso de Terryn no mesmo padrão feio que o de Fendrel, e a visão sombria de Hollis podia ver os fios da magia Anathema conectando-os, sangue com sangue, e a pulsação do oblivis fluindo do corpo de Terryn para o de Fendrel.

Mas o jovem venador não parecia estar melhorando. O nível de veneno que infestava tanto seu corpo mortal quanto sua substância espiritual era muito grande...

Nos limites de sua visão, Hollis viu Kephan e os outros dois evanderianos parados protetoramente perto, de frente para as criaturas tomadas pelas sombras. Mas os tomados pela sombra ficaram para trás, observando a parede, observando a cidade, procurando algum sinal de sua rainha.

O chão tremeu e um estrondo veio à distância, como se alguma estrutura enorme tivesse caído do outro lado da parede. Os evanderianos cambalearam para se manter em pé e Hollis quase caiu de cara no chão novamente. Ela se apoiou em um cotovelo e Fendrel se curvou sobre o corpo de Terryn. As veias ramificadas sob sua pele escureceram e se tornaram pretas, engrossando como cordas. Ele já havia ingerido muito veneno. Mas não era o suficiente.

— Fendrel... — disse Hollis, colocando-se de joelhos. Ela tentou chamar sua atenção. — Fendrel, você tem que parar. Tem que...

— Não! — O rosnado de Fendrel piscou para ela, afiado e mortal. — Eu o encontrei; eu o alcancei. Ele ainda está lá. Eu tenho que fazer com que ele espere. Eu ainda posso fazer isso.

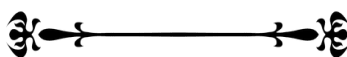
Hollis balançou a cabeça. Sua sombra ascendente dançava na vanguarda de seu cérebro, e ela sentiu quão pouco controle tinha sobre ele sem renovar os feitiços da canção de ligação. Ele poderia se libertar de todas as supressões restantes em um instante, e sua alma estaria comprometida. — É muito perigoso. — Ela sussurrou.

Sua expressão se contorceu com extrema dor e ferocidade igualmente intensa. — Por favor, Hollis. — O suor escorria por seu rosto, o sangue escorria por seu corpo, e ela sabia que ele não poderia ingerir muito mais do veneno antes que estivesse além de toda recuperação.

Cada instinto se rebelou. Cada instinto disse a ela para atacá-lo, para quebrar os fios do feitiço, para quebrar essa conexão. Para salvar a vida de Fendrel. Mas ela tentou salvá-lo antes, e ele não seria salvo. Se ela sabia de uma coisa com absoluta certeza neste mundo, era que quando Fendrel du Glaive definia seu curso de ação, ninguém e nada poderia detê-lo. Ela poderia muito bem tentar reverter a maré.

— Por favor. — Fendrel implorou. — Se eu pudesse apenas...

Ela ergueu o braço e pressionou a mão na testa dele mais uma vez. Seu poder de sombra chamejou brilhante em suas mentes.



O fedor de alcatrão fervente empolou seus sentidos. O suor escorria por seu rosto enquanto Terryn lançava seu olhar freneticamente ao redor da

caverna, procurando por algo, qualquer coisa que pudesse usar para ajudar Nisirdi. Mas não havia nada. Apenas aquelas paredes duras e fechadas de pedra correndo com riachos de alcatrão preto.

As asas de Nisirdi deram batidas pesadas enquanto lutavam para se soltar do piche. Não era realmente alcatrão. Terryyn sabia muito bem que o que viu aprisionando e engolindo sua sombra era o veneno do oblivis em sua alma, o raio que Odile atirou diretamente nele foi muito mais concentrado e mortal do que o gole do oblivis que ele respirou mais cedo naquele dia. O lodo negro espirrava nas laterais do poço, respingando em suas botas com gotas que chiavam. Mais alcatrão rolava em glóbulos mais grossos pelas paredes de cada lado e pingava em fitas grossas do teto baixo. O dragão de luz afundou mais, seu longo pescoço estendido o máximo que podia alcançar.

— *Lute, Nisirdi.* — Implorou Terryyn. — *Brilhe mais forte e queime-o. Eu sei que você tem o poder em você!*

Mas Nisirdi balançou a cabeça e gritou: — *Não, Terryyn! Não tente me alcançar.*

Terryyn fez uma pausa no meio de um passo. Ele se moveu impulsivamente, uma ideia tola e insana levando-o a se aventurar, caminhar até sua sombra e fisicamente puxá-la das garras do alcatrão. Mas isso era uma loucura. A voz de advertência de Nisirdi o trouxe de volta à realidade, pelo menos por enquanto.

— *Você deve fugir deste lugar.* — O dragão de luz insistiu enquanto afundava ainda mais. Suas poderosas asas agora estavam completamente sobrecarregadas. Apenas as curvas para cima ainda arqueavam acima da superfície fervente, e uma película de alcatrão obscurecia seu brilho. Respingos de escuridão cobriram a maior parte do pescoço brilhante do dragão. A luz

brilhava apenas em alguns pontos, tremeluzindo perigosamente como uma tocha crepitando na chuva. — *Você deve correr. Agora.*

— *Para onde posso correr?* — Terryn balançou a cabeça. Ele caiu de joelhos na beira do poço. — *Não há lugar seguro. Não mais. Não sem você.*

Pela primeira vez desde que a explosão de Odile o atingiu, ele entendeu: ele ia morrer. Não havia mais fugas de última hora. Não havia mais recuperações milagrosas. Os truques de sua vida foram jogados, e agora havia apenas o fim.

Ele balançou a cabeça pesarosamente. Quando criança, quando jovem, ele nunca teria acreditado que tal destino estava diante dele, ser abatido em batalha pela própria Terrível Odile. Memórias daqueles momentos finais passaram por sua mente. Seu coração se apertou e ele pressionou a mão contra o peito. Ele entendeu o que aconteceu? Houve algum engano em sua percepção?

Ayleth o havia traído de verdade?

Esse foi o pensamento mais doloroso de todos, mesmo aqui nesta escuridão fedorenta e escaldante, enquanto ele observava o poder de sua sombra desvanecer-se, observava sua própria vida sendo engolida, a ideia de que Ayleth tinha finalmente ficado do lado da Rainha Bruxa. Mesmo acorrentada em ferro como estava, ela poderia ter acabado com a vida de Odile quando a bruxa estava lá com um buraco fumegante bem no peito. Mas Ayleth hesitou.

Foi hesitação? Ou foi uma escolha?

Terryn baixou a cabeça. Fendrel estava certo o tempo todo. Ele deixou suas emoções o guiarem como um tolo. Ayleth era sua grande fraqueza. Sua ruína final.

Os olhos redondos de Nisirdi piscaram para ele. O dragão de luz caiu até a mandíbula. A única luz restante na caverna vinha daqueles olhos brilhantes. Quando o alcatrão os engolissem também, a escuridão final reivindicaria a paisagem mental de Terry. E então... morte.

— *Sinto muito, Nisirdi.* — ele disse, sua voz baixa e pesada. — *Lamento que tenha chegado a este ponto. Lamento não termos mais tempo para alcançar seu propósito neste mundo.*

Um estranho som semelhante a um sino encheu sua mente, rico e leve... e bizarro em um cenário tão horrível. Terry demorou várias respirações para perceber que era o som de uma risada.

— *Que horas são?* — Nisirdi cantou em sua língua estranha. O som não era tão bonito como antes, meio afogado agora pelo piche rolando das paredes. Mas ainda era puro. — *O tempo não tem poder, homem mortal. Uma mera passagem de horas, de anos, de séculos.*

O dragão de luz soltou um suspiro estranho e engoliu em seco quando o alcatrão foi derramado em sua boca. Com um último esforço, ele empurrou sua cabeça mais alto e, por um momento, seus olhos brilharam o suficiente para encher a câmara com raios dançantes e iridescentes. — *Fico feliz que meu nome seja conhecido por você, Terry du Balafre. Estou feliz que nós...*

Com um último gole sonoro, o oblivis sugou o dragão da luz. O ar fumegava, chiava e fedia a alcatrão queimado. Por um último momento, os olhos desesperados de Terry viram o contorno da cabeça de Nisirdi brilhando através de uma película de lama negra. Então a escuridão foi completa. Havia apenas o fedor, o calor, as sombras pressionando.

Terry se ajoelhou à beira do poço, com a cabeça baixa. Ele sabia que ainda estava vivo. Ele podia sentir seu corpo físico sofrendo, mas ainda se apegando à vida. Seria apenas mais alguns momentos agora. Sem a luz de

Nisirdi brilhando dentro dele, lutando contra o oblivis, ele não duraria muito mais tempo.

O alcatrão borbulhou na cova, escorreu das paredes e varreu em direção a ele, logo iria dominá-lo, ferver seu espírito vivo. Ele o sentiu tocar as bordas de sua alma. Erguendo a cabeça, ele olhou para a escuridão total, através da qual não conseguia ver o céu. Ele ergueu as mãos ao nível do rosto, aberto em súplica ou aceitação, ele não saberia dizer.

Ele sussurrou: — *Deusa...*

— *Terryn!*

Não havia luz. No entanto, de alguma forma a visão de Terryn ficou mais clara.

Ele girou onde se ajoelhou para enfrentar a abertura do túnel. Alguém estava lá. Maior que a vida. Seus olhos estavam selvagens, seu cabelo solto e emaranhado. Seu peito estava nu e marcado com muitos cortes abertos que corriam pretos com o sangue manchado pela sombra.

— *Terryn.* — Fendrel disse. — *Pegue minha mão.*

CAPÍTULO 17

Uma explosão de escuridão, como cinzas cuspidas, atingiu Ayleth e a fez voar para trás. Ela pousou com força no pulso da estátua e derrapou na curva em direção à queda. Apenas os impulsos frenéticos do instinto de sobrevivência a faziam mexer descontroladamente com as mãos e os pés, tentando agarrar-se. A superfície de pedra polida quase não oferecia aderência, mas por algum acaso ou providência divina, os dedos de sua mão direita algemada conseguiram travar em uma pequena fratura.

A parte inferior de seu corpo balançou sobre a enorme queda. Os degraus em camadas do monte de ídolos giravam descontroladamente abaixo dela, e toda a Dulimurian parecia girar sob sua visão atordoada. Suas pernas chutaram descontroladamente, em busca de apoio no ar vazio. Seu torso gritava de dor por causa das costelas quebradas, mas ela mal sentia aquela dor pelas explosões de pânico que pareciam relâmpagos em seu cérebro.

O ar ao redor dela girou com oblivis e as reverberações discordantes de uma canção de feitiço, o Cravan Druch trabalhando sua terrível magia para estender uma vida que deveria ser encerrada.

— Ayleth!

A voz mal era discernível através da canção do feitiço batendo em seus ouvidos. Ayleth ergueu os olhos, piscando enquanto partículas de oblivis voavam como areia por seu rosto e feriam seus olhos. De alguma forma, impossivelmente, um rosto ficou claro acima dela.

— Ayleth! — Gerard se jogou de bruços no pulso da estátua.

Como ele poderia estar aqui? Como? Deveria ser algum tipo de ilusão, algum tipo de pesadelo. Não poderia ser real. Mas aquele era seu belo rosto marcado pelas horríveis feridas vermelhas da explosão de maldição da Bruxa do Ardor. Aqueles eram seus olhos dourados brilhando com terror e coragem misturados em uma emoção inominável. Nenhum sonho poderia retratá-lo em detalhes tão perfeitos.

Ele deslizou de bruços, esticando-se ao longo da curva do pulso, estendendo a mão para ela.

— Não. — Ayleth engasgou com a própria voz, mas forçou-a a sair de sua garganta fechada pelo medo. — Não, não! — Seus dedos se esforçaram para segurar aquela pequena protuberância na pedra lisa, e seus músculos saltaram de dor. — Você vai cair!

Ele não ouviu. Ele deslizou mais até que ela pensou que ele certamente perderia qualquer tentativa de controle que ele tinha e cairia de cabeça no ar vazio. Mas não importa o quão longe ele se esticasse, ele não poderia alcançá-la. Mesmo se o fizesse, ele nunca encontraria força suficiente para puxá-la para cima.

— Para trás, Gerard! — Ayleth gritou com ele. Sua caixa torácica estava em chamas. Ela sentiu seu aperto ceder. A oblidite que ela segurava rachou. Ela tinha segundos restantes, se ainda isso. — Saia daqui!

Odile iria reviver. O Cravan Druch cuidaria disso. Ela iria reviver e, quando o fizesse, faria a Gerard o que fizera ao pai dele. Ayleth viu novamente a figura poderosa do rei desabado naquela pequena cripta abobadada com um buraco negro explodindo em seu coração. Ela não podia suportar que isso acontecesse de novo, não para Gerard. Ele era o Príncipe Dourado. A traição que ela sentiu antes, a decepção e nojo, tudo isso desapareceu de seu coração. Mesmo se ela não acreditasse em mais nada, ela sabia que Gerard era

a promessa da Deusa cumprida. Ele o faria, ele deveria sentar-se no trono de Perrinion e guiar seu povo para uma nova era de paz e harmonia. Isso deveria acontecer... ou não...

Ou então sua morte seria em vão. Sua morte, a morte de seus irmãos e irmãs, a morte de Terryn e sua condenação mútua e inevitável. Toda aquela perda, toda aquela dor, toda aquela eternidade de tormento só poderia ser consertada se Gerard vivesse.

Ele olhou nos olhos dela, lendo sua expressão desesperada. Ela viu suas feições endurecerem, sua sobrancelha se projetando em uma linha severa. Ele mordeu algo que ela não conseguiu ouvir, uma maldição, talvez, então desapareceu de sua vista, cambaleando para trás.

Ayleth engasgou com um soluço, meio esperança, meio desespero. Ele tinha entendido? Será que ele percebeu tudo o que ela não conseguia encontrar as palavras ou o fôlego para dizer? Ele estava mesmo agora fugindo de volta para o braço estendido do ídolo?

Ela escorregou. O aperto minúsculo que ela conseguiu encontrar com a mão esquerda se soltou. Apenas sua mão direita ainda estava firme. Em um momento de puro desespero, ela gritou em sua alma: — *Laranta!* — O grito desceu pela corda da alma, abaixo das barreiras de veneno de ferro, alcançando sua sombra onde ela se agachava em uma dor isolada.

Laranta respondeu imediatamente. Ela cambaleou, jogando-se contra as repressões de ferro. Ayleth sentiu uma onda de agonia explodir no espírito de sua sombra. Mas ela deu tudo o que podia. Ela canalizou sua magia ao longo da corda da alma, oferecendo toda a força restante para ela. Não era muito. Mas por agora...

Cerrando o queixo, Ayleth puxou a mão esquerda para trás tanto quanto os elos da corrente permitiam, depois a cravou na pedra, com os dedos

primeiro, com força suficiente para lascar um pequeno pedaço, criando um apoio para a mão. Isso ela agarrou com todas as suas forças. Bem a tempo, naquele exato momento, sua mão direita cedeu. Os elos de ferro que uniam suas mãos se chocaram.

Laranta despejou mais força nela, lutando por tudo que valia contra as supressões. Ayleth estendeu a mão dentro de sua mente, sua alma, tentando tomar posse desse poder, estremecendo quando o uivo agonizante de Laranta ecoou em sua cabeça. — *Venha, Laranta!* — Ela implorou. — *Só mais um pouco!*

Ela ergueu a mão direita o máximo que as correntes permitiam e, mais uma vez, cravou os dedos na pedra. Não foi muito forte, mas foi alguma coisa.

Usando os músculos do estômago, ela tentou puxar os pés para cima. Mas, embora pudesse fazer os dedos dos pés arranharem a parte inferior do pulso, ela não conseguia encontrar nenhum apoio e não conseguia levantá-los o suficiente para fazer diferença.

O uivo de Laranta vacilou. A corda da alma estremeceu com sua dor. O ferro a estava empurrando de volta.

— *Laranta! Laranta, por favor!*

— *Senhora.* — A voz atingiu seus sentidos, um sussurro enfraquecido. — *Senhora...*

— Ayleth!

Ela ergueu os olhos. Gerard estava acima dela novamente, seu rosto fantasmagórico no ar espesso de oblivis. — *Segure-se!* — ele gritou, e ela viu que ele estava estendendo algo em suas mãos. Levou algumas piscadas para perceber o que era: o punho de uma espada. Suas mãos, envoltas em trapos cortados de sua própria camisa, agarravam a lâmina com forte determinação.

Ela olhou para o rosto dele. O sangue escorria por suas belas feições, escorrendo das feridas não curadas. Seus olhos brilhavam e sua mandíbula se

contraiu quando ele cerrou os dentes à mostra. Não havia como ele segurar aquela lâmina. Não havia como ele puxá-la para cima. E ainda... e ainda...

Ayleth se lançou para agarrar o punho, sem prestar atenção à agonia em sua caixa torácica. Ela esperava que Gerard perdesse o controle, a deixasse cair. Seu rosto se contorceu, mas seu controle não vacilou. Ela agarrou com força e, usando o que restava da força de Laranta, conseguiu se erguer ainda mais na curva do pulso, encontrando outros apoios para as mãos e logo apoios para os pés também. Então Gerard estendeu a mão e agarrou as costas de sua camisa, levantando-a ao lado dele. Ela caiu de cara no chão, respirando com dificuldade.

Antes que seu cérebro tivesse a chance de lidar com a realidade de sua própria sobrevivência, Gerard agarrou seu ombro. Suas mãos, envoltas em trapos e sangrando, puxaram-na para cima, virando-a para encará-lo. — Mate-a, Ayleth. — Ele murmurou. Sua voz nem era audível com o clamor do Cravan Druch ecoando no ar. Mas ela não precisava ouvi-lo para entender. Ela podia ler a urgência em seus olhos. — Mate-a agora.

Ele empurrou a espada em suas mãos. Sua lâmina e cabo eram pretos e polidos para um brilho brilhante. Oblidite, ela percebeu. Mas não havia tempo para se perguntar como Gerard tinha conseguido tal arma. Ela cambaleou para ficar de pé, se virou e respirou fundo.

Então ela subiu correndo a encosta da mão enorme. Carregar a espada era estranho com suas mãos algemadas, mas ela conseguiu, ajustando seu aperto enquanto alcançava o topo da curva e olhava para a palma em concha.

O corpo de Odile estava em uma poça de sangue preto fluindo. Mas o sangue fluía na direção errada, escorrendo pela pedra até a ferida sangrenta do pescoço. Fios de oblivis se estendiam dos ombros, agarrando a cabeça

decepada, puxando-a para trás. O longo cabelo emaranhado de sangue arrastava-se na pedra atrás dele.

Ayleth olhou para aquele rosto contorcido em uma máscara de dor horrorizada. Por um instante, ela congelou no lugar, paralisada por aquela visão. A boca estava aberta, a língua saliente, inchada e roxa. Os olhos estavam revirados que apenas o branco aparecia. O Cravan Druch trovejava ao redor deles, sustentando uma vida que não deveria existir.

As pálpebras piscaram. Os olhos focalizaram, moveram-se. Fixado em Ayleth. Cheios de consciência.

Um raio de puro terror percorreu a alma de Ayleth. Galvanizada em ação, ela deslizou pela base inclinada da mão, levantando a espada bem alto enquanto avançava. Ela a agarrou pelo cabo, a lâmina apontada para baixo, e desferiu um golpe que deveria espetar o coração da mulher sem cabeça. Um rugido selvagem explodiu de seus lábios quando ela abaixou a lâmina.

Mas, à medida que a ponta mergulhava em seu alvo, a oblidite derretia. Uma nuvem de partículas pretas rodopiantes voou até os olhos de Ayleth, e suas mãos algemadas ficaram agarradas ao vazio. Odile, ainda sangrando no pescoço, sua garganta uma massa de fios de feitiço negros, piscou para Ayleth. Sua boca se torceu, sua língua se contorcendo descontroladamente entre os lábios.

Ayleth, sem armas, atacou-a com os dedos curvados, pronta para agarrar, quebrar e rasgar. Mas antes que ela pudesse segurá-la, a mão de Odile se ergueu e uma explosão de oblivis explodiu no rosto de Ayleth. Não foi uma explosão tão grande quanto a última, havia uma qualidade incerta e desfocada na magia. Mas foi forte o suficiente para enviar Ayleth voando de volta para um dos pilares de dedo erguidos.

Ela bateu com força e caiu no chão, no momento atordoada demais para se mover, até mesmo para levantar a cabeça.

Odile se levantou. Oblivis a envolvia em uma nuvem densa e agitada. Ela cambaleou, quase caiu e recuperou o equilíbrio. Sua cabeça pendia estranhamente enquanto os fios do feitiço se fortaleciam. Seus olhos reviraram, fixando finalmente o olhar em Ayleth com uma intensidade quente o suficiente para matar. O ódio assolou aquele olhar, misturado ao horror. E saudade. E amor.

Odile ergueu as duas mãos. Seus olhos rodaram com a escuridão de seu espírito, com a guerra das emoções terríveis apodrecendo em seu núcleo. — Sinto muito, Olena. — Ela disse.

Oblivis explodiu de suas mãos em duas lanças denteadas. Mas as duas se afastaram, uma acertando o chão bem à direita de Ayleth, a outra passando por cima de seu ombro e acertando a coluna de dedo atrás dela. O pilar rachou, desmoronou e caiu sob aquele golpe. Ayleth abaixou-se, cobrindo a cabeça, mas ergueu os olhos de novo quase imediatamente, perscrutando através das partículas giratórias e da névoa de magia, desesperada para ver o que poderia ter desviado a mira de Odile, já suspeitando do que iria encontrar.

Gerard. Ele não tinha nenhuma arma, então ele se jogou fisicamente em Odile, envolvendo os braços ao redor dela, prendendo seus braços ao lado do corpo. Ele não tinha magia, sombra, quase nenhuma força mortal sobrando para ele depois de ter respirado tanto oblivis. Ele não tinha nada além da força de seu próprio corpo mortal, mas ele torceu, puxou, arrastou Odile em direção à ponta da mão.

O que ele estava fazendo? Ele estava tentando lutar com ela para o ar vazio, tentando arrastá-la com ele para o lado? Ele sabia que mesmo uma

queda como aquela não poderia matá-la. Mas poderia ser o suficiente para poupar Ayleth, o suficiente para dar a Ayleth a chance de matá-la mais tarde.

— Gerard, não! — Ayleth gritou.

Odile rosnou uma maldição. Então ela abriu a boca, anormalmente larga, e oblivis fluíu de sua garganta em uma espiral sinuosa, enrolada atrás de sua cabeça, e enrolada em volta da garganta de Gerard. Outro comando, e endureceu e puxou Gerard para longe de Odile. Ele tentou se segurar, mas não conseguiu, preso como estava naquele aperto da cobra da escuridão.

Odile tropeçou dois passos à frente, então se virou para enfrentar seu agressor. Ela se ergueu como a rainha que era, e seu cabelo caiu preto atrás dela, apanhado na tempestade de oblivis. — Eu conheço seu rosto. — Ela disse, sua voz aveludada e cheia de veneno. — Você só pode ser filho do seu pai. Então! O Rei Escolhido encontra maneiras de me perseguir, mesmo além da cripta.

Ela deu um passo à frente, seus passos hesitantes, a cabeça ainda solta no pescoço curado. Estendendo uma mão, ela tocou o rosto vacilante de Gerard, acariciou sua bochecha. Sua unha dura desenhou uma nova linha de sangue para combinar com as outras marcas. — Diga-me, pequeno príncipe, o que você fez à minha tenente? O que você fez com minha doce Inren? Você a massacrou assim como seu pai massacrou tantos de meus servos fiéis?

Gerard não conseguiu responder. Sua boca se abriu, mas apenas em um suspiro desesperado por ar. Oblivis o levantou do chão. Ele estava indefeso em suas garras. Odile moveu o braço em um gesto afiado de arremesso, e o oblivis o balançou entre o dedo indicador e os pilares do polegar, suspendendo-o sobre a cidade lá embaixo.

— O dom profetizado da Deusa vem para o mundo mortal. — Odile meditou, assistindo Gerard chutar como um homem condenado dançando na

corda de um carrasco. Seu sorriso brilhou. Quando ela falou novamente, sangue e saliva voaram por entre seus dentes. — Os dons da sua Deusa não valem a pena.

Ayleth observava, seu espírito congelado, seu corpo petrificado como a floresta da orla. O tempo desacelerou para uma medida de batimentos cardíacos, cada um uma punhalada afiada em seu peito.

Uma batida, e ela viu os olhos de Gerard se arregalarem, o viu perceber a certeza de sua condenação.

Uma segunda batida... e ela sentiu algo puxar sua consciência. Uma pulsação de magia, de poder.

Na terceira batida, ela se virou e olhou, não com seus olhos mortais, mas com seu espírito, na escuridão absoluta da Presença erguendo-se para pairar dentro do centro da coroa de Éter. Ela viu ali a terrível potência ancorada no mundo da matéria por meio daquele metal vivo que possuía.

Ele olhou para ela. Ele acenou.

Oromor sussurrou em seu ouvido: — *Agora, agora, agora.*

Seu coração bateu uma quarta batida.

Odile sacudiu a mão dela. A espiral em torno da garganta de Gerard se desintegrou em nada. Ayleth mergulhou para a frente, impulsionando-se com as pernas, deslizando de barriga para baixo nos contornos suaves da palma. O grito de Gerard rasgou seus ouvidos e desapareceu na distância.

Ela pegou a coroa com as duas mãos. Ela não percebeu como queimava sua pele. Ela não percebeu o choque da dor atravessando seus ossos, disparando através de seus sentidos, explodindo em seu cérebro. Ela percebeu apenas como era fácil levantar aquele enorme círculo de metal vivo e colocá-lo em sua cabeça.

CAPÍTULO 18

Deveria ser uma ilusão. Uma ilusão desesperada inventada por uma mente perdida na insanidade enquanto lutava contra os estertores finais da morte sobrepujando seu corpo físico. Mas era a única coisa visível neste mundo escuro e escaldante. Então, embora ele quisesse desviar o olhar, Terryn não podia fazer nada além de olhar.

Fendrel deu um passo à frente. Essa única ação foi suficiente para sacudir Terryn para a realidade. Fendrel era seu inimigo. Ele se levantou e recuou.

— *Pare!* — Fendrel latiu.

Terryn sentiu a borda do buraco sob seu calcanhar. Mais um passo e ele cairia, juntando-se a Nisirdi naquela escuridão fervente. O alcatrão estava subindo de qualquer maneira e juntando-se em fios mais grossos para cair escorrendo do teto acima. Logo não faria diferença se ele se mantivesse firme ou caísse.

Mas os olhos de Fendrel imploraram silenciosamente. Ele estendeu a mão trêmula, que corria com sangue enegrecido. Mais sangue jorrava dos cortes em seu torso, cortes que Terryn reconheceu de quando Fendrel executou o feitiço de purga em Ayleth.

— *O quê... o que você está fazendo?* — Terryn exigiu.

— *O que parece que estou fazendo?* — Fendrel rosnou. — *Estou salvando sua pele ingrata.* — Ele deu outro passo, este mais cauteloso do que o anterior. Seu rosto estava pálido com a perda de sangue, sua pele nua branca onde aparecia através das manchas de sangue enegrecido. — *Venha para mim, garoto. Pegue minha mão. Eu posso tirar você daqui.*

Terryn balançou a cabeça. — *Você me quer morto. Morto e condenado. Eu te conheço muito bem, Fendrel. Não vou cair nos seus truques.*

Fendrel engoliu em seco. Ele não falou, mas também não vacilou sua mão estendida.

— *Você ordenou minha morte.* — disse Terryn. — *Você me olhou nos olhos e me declarou inútil. Inútil para a Ordem. Inútil para a Deusa.* — Ele rangeu os dentes. — *Inútil para você.* — O ar estava tão quente que sua pele começou a formar bolhas, a queimar como carne em uma fogueira. Ele estremeceu, engasgou. As lágrimas escorreram por suas bochechas, queimando enquanto passavam.

E ainda assim ele não conseguia desviar o olhar daquele rosto duro e ilegível. Aquele rosto em que ele confiava acima de todos os outros. Seu mestre que o treinou nos caminhos secretos da Ordem. Seu salvador que o tirou dos escombros de Cró Ular. O homem que o tomou sob sua proteção, deu-lhe abrigo, deu-lhe propósito, deu-lhe tudo o que ele era.

Seu assassino.

— *Eu vi através de suas mentiras, todas elas.* — Terryn cuspiu. Uma torrente de alcatrão em chamas caiu em uma cortina entre eles, mas Fendrel passou por ela como se não estivesse lá, fechando a distância entre eles. Terryn recuou um pouco mais. Seus lábios se contraíram em uma careta torcida de dor. — *Não somos servos da Deusa. Nós perseguimos e massacrados Sua criação. Não agimos em santidade, apenas tememos. O medo de Evander. O medo que levou toda a humanidade a subjugar e oprimir, em vez de nutrir e libertar. Foi o medo, não a fé, que nos moldou, nos distorceu, nos transformou em monstros muito piores do que aqueles que caçamos.*

Foi um lampejo de emoção naqueles olhos duros de ferro? Um tremor percorrendo aquela mão e braço estendidos?

A escuridão se fechou e o calor arrancou um gemido de dor da garganta de Terry. Mas a pressão das palavras finais subiu direto de seu intestino, soprando como náusea em sua língua. — *Eu nunca serei seu herdeiro, Fendrel.* — ele disse. — *Eu nunca serei o que você quer.*

Por um momento, o silêncio queimou entre eles, preenchido com a ondulação nebulosa de ar fervente. A visão de Terry turvou, escureceu. Ele caiu de joelhos. Mas ele não deixou seu olhar se desviar do de Fendrel. Não agora, não no final.

O rosto de Fendrel estremeceu de repente, sua cabeça girando bruscamente para o lado. O sangue escorrendo de seu torso parecia aumentar, correndo tão rapidamente quanto o alcatrão escorrendo pelas paredes. Ele puxou a cabeça para cima, seus olhos brilhando. — *É aí que você está errado.* — disse ele.

Terry não foi rápido o suficiente. Embora ele tentasse se virar, para se jogar na cova, seus membros se recusaram a obedecê-lo. Talvez seu próprio desespero tenha diminuído seus reflexos. Talvez a perda de Nisirdi o tenha enfraquecido muito. Talvez ele simplesmente nunca tenha sido tão rápido ou forte quanto seu mestre.

Assim que o alcatrão caiu do teto acima em um dilúvio de escuridão ardente, Fendrel passou os braços ao redor de Terry, protegendo-o com seu corpo ensanguentado. Calor, puro calor, dominou todos os sentidos, exceto o fedor de carne queimada. E então uma voz falou no ouvido de Terry:

— *O que quer que você faça... onde quer que você vá... você sempre será meu filho.*

Então o grito de Fendrel explodiu na cabeça de Terry.



Os fios do Anathema explodiram em uma explosão de magia, derrubando Hollis de costas. Por um momento, ela olhou para o céu vertiginosamente distante. Céu real, ela percebeu. Uma pausa na atmosfera oblivis. E além dele brilhavam minúsculos pontos de luz. Por um momento, ela não conseguiu se lembrar de como eram chamados. Então, vagamente, distante, ela pensou: *Oh, sim. Estrelas...*

Mas não havia tempo para pensar na beleza longínqua. Ela rolou e se apoiou nos cotovelos. — Fendrel? — Seu coração batia descontroladamente na garganta. Sua sombra recuou, assustada com a explosão de magia, limitando Hollis a sua visão mortal. O mundo estava escuro e ela lutava para discernir qualquer coisa. Mas seus olhos lentamente se ajustaram.

— Fendrel! — Ela ficou de joelhos e mãos e rastejou sobre o corpo inclinado de Terryn para alcançar a figura caída ao lado dele. Ela pressionou a mão contra o peito de Fendrel, e seu sangue estragado queimou sob sua palma. — Não, não, não. — Ela choramingou, puxando a cabeça dele em seu colo. Ele já estava morto? Seu espírito estava livre e condenado?

— *Venha para mim! Venha até mim!* — Ela gritou para sua sombra no fundo de sua alma. Mas não respondeu.

Ela olhou para aquele rosto, aquele rosto que ela conhecia ainda melhor do que o dela, embora ela mal o visse em vinte anos. Ele estava quase irreconhecível agora. Veias enegrecidas saltavam em sua pele, e seus olhos abertos, olhando vagamente para o céu, eram orbes negros sem sequer um brilho de branco remanescente. Nenhum vestígio dos olhos cinzentos tempestuosos que outrora tanto cativaram seu coração.

Os braços de Hollis estremeceram com tanta violência que ela mal conseguiu segurá-lo. Mas ela o segurou, pressionando a cabeça dele contra o peito e balançando lentamente para frente e para trás. Naquele momento, ele não era o homem que ela agora sabia que ele era. Ele não era o Venador Dominus, a Lenda da Guerra das Bruxas. O mentiroso. Naquele momento, naquele momento final, ele era apenas Fendrel. O menino que ela amava. O menino que ela perdeu, não para qualquer monstro, mas para si mesmo. O menino que perseguiu de todo o coração sua própria condenação.

Hollis cerrou os dentes enquanto tirava os fios de cabelo suado de sua testa. Então ela fechou os olhos e se inclinou, dando um beijo naqueles lábios negros e inchados. Ela provou oblivis. E morte.

Uma explosão de luz e som explodiu de repente na escuridão atrás de suas pálpebras. Ela abriu os olhos, mas viu apenas o brilho da luz e, através dessa luz, a força pulsante de asas magníficas. Não a multidão de asas que era sua própria sombra. Não... essas asas eram muito maiores e, quando se moviam, lançavam lanças de luz em explosões de cores que deslumbravam o espírito. E a cada explosão, outra nota de música selvagem e indescritível soava em seus ouvidos. Hollis tentou fechar os olhos, mas não conseguiu. Seus olhos mortais já estavam fechados, e seu espírito não pôde deixar de ver esse poder se manifestar diante dela. Ela olhou boquiaberta e maravilhada enquanto aquelas asas se erguiam no ar, carregando um corpo sinuoso rapidamente em direção a uma barra vermelha e maliciosa na realidade.

Os Assombrados estava se abrindo.

O silêncio caótico daquele reino se chocou contra a brilhante canção de luz, quase oprimindo os sentidos de Hollis. Ela se agarrou com mais força ao corpo vazio de Fendrel, sabendo que não havia nada que pudesse fazer para salvá-lo agora. Espíritos apareceram acima dela, arrastando cordas

quebradas. Ela os reconheceu imediatamente, o Anathema de muitos membros e hediondo que tinha sido o companheiro de Fendrel por muitos anos, e aquele brilho, aquele orbe dourado da alma que ele agarrava em suas garras... era o próprio Fendrel. Ela o reconheceria em qualquer lugar.

— Por favor. — Ela sussurrou. — Por favor, Deusa...

O ser alado, a criatura de luz, disparou direto para o portão infernal, direto para aquelas almas enquanto eram sugadas por ele. Os Assombrados começou a fechar, como uma boca fechando em um sorriso duro e cheio de dentes de satisfação. As asas do ser pulsaram uma última vez, e um lampejo de brilho cegante fez Hollis gritar e abaixar a cabeça, pressionando o rosto contra a bochecha sem vida de Fendrel. A cacofonia da música e o silêncio terrível ressoou em sua cabeça, ensurdecendo seu espírito.

Então tudo ficou quieto.

Hollis abriu seus olhos, seus olhos mortais. Manchas escuras e pontos brilhantes dançavam ao longo das bordas de sua visão, mas não podiam ocultar a visão do rosto morto de Fendrel em seu colo. Ela respirou fundo, estremecendo, e três lágrimas caíram de seu rosto, pousaram em seu rosto e escorreram em sua barba. Outra respiração e ela ergueu a cabeça.

Terryn encontrou seu olhar.

Ele se ajoelhou diante dela, segurando a mão de Fendrel, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Seu torso estava ensanguentado com os cortes longos e superficiais da magia de limpeza de Fendrel. Mas o sangue que descia por seu peito e estômago estava vermelho, limpo. Em seus olhos, ela viu uma luz brilhando, a mesma luz que ela vira no céu, piscando para os Assombrados. A mesma música, brilhando com magia. Aquela luz e música eram sua sombra, sua sombra ascendente e irrestrita. E ele tinha usado, usado aquele poder

incrível em uma última tentativa de alcançar e resgatar a alma de Fendrel dos Assombrados.

Hollis queria falar, mas não conseguiu encontrar palavras. Ela não podia fazer a pergunta que ela desejava fazer. *Sua sombra conseguiu? Você o pegou? Você o salvou?*

Terryn a olhou nos olhos, mas ela não conseguiu ler sua expressão.

— Terryn! Você está bem? — Venador Kephan se aproximou, oferecendo uma mão. Terryn aceitou, permitindo que o venador o colocasse de pé. Ele cambaleou e parecia que ia cair, mas conseguiu se endireitar. Os outros evanderianos se aproximaram, parecendo inquietos. Fendrel havia dado ordens para que Terryn fosse morto apenas na noite anterior. Agora, aqui estava ele acima do cadáver de seu Dominus, e eles não sabiam o que pensar.

Mas Kephan estava perto de Terryn, sua postura ligeiramente protetora. — Achei que você estava acabado. — disse ele, olhando do peito sangrento de Terryn para Fendrel no chão. — Ele... Eu acho que no final ele...

Antes que Kephan pudesse terminar o que quer que estivesse prestes a dizer, uma explosão de poder percorreu a terra. Uma onda de magia tão profunda que até mesmo olhos mortais podiam vê-la sem necessidade de visão nas sombras. Ela derrubou Terryn e os evanderianos, derrubou Hollis no chão, arrancou Fendrel de seus braços e fez seu corpo rolar vários metros para longe.

A horda de Odile de tomados pela sombra começou a gritar. Erguendo-se de onde quer que a explosão os tivesse lançado, eles se espalharam nas sombras escuras da Floresta da Bruxa e se afastaram. Hollis se endireitou e olhou na direção de onde viera a explosão. — Malditos Assombrados! — ela murmurou.

A parede de videiras havia sumido. Simplesmente desaparecido.

Nada ficava em seu caminho, nada bloqueava sua visão da cidade em ruínas. Nada impedia seu olhar enquanto ela olhava para a longa rua quebrada até o centro da cidade, onde o ídolo quebrado se ajoelhou em seu monólito, a mão erguida e brilhando com luz vermelha, como se tivesse acabado de pegar um sol morrendo ao cair para a Terra.

— Ayleth. — Hollis se levantou de um salto. — Ayleth!

Um lampejo de movimento, um lampejo de asas brilhantes. Hollis se virou e viu Terryn começar a correr, indo direto para o ídolo. Ela quase podia ver o dragão branco e brilhante seguindo no ar atrás dele.

CAPÍTULO 19

O tempo cessou. Ou simplesmente nunca existiu.

Ayleth permaneceu em um lugar de perfeita quietude. Não trevas, pois as trevas exigiam a ausência de luz, e não existia luz. Em algum lugar distante, algo queimava. Sua cabeça. Sua pele, seu cabelo. O metal inflexível prendeu-se ao redor de seu crânio, e o poder queimou através dele, como raios de magia. Ela sentia, sentia sua boca se abrindo, sua garganta apertando, seus pulmões arfando enquanto ela gritava de dor.

Mas nada disso importava. Aqui não.

Aqui era simplesmente silêncio. Vazio sem distância. Sem forma, exceto por sua própria personalidade individual, presa no centro de nada. Ela era a totalidade de tudo o que existia, um universo solitário.

Mas então... um sentimento. Não dela.

Uma presença.

Deleite.

Uma explosão de vida repentina, brilho e som explodiu em seus sentidos. Ayleth tentou erguer as mãos, fechar os olhos, bloquear aquilo. Mas ela não possuía mãos nem olhos aqui, nada com que parar o ataque. O prazer a percorreu, envolvendo sua alma. Ela sentiu gavinhas escuras agarrando sua visão, abrindo-a mais, enviando seu olhar mais profundo. Descendo para a escuridão do espírito e da existência totalmente estranha para ela. Recordações...

Ela viu o mundo vivo sob um novo sol branco, um mundo que cintilava e brilhava, seus rios correndo com Éter, suas montanhas altas, azuis e

vivas. Ela viu grandes cidades crescerem, surgindo do solo como projeções de cristal e gelo. Elas reverberavam com música, com canções de feitiço mais complexas, variadas, belas e terríveis do que qualquer uma das melodias insignificantes que ela já havia tocado em sua flauta de osso.

As eras passaram. As cidades se ergueram no ar, movendo-se pela superfície do mundo como estrelas traçando seus caminhos no céu, subindo pela atmosfera, flutuando livremente na escuridão profunda da noite. Os seres pairavam entre elas, seres formados de matéria, almas cintilantes apenas contidas naqueles corpos hospedeiros em forma de gaiola. Eles viajavam pelo ar e pelo espaço em carruagens que Ayleth não conseguia descrever, máquinas formadas de fogo, magia e Éter vivo. Os seres que os montavam, que os controlavam, eram gloriosos além da imaginação.

Ela tentou falar. Ela não tinha boca, mas tentou formar a palavra, uma palavra que sua linguagem mortal mal podia conter: *Ildrir*.

Ela piscou...

... e mais eras vieram e se foram. Ela viu as cidades caírem, as torres brilhantes desabando em bolas de fogo do céu, atingindo a terra e enviando ondas de choque de destruição. Os rios Éter desceram por fendas, afundando nas profundezas do mundo, engolidos pela fornalha em seu núcleo. Espíritos percorriam o ar, gritando suas canções de feitiço, todas as várias cores do espectro de sombra piscando na escuridão.

Ayleth sentiu tristeza. Ela sentiu raiva. Desespero. Não era dela, mas fluía por ela, tão real quanto o sangue em suas veias. Os Assombrados se abriu amplamente. Não as pequenas rachaduras na realidade que ela testemunhou inúmeras vezes. Não. Em meio ao caos, aquela boca escancarada se abriu como se fosse devorar o mundo inteiro. Ayleth se sentiu sendo puxada, arrastada. Ela gritou e se debateu, mas esta não era sua memória, então ela não

podia lutar contra isso. Inexoravelmente, a alma negra que a rodeava puxou-a para uma eternidade de tormento.

Aqui, não havia eu. Apenas esmagando. Apenas horror após horror sem tempo ou esperança de terminar. Oblivis a rodeava, mas ela não podia controlá-lo, não podia manipulá-lo para seu propósito desejado, pois ela não tinha desejos nem propósito. Ela foi cortada. Cortada da própria Canção da Vida que havia ecoado em seu espírito desde o momento em que sua existência começou, embora ela nunca tivesse percebido isso, nunca tivesse reconhecido isso.

Aqui, não havia uma grande e duradoura Canção.

O que é que era isso?

Algo se tornou real, tornou-se visível. Uma rachadura na eternidade, um mero raio de luz. Mas seu ser, seu senso de identidade, de repente se fundiram em uma sacudida de necessidade desesperada. Ela se lançou em direção a essa abertura e caiu, de volta a uma existência de tempo em que nada era infinito, nem amor, nem perda, nem horror, nem esperança. Um mundo em constante mudança.

Mas este não era o mundo que ela havia deixado para trás quando os Assombrados reivindicaram sua alma. Este era um mundo pequeno e confinado. Um mundo de Éter, vivo, mas limitado. As mentes aqui eram muito diferentes da dela, as memórias muito estranhas. Um corpo hospedeiro inanimado no qual uma alma poderia se ancorar, mas nunca verdadeiramente viver.

Ela se atirou nas fronteiras desse hospedeiro, procurando abrir caminho para se libertar. O alívio de escapar de Assombrados diminuiu à luz desta nova prisão. Alguém a puxou aqui e a prendeu. E com que propósito?

Houve uma pulsação vermelha através do Éter. Algo mortal em meio ao brilho azul imortal. Uma mente apareceu do nada. Uma mente mortal com um padrão de pensamentos e memórias, desejos e medos, luxúrias e anseios. Ainda era uma mente limitada, mas era pelo menos mais parecida com o que ela conhecia há muito tempo. Ela se derramou nessa mente, aliviada por encontrar algo sobre o qual pudesse assumir o controle. Ela olhou através dos olhos mortais em um mundo de matéria, nem de longe tão glorioso como o Éter rico em mundo seu mundo, mas emocionante em suas possibilidades. Um mundo pronto para a conquista.

Então, assim que ela começou a estender seu poder de dentro dos confins da coroa, para assumir o controle desta mente mortal, as amarras se fecharam. Outro espírito se levantou para encontrá-la.

Oromor, falou uma voz que ela conhecia.

Irimir, ela respondeu. Mas não foi a voz dela que falou. Era o Escuro que a possuía.

Sem nenhuma outra palavra falada entre eles, os espíritos se lançaram um contra o outro em um choque de vontades, poder, magia e música. Uma batalha terrível que durou cem anos e um único instante. Mas no final, ela, *Oromor*, caiu sob a força de seu irmão. Ela se tornou subserviente.

Mais imagens surgiram antes de sua visão, cada vez mais rápido, muito rápido para compreender. *Ayleth* assistiu à ascensão e queda de impérios, impérios mortais desta vez, cidades mortais de lenda e história. Alguns deles ela reconheceu de coisas que ela aprendeu quando criança. A maioria, ela não fez. Não importava. Ela não era *Ayleth* agora. Ela era *Oromor*. Ela vivia e pulsava como *Oromor*.

Por fim, a presença de *Irimir* se retirou, deixando para trás um vazio, uma solidão que era um alívio bem-vindo. Ela sentiu a coroa do Éter passar de

cabeça em cabeça. Algumas das mentes ela foi capaz de ultrapassar, mas a maioria morreu na ultrapassagem, destruída muito rapidamente para ter qualquer uso duradouro. Sem o sangue certo, eles se apagavam como velas, às vezes em alguns dias, às vezes em alguns momentos.

Ayleth viveu a frustração de Oromor enquanto este procurava trabalhar além das restrições de sua prisão de Éter. Ela sentiu seu poder tão antigo, sua sensibilidade tão estranha e profunda. Ela girou através de séculos de escuridão pontuados por explosões de poder seguidas por mais escuridão.

E ela sentiu o momento em que Odile levou a coroa. O êxtase e agonia de Oromor eram seus ao reconhecer o sangue que permitiria a este hospedeiro mortal sobreviver, mas também o poder contrastante e escravizador de Irimir. E assim, os séculos de servidão começaram novamente.

Quando o atacara o atingiu, foi como um raio de presente. Ayleth viveu aquele momento e sua alma se exaltou com o poder que fluía através dela, poder suficiente para vencer seus escravos, poder suficiente para assumir a ascensão e o controle. Mas no final, apenas quando tudo que ela ansiava, tudo que Oromor ansiava, estava ao seu alcance...

Odile tirou a coroa de sua cabeça.

Mesmo assim, a potência do atacara invadiu seu ser. Ela deveria canalizá-lo, usá-lo, encontrar uma maneira de fazê-lo servir ao seu propósito. Primeiro, ela se esforçou nos limites de sua prisão Éter, mas não adiantou. Se ela escapasse deste hospedeiro, ela teria apenas os Assombrados esperando para reivindicá-la. Não, ela deveria de alguma forma trabalhar para influenciar o mundo através do hospedeiro que ela tinha.

Ela alcançou o próprio Assombrados e puxou o oblivis para o mundo mortal. Enormes marés de escuridão correram entre realidades, e Floresta da Bruxa cresceu, cobrindo a paisagem. Ayleth-enquanto-Oromor estendeu-se

através de uma rede sinuosa de videiras parasitas, disparando por entre as árvores torturadas, correndo para engolir todo este mundo.

Mas sempre, sempre, sua vontade era frustrada. Rios de água benta tocados por uma fonte de luz além de sua influência a cercaram por todos os lados, exceto um. E aquele lado, onde ela deveria ter sido capaz de derramar toda a sua raiva e poder, continha uma barreira, um feitiço muito poderoso até mesmo para os últimos ecos do atacara reverberando em sua alma superarem.

Desespero. Limitação. Frustração e ira. Meras palavras mortais falharam em descrever o tumulto de sentimento que a rasgou, pronto para destruir sua consciência. Palavras mortais só poderiam descrever emoções mortais. Aqui, elas estavam sem contexto. Sua mente dobrou e ameaçou quebrar.

Ayleth gritou.

Com aquele grito, o espírito dentro dela se retraiu um pouco, e Ayleth encontrou espaço para sua mente existir. Puxando-se para frente na consciência do tempo, consciência do presente, ela percebeu que tudo o que ela acabara de experimentar acontecera dentro de sua cabeça em menos do que o espaço de uma única respiração. Ela tentou olhar para Oromor, para a enorme Presença em sua cabeça, mas era muito grande, muito poderosa para sua mente dar uma forma projetada. Simplesmente não seria contido. Mas ela sentiu a terrível personalidade disso.

Parecia sorrir.

Ayleth sentiu seu corpo mortal, ainda agachado naquela plataforma de oblidite. Suas mãos algemadas ainda estavam na coroa, ainda segurando-a quando ela a colocou na cabeça. Ela precisava jogar fora. Agora. Enquanto ela ainda tinha algum controle de sua própria vontade.

– *Estique sua mão.*

Havia um significado em sua cabeça sem palavras. Sua mente estremeceu com o esforço de entender.

– *Estenda sua mão, mortal. Veja o que posso dar a você.*

Mais um instante. Tempo suficiente para Ayleth piscar.

Ela estava de volta ao presente, ajoelhada no oblidite, olhando através da palma para onde Odile ainda estava se virando para olhar para ela, sua boca ainda se transformando em um grito de – Não! – Sua mão se erguendo, aumentando o poder para um ataque.

Ayleth viu o espaço vazio atrás de Odile, onde Gerard estivera suspenso apenas um momento antes.

Ela estendeu a mão direita, mal ciente de qualquer escolha consciente de sua parte. Ela mal percebeu quando a ação quebrou as correntes de ferro que a prendiam todo esse tempo e elas caíram ruidosamente no chão, libertando-a da influência do ferro. Ela mal percebeu quando Laranta reagiu profundamente dentro dela, surgindo em uma onda de magia Feral.

A escuridão fluía das pontas dos dedos, oblivis reunidos em uma espiral longa e concentrada. Ela sentiu a atração por sua vontade, sentiu que enxameava para ela e então explodiu de sua mão, passando por Odile. Era como seu próprio braço, como uma extensão de si mesma estendendo-se e esticando-se. Ela sentiu a rajada do vento enquanto o oblivis corria contra o tempo, contra a própria gravidade.

Ela não podia vê-lo, mas sentiu Gerard abaixo dela, girando e girando enquanto ele despencava em direção à cidade lá embaixo.

Ela não podia ver, mas sentiu quando o pegou em uma torção de oblivis.

A respiração foi arrancada de seus pulmões, mas ela foi gentil. Ela estava no controle, mais controle do que deveria possuir, uma parte distante de sua

mente protestou. Ela o puxou pelo ar vazio, de volta à palma da mão do ídolo, entre o indicador e o polegar.

Ayleth piscou sua consciência de volta para sua própria cabeça. Sua pele queimava e ela sentia dor, mas simplesmente não importava. Ela olhou para Odile, que estava em frente a ela, uma tempestade de oblivis agarrada em uma espiral ao redor de seu punho. Odile não fez nenhum movimento quando Ayleth largou Gerard na plataforma atrás dela, então se colocou entre ele e a Rainha Bruxa como uma mãe urso montando guarda sobre seu filhote.

Odile ainda não fez nenhum movimento. Com o rosto pálido de pavor, ela olhou para Ayleth, para a coroa em sua cabeça. — Olena. — ela disse. — Olena, eu tenho que acreditar que você ainda está aí. Eu tenho que acreditar que você pode me ouvir.

Ayleth se preparou, erguendo as duas mãos. Oblivis se reuniu sob seu comando. Foi tão fácil. Tão natural, como se ela tivesse nascido com esse poder. Era seu sangue di Mauvalis, seu direito de nascença.

— Olena! — O rosto de Odile se contorceu em súplica. — Tire a coroa. Agora. Enquanto você ainda pode.

— Por que eu faria isso, avó? Para então você me explodir até o esquecimento?

— Melhor morrer do que perder sua alma para aquele demônio. — Odile deu um passo, com as mãos ainda levantadas, o oblivis agitado em torno de seu prédio em poder, pronto para explodir. Mas ela se conteve por um momento. — Oromor vai consumir você. Você vai perder tudo para a sua vontade.

— Tudo? — Ayleth riu, um som oco que ecoou em seu peito onde seu coração deveria bater. — Já perdi tudo.

Ela viu o rosto de Terryn quando sua avó desferiu o golpe mortal. Ela viu o rosto de Hollis enquanto revelava suas muitas mentiras. Ela viu o rosto de Fendrel enquanto ele a prendia com luvas de ferro. Enquanto os Capuzes Vermelhos se reuniam em torno dela, enquanto declaravam sua sentença de morte e a expulsavam de sua Ordem.

Bem no fundo, bem no fundo dela, por trás do poder tumultuoso de Oromor, ela pensou ter ouvido uma voz gritar: — *Senhora! Senhora, espere!*

Mas ela balançou a cabeça e focou seu olhar em Odile, as sobrancelhas franzidas sob a faixa ardente da coroa. — Mas posso ter certeza de que você perderá comigo. — disse ela.

Elas atacaram no mesmo momento.

As explosões de Oblivis colidiram em um choque terrível que deveria ter enviado Ayleth cambaleando para trás. Mas ela se preparou e se manteve firme. Ela sentiu o poder de Oromor percorrendo seu corpo físico, além de qualquer coisa que ela já havia experimentado. A magia Feral que ela conheceu durante toda sua vida não era nada comparada a isso. Mas Odile era páreo para ela. Mais do que páreo, Ayleth sentiu imediatamente. A sombra que Odile carregava era a maior das duas, senão por muito. E não havia nenhum feitiço da canção atacara para aumentar o poder de Oromor.

Mas o corpo de Odile estava enfraquecido, mantido unido apenas pelo Cravan Druch, enquanto o corpo de Ayleth era jovem e forte.

A mão do ídolo tremeu sob a força do elemento que se quebrava. Seus dedos restantes balançaram e todo o braço ameaçou cair. Odile e Ayleth recuaram, retraindo seus poderes. Odile parecia nervosa, notou Ayleth. Ela deveria ter medo de morrer em uma queda, pois se Ayleth causasse a queda, tal morte seria suficiente para quebrar o Cravan Druch.

— Você está com medo, vovó. — Ela disse. Ela acreditava que era sua própria voz falando, mas não tinha certeza. — Há quanto tempo você não sente medo de verdade? Desde que o Rei Escolhido marchou sobre Dulimurian? Não... não, não acredito que você teve medo, nem mesmo então. Você sempre teve um plano, sempre teve uma manobra para se proteger contra o inimigo. Você sempre teve uma desculpa para sua própria autopreservação. Então, por que você temeria?

Odile deu um passo cuidadoso para a esquerda, os olhos fixos em Ayleth. Ayleth se movia em perfeita sincronia com ela. Elas circularam uma à outra em torno do centro da palma da mão. Oblivis as seguia em um redemoinho de escuridão cintilante.

— Olena... — Odile disse. — Isso não é você falando. Você pensa que é, mas está errada. Já está dentro da sua cabeça. Já está tomando conta de você. Se você lutar, se você tentar... você ainda pode se salvar. Ainda há algo de você presente. Eu posso ver você em seus olhos.

Ayleth estendeu sutilmente um dedo poderoso, estendendo a mão, esticando-se, procurando algo no escuro. Ela pegou uma fatia de oblivis e endureceu em pedra. — Eu não acho que você conhece o medo verdadeiro há muitos anos. — Ela disse, sua voz era puro veneno. — Não desde antes de você pegar esta coroa para você. Não desde antes de você se tornar a Nova Deusa, o Veneno. Não. Desde...

Ela fez uma pausa. Parte dela não queria continuar, não queria falar as palavras maliciosas que se formavam em sua língua. Mas outra parte dela, uma parte muito maior, a incentivava. Sua boca se moveu e as palavras saíram contra sua vontade. — Você não sente medo desde que levaram sua filha. Desde que eles a amarraram a uma estaca. Desde que eles atingiram a pederneira e o fogo se alastrou, ela gritou para que você viesse...

Odile rugiu. Outra horrível explosão de poder voou sobre Ayleth, uma tempestade de ira e magia. Ela só foi rápida o suficiente para levantar a mão, apenas rápida o suficiente para se proteger de um golpe que certamente teria rasgado seu corpo mortal em um milhão de pedaços. O golpe se estilhaçou contra um escudo de oblidite, incapaz de penetrar. Mas continuou vindo, vindo, vindo.

Os pés de Ayleth derraparam na superfície da palma. Centímetro por centímetro, ela se moveu em direção à borda e à queda fatal que a esperava. Ela olhou para a tempestade. Seus olhos mortais não conseguiam ver nada além de nuvens turbulentas e cegantes de oblivis. Mas sua visão sombria perfurou tudo e encontrou o olhar de Odile.

Ela viu o medo.

Ela viu tristeza.

Ela viu raiva.

Ela se viu. Sua própria imagem no espelho. O monstro. A mulher. A assassina.

A Venatrix.

Uma onda de ódio explodiu em sua alma. Mas por baixo do ódio, que ela percebeu que poderia não ser inteiramente dela, havia outro sentimento. Uma agonia que ela mal ousava reconhecer. Ela se afastou desse sentimento e focou todo o ódio em sua alma nos olhos de Odile. Odile olhou de volta, mais do que igual a Ayleth.

Então seus olhos se arregalaram.

Uma figura se moveu através do oblivis, vindo de repente para Odile por trás de seu ombro direito. Seus membros estavam envoltos na escuridão e em suas mãos ele segurava uma espada oblidite. Ele se moveu além de seu próprio controle, completamente à mercê do oblivis que o segurava em suas garras.

Oblivis que Ayleth controlava.

Foi Ayleth quem ergueu o braço direito, erguendo a espada bem alto.

Ayleth sorriu.

— *Mas eu enviarei um campeão.* — Ela murmurou. — *Enviarei o homem que escolhi para cortar a cabeça do Veneno.*

A realização inundou o rosto de Odile. Apenas no último instante, ela se virou.

A lâmina balançou, acertando com um baque espesso.

O osso estalou. Músculos rompidos. O sangue fluíu em uma fonte escurecida pela sombra.

A cabeça de Odile caiu e rolou.

Uma explosão de magia violentamente liberada explodiu de seu corpo arruinado. O espírito mortal, ligado pela feitiçaria à sua sombra, girou descontroladamente livre, enviando lampejos de luz e escuridão ondulando através do éter. O corpo balançou e desabou. Os espíritos rugiram através da tempestade turbulenta de oblivis, deixando um rastro de fogo da alma em seu rastro, muito rápida até mesmo para os Assombrados pegar.

E o Cravan Druch se esticou e quebrou em uma torrente de música mágica estilhaçante.

CAPÍTULO 20

O aperto do oblivis relaxou abruptamente, e Gerard caiu com força na oblidite. Ele cobriu a cabeça com as mãos e se enrolou em uma bola enquanto onda após onda de escuridão rolava do corpo sem cabeça parado bem ao lado dele. A oblidite abaixo dele estremeceu com tremores internos, e a própria mão balançou perigosamente no ar. A qualquer momento ela quebraria e ele enfrentaria mais uma vez aquele terrível mergulho do qual acabara de ser salvo.

Desta vez, não haveria resgate milagroso.

Seus braços doíam, seus ossos reverberando com a força do golpe que ele desferiu. Ele percebeu que suas mãos ainda seguravam o cabo da espada. Seus ouvidos zumbiam com uma pulsação acelerada e contínua, diferente de tudo que ele já tinha ouvido antes, e o ar parecia pesado quando o atingiu golpe após golpe. Mas a força daqueles golpes, embora o suficiente para fazê-lo estremecer e gritar, diminuiu a cada onda, e por fim ele conseguiu abrir os olhos.

Ele se encontrou enfrentando Odile. A cabeça dela estava diante dele, a boca aberta, os olhos arregalados. Desta vez, nenhum espírito saía daqueles discos pretos mortos.

A mão de Gerard apertou o punho da espada. Só então ele percebeu que as vibrações em seus braços se originavam disso. Ainda reverberou com o golpe que ele desferiu. Quando ele tentou se soltar, seus dedos não obedeceram.

Era isso. Este era o momento.

O momento que ele viu.

Ele empurrou seu torso para cima, girando para olhar para trás por cima do ombro, sabendo exatamente o que o esperava.

Ayleth estava no centro de uma bola de luz vermelha. Seu cabelo estava brilhando, cada fio se destacando totalmente como um fio aquecido, queimando, se enrolando em cinzas e voando para o céu em uma tempestade. Sua pele brilhava por dentro, só que não era o brilho do calor ou da chama. Era oblivis, energizado, à beira da combustão completa. Não preto, mas vermelho. Isso deveria parti-la. Mas não aconteceu. A magia se misturou com o sangue em suas veias, mantendo sua estrutura mortal unida. Mas não protegeria sua alma mortal.

Gerard ajustou seu aperto na espada oblidite. A atenção de Ayleth, ou melhor, a atenção daquilo que olhava através dos olhos de Ayleth, estava fixada no corpo sem cabeça de Odile, exultante com o trabalho que ela acabara de realizar. Ela não pareceu ver Gerard quando ele se levantou, enquanto ele puxava a espada para cima mais uma vez. Enquanto ele dava os primeiros dois passos em sua direção.

Ele tinha visto cada momento desses próximos passos na visão de Nilly. Ayleth, perdida nas trevas, dominada pelo espírito da coroa. Ele tinha visto o que ela se tornaria, o próximo veneno. Um veneno maior do que sua avó. Pois não haveria alma humana para moderar as devastações do poder da sombra que a percorria. A própria Ayleth, se ela ainda estivesse lá... havia apenas uma coisa que ele poderia fazer para salvá-la.

Ele deu um terceiro passo.

Ela virou. Ela olhou para ele.

— Eu sinto muito. — Ele disse, sua voz baixa e fina em meio à tempestade de poder.

Suas pálpebras baixaram sobre seus olhos vermelhos ardentes. E quando eles levantaram novamente um instante depois, Gerard pensou ter visto Ayleth olhando para ele. Seus olhos negros, não rodeados de magia pulsante, mas cheios de humanidade, medo e dor. Ela abriu a boca como se fosse falar.

Nada emergiu além de um grito.

— Sinto muito, Ayleth! — Gerard engasgou. Ele ergueu a espada, e a luz das estrelas distante cintilou em seu gume enquanto ele a balançava para o pescoço dela. A lâmina conectou.

Mas não com o alvo pretendido. Em vez disso, atingiu a mão erguida de Ayleth, com força, mas sem conseguir tirar sangue. Em vez de cortar carne e osso, ele simplesmente derreteu em uma nuvem espiralada de oblivis, que começou preta, mas rapidamente se intensificou para um vermelho intenso e violento.

Ayleth piscou novamente. Sua boca estava aberta, ainda gritando, e magia negra saiu de sua garganta. Ela torceu a mão, e o oblivis no ar girou e pegou Gerard pelo pescoço, levantando-o no ar de forma que ele chutou e se retorceu impotente. Ele engasgou, suas mãos agarrando seu pescoço, tentando afrouxar aquele estrangulamento. Enquanto ele olhava para o rosto de Ayleth contorcido de tanta dor e fúria, parecia que Odile olhava para ele.

Uma voz falou por sua boca, não em nenhuma linguagem, mas em um som áspero, como música sem a harmonia ou beleza. Isso explodia os sentidos de Gerard, mergulhou em sua mente, e ele entendeu.

Você é nada.

Você é nada.

Você é mortal e não é nada.

Ayleth fechou lentamente a mão, enrolando-a com força e apertando até que os nós dos dedos ficassem brancos, até que o oblivis vermelho e

energizado escorresse entre seus dedos. O laço em volta do pescoço de Gerard se contraiu. Ele estava perdendo ar, mas sabia que não morreria de estrangulamento. O oblivis cortaria direto, separando sua cabeça de seu corpo. Seus olhos saltaram. Seu corpo se convulsionou de terror e dor.

Cerine, ele pensou. Ele tentou se concentrar naquele nome, se esforçou para se afastar desse momento de horror, para ver o rosto dela em sua mente. Seu rosto gentil por trás de um suave véu de noiva branco, seus olhos tão cheios de sabedoria e compreensão. E amor.

Cerine... Cerine...

— Gerard!

O som de seu nome disparou por ele como uma seta de uma besta. Gerard girou os olhos o máximo que podiam nas órbitas, convencido de que seus ouvidos o enganaram. Terryn não podia estar no pulso, olhando para a palma da mão do ídolo. A luz vermelha em torno de Ayleth não podia ter sido quase apagada pelo brilho mais brilhante e mais branco que emanava dos olhos de Terryn.

Ayleth se virou, ainda gritando, ainda queimando. Ela levantou uma mão, recolhendo oblivis ao seu comando. Mas antes que ela pudesse agir, Terryn liberou a magia que ele segurava. Um feixe de luz atravessou a nuvem de oblivis, atingiu Ayleth no ombro e a jogou de costas contra um dos dedos do pilar levantados. Ela caiu com força, seu corpo fumegando.

O laço de oblivis se desintegrou. Gerard desmaiou, sufocando e engasgando. Sua visão escureceu, voltou e tornou a escurecer. Ele balançou a cabeça, olhando através da largura da palma da mão para onde Ayleth estava deitada. Ele esperava que ela se levantasse, esperava que ela recorresse ao poder da sombra que a possuía. Ele esperava que ela matasse os dois em um piscar de olhos.

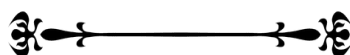
Mas ela não se levantou. Ela estava deitada de cara, com os braços estendidos. Seus dedos flexionaram, enrolaram, flexionaram novamente, o único sinal de vida, e a Coroa agarrava-se a sua cabeça, queimando seu couro cabeludo.

Terryn deslizou pela inclinação do pulso até a palma. Ele parecia um pesadelo, ensanguentado e com o peito nu, uma luz branca brilhando em suas mãos, peito e bochechas. Ele saltou para Ayleth e sem hesitar agarrou-a pelos ombros e puxou-a para os seus braços, rodando-a para olhar para o seu rosto. Ele estendeu a mão para a coroa, mas não conseguiu tocá-la, nem mesmo com suas mãos brilhantes.

Ayleth olhou para ele, os olhos ardendo com o oblivis de fogo. Sua boca se moveu; sua garganta se apertou. Gerard a ouviu sussurrar: — Te-Terryn?

— Lute contra isso. — disse Terryn. Sua voz era tão áspera, tão selvagem, que ele não parecia ele mesmo. — Lute, Ayleth. Por favor.

Ela gemeu, e sua cabeça caiu para trás sobre o braço dele, as pontas altas da coroa repousando no chão abaixo dela.



Ayleth estava enrolada na escuridão.

Seu corpo queimava, não com fogo, mas com magia muito além de qualquer coisa que ela pudesse suportar. Nem mesmo as chamas purificadoras dos evanderianos a destruiriam assim. Essas chamas só podiam devorar seu corpo. Este fogo devoraria sua vontade e autonomia. Ela mesma. Sua própria alma.

Oromor estava em toda parte, permeando sua mente, penetrando mais profundamente com cada suspiro que ela conseguia respirar entre seus gritos. E não havia nada que ela pudesse fazer para impedir.

– *Senhora!*

A alma de Ayleth acelerou ao som daquela voz. Tão distante, tão desesperada, mas verdadeira.

– *Senhora! Senhora!*

– *Laranta?* – Ela sussurrou o nome, seu espírito tremendo com o esforço necessário. Logo, até mesmo isso seria tirado dela. Oromor não permitiria que outra sombra residisse neste corpo. Ela podia sentir como ele mergulhou seus dedos sombrios mais profundamente em sua mente e memórias, cavando em direção ao núcleo do espírito onde Laranta estava ancorada. Quando encontrasse a âncora, Oromor a arrancaria e enviaria Laranta para ser engolida pelo Assombrados.

E a alma de Ayleth? Não ascenderia à luz da Deusa nem cairia na condenação eterna do Assombrados. Não. Seu destino seria como Odile previu, ela seria devorada por Oromor. Ainda existente, ainda presente, mas totalmente consumida.

Embora sua mente devastada protestasse, Ayleth reforçou sua vontade restante e forçou uma imagem projetada a tomar forma. Era fino, incolor, quase transparente, um mero espectro de si mesma. Mas era ela. Usando esta forma projetada para firmar seu espírito, ela se levantou e enfrentou a escuridão agitada que a rodeava.

Oromor estava em toda parte. Oromor era tudo. Que tola ela era ao pensar que poderia lutar contra esse poder! Que tola ela era ao pensar que haveria alguma esperança de liberdade. Não havia esperança, nenhuma ajuda, não...

– *Senhora!*

– *Laranta.* – Sussurrou Ayleth novamente. Então ela colocou os braços em volta da cintura e se afundou em uma pequena bola amontoadada. Enquanto ela se enrolava, ela mergulhou, enviando sua consciência através das camadas de sua mente possuída, caindo na escuridão, através de memórias e sonhos lembrados e esquecidos. Através de cada emoção de lealdade, traição, desespero. Ela despencou mais e mais, cada vez mais rápido.

Oromor sentiu sua queda. Ela sentiu sua consciência se concentrando nela. Ele correu atrás dela, perseguindo não mais do que uma respiração em seu rastro.

Ela finalmente caiu em uma superfície rochosa e irregular, como o chão de uma caverna profunda no centro do mundo. Sua imagem projetada se espalhou, sem fôlego. Mas ela empurrou imediatamente, piscando forte contra a luz brilhante que fluía em seus olhos.

Bem na frente dela, a não mais do que um braço de distância, flutuava um orbe perfeito que brilhava como um pequeno sol. Ela sabia o que era, embora nunca, em todas as suas divagações mentais, tivesse penetrado tão profundamente dentro de si mesma antes. Era o âmago de sua alma, o próprio centro de seu ser.

E firmemente ancorado a esse núcleo estava a corrente de alma que prendia Laranta a ela.

Laranta apareceu do outro lado do orbe. No início, ela não era nada além de espírito, sem forma e estranha. Mas ela rapidamente se solidificou na forma familiar de lobo que Ayleth conhecia tão bem. – *Senhora!* – ela latiu e se lançou para frente.

– *Laranta.* – Ayleth se levantou com dificuldade, sua imagem transparente tremendo e instável. Ela tinha momentos antes de Oromor

chegar. Menos de momentos, pois este era um lugar fora do tempo, então nada poderia realmente ser medido por ele. Na realidade, Oromor já a havia encontrado, sempre a havia encontrado, há muito tempo a destruía. Esta batalha foi perdida antes de começar. Mas nesta pequena fração de eternidade, sua mente lhe disse que ela tinha segundos preciosos de sobra. Segundos para pular no pequeno espaço que a separava de sua sombra, para jogar os braços ao redor daquele pescoço preto desgrenhado.

— *Laranta, Laranta.* — Sussurrou ela, pressionando o rosto contra o pelo da meia-noite e respirando na sombra do lobo. — *Eu sinto muito. Não podemos escapar. Ela nos encontrará e nos separará. Mas não nos separaremos, Laranta. Eu juro! Iremos juntas para os Assombrados se eu puder...*

Laranta puxou a enorme cabeça para trás e olhou nos olhos de Ayleth. Ela abriu a boca como se fosse falar.

Mas Oromor estava lá.

Escuridão mais profunda do que a desgraça, avassaladora, consumidora, cercou o orbe espiritual bruxuleante, apagando sua luz bruxuleante. Ayleth gritou. Ao longe, seu corpo gritou também, contorcendo-se em agonias inexprimíveis enquanto a coroa queimava em sua cabeça, enviando fitas de chamas vermelhas disparando por seu corpo.

Laranta jogou a cabeça para trás e uivou. Por outro instante precioso e envolvente, Ayleth sentiu uma substância sólida de lobo envolta em seus braços. Já estava desbotando, se esvaindo, suas projeções mentais desaparecendo à medida que a mente de Ayleth cedia ao poder implacável e inexorável de Oromor.

Então, de repente, Ayleth se viu fitando um par de olhos brilhantes. Os olhos de Laranta cheios de vida. Cheios de espírito. Ayleth tentou falar. Mas

ela não conseguia. Palavras e razão foram eliminadas. Sua sombra de lobo mostrou dentes afiados e brilhantes.

– *Senhora...* – ela disse. – *Eu amo.*

No momento seguinte ela se foi.

O orbe da alma cintilou, mais brilhante do que antes. Brilhante o suficiente para cegar os olhos espirituais de Ayleth, para destruir sua forma projetada. O corpinho pálido que ela lutou para segurar se desintegrou e Ayleth voou descontroladamente na escuridão, para longe do orbe. Com um esforço de pura vontade, ela puxou sua consciência de volta para um centro e olhou para o brilho.

Ela viu duas sombras se movendo, girando ao redor do orbe. Dois espíritos, um era um ser parecido com uma mulher alta e magra, com braços alongados e enormes mãos de aranha, o outro era um lobo, selvagem e rosnando. A sombra da mulher atacou o lobo, cortando-a, destruindo sua substância. A corda da alma que prendia Laranta ao orbe brilhou em um vermelho cru e cruel.

Os dentes de Laranta brilharam em um sorriso feroz. Então ela se lançou, prendendo a corda entre os dentes.

Ayleth viu. Ela percebeu.

– *NÃO!* – ela gritou, sua voz engolida pelo rugido de consternação de Oromor.

Com uma única torção de suas mandíbulas, Laranta partiu a corda da alma em duas.

Um tremendo furacão de tempestade espiritual irrompeu naquele pequeno espaço. As duas almas sombrias giraram, apanhadas no redemoinho. Mas Ayleth permaneceu separada, intocada, incapaz de alcançá-las, mesmo quando se jogou para frente, gritando e berrando. Ela assistiu com

horror, incapaz de entender o que viu. Sua mente se aproximou da beira da loucura.

Ela viu as mandíbulas de Laranta agarrarem o pescoço fino da mulher-sombra. Ela sentiu a enormidade do poder da sombra violentamente liberado, muito pior do que qualquer morte violenta que ela já viu. O grito de Oromor quebrou as paredes de pedra daquela caverna e as fez desmoronar por todos os lados. A mulher-sombra arranhou a cabeça de Laranta, dilacerando seus olhos, dilacerando sua substância espiritual. Mas a tempestade afunilada as carregou para cima, para cima, para longe do orbe espiritual, para longe de Ayleth.

Ayleth sentiu o momento em que Laranta se libertou de seu corpo, arrastando Oromor com ela. Ela sentiu a lágrima na realidade quando os Assombrados se abriu para reivindicá-las. Ela sentiu o súbito vazio cavernoso em sua alma.

Ela desabou em uma piscina de nada sombrio, incapaz de projetar uma forma, incapaz de pensar, incapaz de sentir. Incapaz de suportar sua própria existência.

Pela primeira vez em sua vida, ela estava sozinha.

CAPÍTULO 21

O choque da magia foi tão grande que arrancou Ayleth dos braços de Terryn e o jogou para trás contra um pilar de dedo. Ele bateu com a cabeça e sua visão dançou. As asas de Nisirdi brilhavam de cada lado dele, tentando se fechar em torno de sua alma, tentando protegê-lo. O ídolo balançou novamente e um gemido profundo saiu de baixo.

Terryn lutou para se levantar e espiar por entre as asas brilhantes de sua sombra, em busca de Ayleth. Ela estava deitada no centro da palma da mão com os membros estendidos, as costas arqueadas em um ângulo extremo, como se sua coluna fosse quebrar. A coroa agarrava sua cabeça com força esmagadora, e a luz vermelha brilhava em seu metal vivo, em sua pele, em seus olhos. Estava tão claro que tudo o mais parecia escuridão total em comparação. No entanto, não era uma luz que iluminava. Em vez disso, ela devorava.

A coroa queimou em seu crânio, e seu grito foi interminável, ininterrupto até mesmo por um suspiro. No éter acima dela, um estranho tumulto agitou-se e então irrompeu em uma tempestade de substância espiritual que os olhos mortais de Terryn não podiam suportar olhar. Ele piscou para a visão sombria e viu, ou pensou ter visto, a forma escura de um lobo saltar do peito de Ayleth, arrastando consigo algo que se agarrava à coroa com muitas saliências semelhantes a dedos. Algo parecido com uma mulher longa e magra, mas estranhamente exagerada na forma, com um pescoço do tamanho de um braço e uma ponta de lança e cabelos como línguas de serpente bifurcadas. A mulher

lutava com o lobo, agarrando-se à coroa, mas o lobo era fortalecido por uma força de energia como a criada por uma morte violenta, só que muito maior.

Acima, acima dos dedos da mão do ídolo, os Assombrados se abriu. O horror daquele reino esmagador caiu como granizo e enxofre sobre eles. O espírito feminino gritou, sua voz cortando o espírito de Terryn enquanto o grito interminável de Ayleth rasgava seu coração. Terryn queria esconder seu rosto, mas se obrigou a olhar mais de perto, obrigou-se a procurar o orbe da alma mortal naquela confusão de espíritos. Mas o emaranhado das duas sombras, lobo e mulher, era muito selvagem, muito exagerado, muito frenético para ele discernir qualquer coisa em meio a eles.

— *Nisirdi!* — ele gritou, alcançando ao longo da corda da alma para seu dragão de luz. — *Nisirdi, ajude-as!*

— *Não posso ajudar desta vez.* — Sua sombra respondeu, sua voz soando como sinos claros através do coro infernal de sons. — *Eu não consigo alcançá-las. Agora não.*

Os Assombrados bocejou mais amplo, sugando viciosamente o mundo mortal. O oblivis vermelho no ar girou em sua casa em um redemoinho de veneno malicioso. O vórtice agarrou a sombra do lobo, arrastando-a para fora em uma corrente de escuridão de forma que o corpo se dissipou em quase nada, e apenas a cabeça permaneceu, agarrada àquela mulher comprida. Por um segundo, Terryn pensou que o lobo perderia o controle.

Então, com uma última torção selvagem de todo o seu ser, ele arrancou a outra sombra da coroa. Uma explosão de rugido atingiu Terryn, pressionando-o contra o pilar, e apenas as asas de Nisirdi enroladas em torno de sua alma o protegeram de maiores danos. Ruídos como a antítese de todas as músicas reverberaram pelo éter, atingindo golpe após golpe em sua alma, e as asas de Nisirdi estremeceram, sua luz pulsando em resposta a cada golpe.

Pareceu uma eternidade... mas finalmente os Assombrados fechou. O ataque terminou. Terryyn empurrou as asas de Nisirdi para trás, seus olhos deslumbrados e meio cegos. Ele piscou muitas vezes antes de sua visão clarear o suficiente para ele ver qualquer coisa no mundo mortal.

A fraca luz das estrelas filtrada do alto, iluminando as curvas das mãos do ídolo, as pontas irregulares do dedo quebrado, a pilha de ossos e sangue que era o cadáver de Odile e a figura trêmula de Gerard agachado nas sombras perto do polegar.

O olhar de Terryyn se fixou em Ayleth, ainda deitada no centro da palma da mão. Ainda assim, ela deveria estar morta.

Com um grito estrangulado, ele rastejou através da oblidite para alcançá-la, agarrando seu braço e puxando-a para seu colo. Sua pele fumegava e seu cabelo e muito de suas roupas foram queimados. Mas as queimaduras em sua pele não eram tão graves quanto ele teria pensado, apenas cruas e vermelhas e um pouco com bolhas em alguns lugares. Ele cuidadosamente ergueu a cabeça e os ombros dela em seus braços e empurrou a coroa de sua cabeça.

Caiu com um baque surdo e rolou vários metros antes de parar. O Éter estava opaco e morto, toda a estranha força viva desapareceu dele. Seus dentes dobraram-se e quebraram com o impacto da oblidite muito mais dura.

Terryyn desviou o olhar daquela visão maligna, olhando para o rosto de Ayleth. Seus olhos estavam parcialmente abertos e opacos, seus lábios cheios de bolhas abertas. Ele a pressionou contra o peito, espalhando sangue dos cortes de Fendrel em seu rosto e pescoço. Com as mãos tremendo, ele pressionou os dedos em seu pulso. Para seu choque, ele encontrou um batimento cardíaco. Ele piscou para a visão das sombras novamente, a luz de Nisirdi brilhando em seus olhos, e olhou para dentro dela.

Lá, no fundo de seu centro, ele viu o brilho de sua alma, presente e forte. Mas não havia nenhum vestígio de qualquer espírito das sombras. Nem Elemental nem Feral.

Ele respirou fundo e apertou o rosto dela contra o peito novamente. Ela estava viva. Um milagre além de qualquer coisa que ele poderia ter esperado. Viva, respirando e inteira. O que seria sua mente quando acordasse, ele não podia imaginar. Por enquanto, ele não se importava. Ele se agarrou a ela, pressionando os lábios contra seu couro cabeludo queimado repetidas vezes. Nunca mais, nunca, nunca ele se impediria de beijá-la; nunca mais ele se conteria. Não enquanto ele houvesse respiração em seu corpo.

A cabeça de Nisirdi apareceu em seu ombro, grandes olhos orbe piscando maravilhados. — *Eu nunca vi isso feito antes.*

— *O quê?* — Terryn perguntou em sua mente enquanto sua boca continuava a beijar a cabeça de Ayleth. — *O que você não viu?*

— *Uma sombra que quebraria de bom grado a corda da alma que a prendia ao seu hospedeiro. Ela poderia ter usado a violência do intervalo para escapar dos Assombrados... mas em vez disso, ela canalizou todo aquele poder violento para arrancar Oromor da coroa de Éter.* — O dragão de luz abanou solenemente a cabeça elegante. — *É uma maravilha, Terryn du Balafre. Mesmo agora, mesmo depois de todas essas eras, o poder do amor ainda pode deslumbrar meu olhar.*

Terryn olhou para sua sombra, incapaz de compreender as palavras que ainda soavam em seus ouvidos. Ele iria armazená-las em sua mente, analisá-las mais tarde e decidir o que significavam. Agora não. Agora, ele simplesmente ficaria sentado ali, segurando Ayleth.

O movimento chamou a atenção de Terryn, e ele ergueu os olhos bruscamente. Seu rosto ficou tenso, então relaxou, ficando quase completamente frouxo, incapaz de encontrar forças para expressar o alívio que

sentiu ao ver Gerard. Seu irmão foi cortado e machucado e espancado, seu pescoço uma massa de feridas feias onde ele foi amarrado pelo laço do oblivis. Mas ele estava vivo e em seus próprios pés.

Gerard se aproximou lentamente, colocando cada pé com cuidado. — Terryn. — Ele disse depois de três passos. Então ele parou e, embora sua boca permanecesse aberta, nenhum outro som se seguiu. Terryn não pôde responder, então eles simplesmente se olharam, seus espíritos momentaneamente suspensos em um momento de verdadeira alegria misturada com dor.

De repente, Ayleth estremeceu nos braços de Terryn.

— Ayleth? — Ele afrouxou o controle sobre ela, a deixou se afastar de seu peito, deixou a cabeça dela rolar para trás na dobra de seu braço. Seu corpo sacudiu novamente, como se uma explosão de energia rolasse por sua espinha. Um braço se debateu fracamente e sua mão agarrou o ar desesperadamente.

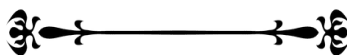
Um som horrível de asfixia obstruiu sua garganta, e Terryn foi rápido o suficiente para sentá-la para que ela vomitasse para o lado em vez de por cima dele e de si mesma. Ele a segurou com ternura até que o ardor passasse. Ela caiu de volta em seus braços e fracamente passou as costas da mão na boca. Seu corpo tremia violentamente, como se ela fosse explodir em pedaços.

Ela virou a cabeça e olhou para ele. Por um instante, ele não pôde ver as queimaduras, não pôde ver as feridas, não pôde ver as bolhas em seus lábios, as manchas de oblivis marcando seu rosto. Ele não conseguia ver a horrível faixa enegrecida em sua careca. Ele viu apenas a alegria repentina inundando seu rosto. E ela era tão linda.

Mas o momento passou. Seus olhos se arregalaram e ela agarrou o peito com as duas mãos. — Laranta. — Ela engasgou.

Então ela jogou a cabeça para trás e uivou. — Laranta! Laranta! — Ela bateu no peito, bateu no coração, então seus dedos se moveram para rasgar sua cabeça, e ela gritou esse nome uma e outra vez, tanto em sua voz física quanto em sua voz espiritual, que raspou contra os sentidos de sombra ascendentes de Terryn. — Laranta! Não, não, não!

Ela se encolheu em uma pequena bola de nada, chorando mesmo enquanto sua alma continuava gritando. E Terryn não podia fazer nada a não ser abraçá-la enquanto Nisirdi enrolava asas diáfanas ao redor de ambos.



Gerard deu as costas para Terryn e Ayleth, incapaz de suportar a visão de tanta dor, tanto sofrimento. Ele não fazia parte disso em qualquer caso. Algo estava acontecendo lá, algo em um reino que ele quase podia sentir, mas não podia ver. Algo sombrio e terrível. E privado.

Então, ele se virou, respirando com dificuldade e tentando ao máximo não ouvir os sons angustiantes que Ayleth fazia. Ela estava viva, pelo menos. A visão que Nilly deu a ele, não havia mostrado nada além do golpe de sua espada. Ele presumiu que morreria quando o golpe ocorresse; ele assumiu que ele e ela se destruiriam. E o mundo se tornaria um lugar melhor e mais seguro.

No entanto, aqui estavam eles. Vivos, se não totalmente inteiros.

E o mundo... estaria seguro novamente?

A escuridão chamou sua atenção, uma escuridão mais profunda contra a oblidite lisa da mão do ídolo. Ele deu alguns passos e se abaixou para pegar a coroa de Éter. Estava estranhamente clara e muito fria. Um toque e ele sabia

que estava morta. Seus dedos se fecharam em torno de um dente pontiagudo, ele se virou e carregou-a vários passos pela mão.

Ele parou sobre a cabeça de Odile.

O sangue ainda escorria de seu corpo enrugado a alguns metros de distância. A cabeça estava em uma poça escura, o rosto virado para ele, os olhos mortos olhando diretamente para ele. Olhando para aquele rosto, Gerard viu Ayleth novamente como ele a tinha visto em sua visão, como ele a tinha visto apenas alguns momentos atrás. A memória se retorceu em seu peito e ele sentiu... ele sentiu...

Ele colocou a mão livre sobre o coração. Esse sentimento era... compaixão? Tristeza? Parecia inacreditável. Mas também inegável. Ele olhou para aquele rosto morto e de repente se perguntou quem era essa pessoa. Essa pessoa que se tornou a Terrível Odile, que se tornou o Veneno de Perrinion. Ele se perguntou se já houve um tempo em que ele e ela poderiam ter se falado como iguais, como amigos. Se houve um momento em que eles não precisariam ser inimigos.

Qual tinha sido a esperança final de Terrível Odile para este mundo? Para estabelecer sua cidade como um porto seguro para as sombras em um mundo que as perseguia.

Seus joelhos tremeram. Gerard se rendeu ao impulso que o agarrou e se ajoelhou diante de Odile, colocando a coroa de lado. Sua boca estava seca quando a abriu, e os uivos desesperados de Ayleth ecoaram atrás dele, ecoando nos dedos do ídolo. O ídolo balançou novamente, e seu estômago embrulhou com a certeza de que tudo iria desmoronar em breve. Mas, por enquanto, ele permaneceu onde estava.

— Eu farei isso. — Ele sussurrou, olhando para aqueles olhos mortos. — Eu estabelecerei o porto seguro, Odile. Meu pai era seu inimigo. Mas se você

pode me ver de onde seu espírito reside agora, saiba disso: eu sou e sempre serei um amigo de seu povo. Estabelecerei em Perrinion um lar para os tomados pela sombra e expulsarei a Ordem de Evander. Isso pode levar anos. Pode levar minha vida inteira. Mas verei a mão da paz estendida, pronta para ser agarrada por aqueles que responderem da mesma maneira. Haverá fraternidade entre mortais e sombras.

Ele estendeu a mão, estremecendo um pouco, e fechou os olhos da morta. — *Que a Mãe receba você que a chamou.* — Ele sussurrou. — *E que os espíritos celestiais a conduzam aos Portões da Luz.*

Quando ele levantou a mão, a cabeça e o corpo de Odile se desintegraram em uma nuvem de oblivis e se afastaram pelos dedos do ídolo. Gerard observou, e seus olhos se arregalaram quando ele viu uma nuvem maior surgindo além do ídolo. Ela ondulou para cima, tão espessa que bloqueava as estrelas, como a massa de uma enorme tempestade que se aproxima. Mas uma brisa soprou, suave e doce, e todo o oblivis se dissipou em uma massa de brilho, e então... nada.

Gerard se levantou e cambaleou até o espaço entre o indicador e o polegar do ídolo. Ele olhou para fora e seu queixo caiu. A Floresta da Bruxa havia sumido. Os hectares intermináveis onde aquela floresta se estendia agora estavam nus sob o céu estrelado.

Abaixo, nas ruas em ruínas de Dulimurian, figuras se moviam. Mesmo de tão alto, Gerard acreditou ter visto o vermelho brilhante dos capuzes evanderianos.

Ele se virou. — Terry. — Ele falou suavemente.

Terry, segurando Ayleth enquanto ela gemia contra seu peito, olhou para cima e encontrou seu olhar. Seu rosto estava desesperado e tenso.

— É hora de ir, Terry. — Gerard disse.

CAPÍTULO 22

Cerine mancou com os pés macios pelos corredores escuros de Dunloch, o lampião que carregava criando uma pequena esfera de luz ao seu redor. Ela não deveria estar de pé com o tornozelo ainda latejando, mas ela não conseguia descansar. Não essa noite. Possivelmente nunca mais.

Ela parou na porta de seus próprios aposentos e deu uma espiada no quarto. Ela colocou Nilly e Ducette em sua cama para dormir, e as duas agora enroladas entre seus travesseiros como um par de gatos. Já que ela não podia sentir os espíritos habitando nelas, ela não poderia dizer se eles descansaram também. Pelo menos seus corpos exaustos conheceriam um pouco de paz.

Fechando a porta suavemente, ela continuou ao longo da passagem para a galeria acima do Salão Principal, onde olhou para o andar de baixo. Os guardas de cada lado das portas principais caíram em seus postos, possivelmente dormindo em pé. Toda a casa de Dunloch estava quieta, tomados e não tomados por igual. Ela poderia ser a única acordada em todo o castelo.

Afastando-se do Salão Principal, ela dirigiu-se à porta que conduzia à torre nordeste, subiu a escada sinuosa e saiu para uma noite extremamente fria sob um manto de estrelas. O vento soprava forte, mas ela caminhou até as ameias de pedra e colocou seu lampião ali. Apenas no caso de alguém ver. Apenas no caso de alguém precisar de um raio de esperança na escuridão.

Em sua mão esquerda ela segurava a carta de Gerard, os nós dos dedos brancos de tanto apertar. Ela a carregou o dia todo, dizendo a si mesma que a

abriria em breve. Mas ela não teve coragem de ler... não quando provavelmente conteria as últimas palavras que ela ouviria de Gerard.

Agora, ela se aproximou do lampião e ergueu a carta. Depois de engolir em seco e apertar a mandíbula, como se estivesse se preparando para a faca do torturador, ela quebrou o selo e desdobrou o papel amassado. Seus olhos assustados rapidamente examinaram as palavras.

Três palavras.

Somente três.

Sem assinatura. Mas nenhuma era necessária. Cerine conhecia essa letra muito bem para confundi-la com qualquer outra.

Ela leu aquela breve linha, que expressava muito de forma simples. E ela leu várias vezes, absorvendo-a. Palavras que ele tentara expressar pessoalmente, mas nas quais ela se recusara a acreditar.

Ela acreditava nele agora? Ela aceitaria sua confissão final?

Ela respirou fundo, amassou o papel nas mãos e olhou para as ameias na noite. No momento, ela não conseguia pensar, não conseguia ver, não conseguia sentir o vento cortante em seu rosto. Havia espaço em sua consciência apenas para essas palavras e para seus próprios arrependimentos cruéis.

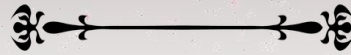
De repente, ela franziu a testa.

Algo estava diferente na escuridão. Algo sobre aquele horizonte distante. Ela estava imaginando coisas agora? Ela imaginou aquela nuvem enorme subindo para o céu, brilhando, não com a luz refletida, mas com seu próprio brilho sobrenatural, e então desaparecendo em nada?

Ela soltou uma rajada de ar que não tinha percebido que estava segurando e respirou fundo. Algo estava diferente. Algo havia mudado, como

se um grande fardo tivesse sido retirado, um pecado grosseiro inexplicavelmente eliminado.

A Floresta da Bruxa havia sumido.



Ao amanhecer, cinco cavaleiros partiram de Dunloch, correndo para o sol nascente. Eles levaram cavalos extras e carregaram os suprimentos que Cerine tinha embalado às pressas, comida, água e itens medicinais.

Ela gostaria de ter ousado enviar mais pessoas, mas não podia arriscá-las, não tendo ideia do que esses cinco homens corajosos estavam enfrentando. Ela poderia muito bem tê-los enviado a um ataque de bruxas e monstros.

Eles haviam partido com a promessa de voltar o mais rápido possível, trazendo notícias de suas descobertas. Agora ela deveria esperar. Novamente.

Cerine vigiava da torre. Ocasionalmente, alguém subia as escadas, uma de suas Irmãs Siveline ou um membro da equipe do castelo trazendo comida ou bebida e implorando para ela descer e descansar. Mas embora tenha concordado em mandar levar uma cadeira para que pudesse se sentar, ela não suportaria deixar a torre. Durante todo o dia ela manteve seu papel de vigia.

O sol finalmente se pôs. E ainda não havia nenhuma palavra. Os cavaleiros não voltaram.

Cerine acendeu seu lampião e enrolou o robe grosso que alguém tinha colocado sobre seus ombros firmemente em torno de seu corpo. Os dedos puxaram sua manga e uma voz distante e importuna implorou que ela entrasse, dormisse, pelo menos baixasse a cabeça um feitiço. Ela os ignorou.

A noite se aprofundou. Um arrepio percorreu seu corpo, seu coração. Ela ouviu vozes subindo das janelas abertas da capela abaixo, as Irmãs Siveline se reuniram para cantar orações e petições. Talvez ela devesse se juntar a elas. Talvez, mesmo depois de todo esse tempo, a Deusa ainda pudesse ouvi-las.

Ou talvez Cerine fosse uma idiota iludida.

A escuridão se aprofundou ao redor dela, e as estrelas acima pareciam recuar para uma distância fria onde sua luz não podia oferecer conforto. Na verdade, a presença delas fazia a noite parecer ainda mais escura. Essas eram todas as orações de Cerine? Lamentáveis faíscas de luz que serviam apenas para aprofundar os horrores do mundo ao seu redor? Ela realmente acreditava que sua voz trêmula, os gemidos sem palavras de seu espírito, podiam mover a compaixão de uma grande e distante Deusa?

Por que a Deusa deveria se importar com ela? Com Gerard, com algum deles? Se ela fosse realmente uma divindade, por que deveria se preocupar com as pequenas ações dos mortais? Suas pequenas histórias, seus pequenos reinos subindo e descendo e quebrando, tudo contido dentro dos limites finitos e infinitos do Tempo. Não, não. Se Ela era Divina, então as orações trêmulas proferidas pelos lábios e corações mortais nunca poderiam esperar alcançá-la em Seu alto céu.

Porque? Porque? Porque? A escuridão parecia ecoar em Cerine em uma espécie de silêncio estrondoso, uma voz que ela não podia ignorar. Por que ela se apegou à sua crença como uma criança tola? Por que ela não desistiu agora e enfrentou as realidades deste mundo? Este mundo cruel onde as profecias eram manipuladas por homens cruéis. Onde os destinos eram decididos e ditados por aqueles com o poder de aplicá-los. Onde tudo o que era bom e

sagrado era eventualmente esmagado sob o calcanhar de tudo o que era baixo e feio. Um mundo em que ela mal suportaria viver.

— Deusa... — sussurrou Cerine.

O silêncio a apavorou. Ecoou dentro das câmaras de seu coração duvidoso.

— Deusa... — ela sussurrou novamente.

Ela não pôde dizer mais nada. Se aquela oração por si só, aquela oração pequena e desesperada, não fosse suficiente, nenhum canto entoado em vários versos por um coro de centenas poderia ter esperança de penetrar no céu.

Ela esperou em um momento congelado e atemporal. Um momento mais agonizante do que qualquer outro momento de sua existência. Um momento em que ela sabia que iria subir ou cair; ela viveria ou morreria. Uma eternidade do inferno contida em uma única fração de tempo e espaço.

Então.

Através do silêncio.

Através do brilho da luz das estrelas congeladas.

Nas profundezas de seu próprio coração cheio de medo, na câmara mais escura, um sussurro suave...

Amada.

Uma trombeta anunciadora soou na noite, notas brilhantes quebrando o silêncio como fogos de artifício explodindo em fontes de ouro. Cerine girou de seu escrutínio do horizonte oriental, voltando seus olhos ao invés para o sudoeste, em direção ao portão, a única entrada para Dunloch do outro lado da ponte. A trombeta soou novamente. Ela reconheceu a música que tocava, aquelas sete notas tocadas em rápida sucessão. Era a canção do arauto do rei.

— Gerard? — ela sussurrou.

No momento seguinte, ela estava em movimento. Deixando seu lampião para trás, Cerine desceu correndo as escadas da torre no escuro o mais rápido que pôde com o tornozelo machucado, mas era tão lenta! Tão lenta! Parecia um sonho, aquela sensação lenta de ar pegajoso segurando-a quando ela queria correr mais rápido, mais forte. Ela tropeçou nos últimos degraus e caiu de cabeça para fora da escada e para a passagem na base da torre, segurando-se com as mãos. A dor atingiu um pulso agora, assim como sua perna, e ela mordeu com força em uma maldição, enquanto se levantava e se apressava ao longo do corredor, usando a parede como suporte. Por todos os lados, portas se abriam, vozes murmuravam e botas de guardas batiam contra os ladrilhos de mármore.

Ela alcançou o topo da grande escadaria e, apoiando-se pesadamente no corrimão, meio que caiu no andar principal. Os homens adormecidos de vigia acordaram e abriram as portas. Eles agora olhavam para fora, suas lanças mantidas em ângulos agressivos.

— Saiam! — Cerine gritou. Eles se separaram imediatamente, dando-lhe espaço para mancar entre eles e ficar na varanda, olhando para o pátio.

No centro da estrada trotavam os cavalos que ela mandou uma eternidade atrás. Seus cinco cavaleiros e... e mais. Montando os cavalos extras. Ela não viu quantos, pois a luz da tocha brilhou repentina e brilhante, iluminando o rosto do homem que cavalgava na vanguarda.

Com as pernas trêmulas, Cerine cambaleou escada abaixo, mas na base delas parou, de repente com medo. E se ela acordasse agora? E se isso fosse um sonho, e quando ela abrisse os olhos e levantasse a cabeça do travesseiro, ele não estivesse lá?

Mas então ele a viu.

Gerard estimulou seu cavalo a galope, deixando o caminho branco para cavalgar direto pelo gramado morto de inverno. Ele estava machucado, ensanguentado, sujo e nojento como ela nunca o tinha visto antes. Feridas vermelhas e feias marcavam seu rosto e hematomas horríveis cercavam seu pescoço. Certamente, ela não poderia sonhar com ele em tantos detalhes.

Ela se jogou nele assim que ele saltou do cavalo e a pegou nos braços. O beijo que ele pressionou em sua boca foi estranho, quase doloroso, e ele teve que ajustar seu domínio sobre ela, ajustar sua posição para lhe dar outro beijo mais suave, que durou mais do que o primeiro. As lágrimas escorreram por seu rosto e todo o seu corpo tremia. Mas ele não se derreteu em seus braços. Ela o segurou com força, como se nunca fosse soltá-lo.

Mas então ele se afastou. Foi uma espécie de agonia sentir os lábios dele abandonarem os dela, mas foi um alívio olhá-lo nos olhos. Eles se encararam. Ela não esperou que ele falasse, não esperou nenhuma explicação.

— Eu te amo. — Ela engasgou. — Eu amo... — Ela não conseguiu terminar, interrompida por outro beijo.

Desta vez, quando ele levantou a cabeça, os braços ainda em volta dela, Gerard conseguiu falar. — Seja minha esposa, Cerine. — Sua voz era grossa, áspera e urgente. — Eu te imploro.

Ela conseguiu acenar com a cabeça, e então o estava beijando novamente, enquanto o ar ao seu redor se enchia com o som de cascos e muitas vozes falando e todo o tumulto do retorno triunfante do rei.

CAPÍTULO 23

Ayleth caminhava na floresta de pinheiros de sua mente.

Estava quieta. Tão silenciosa. Tão vazia.

Seus pés descalços pisavam no tapete vermelho espinhoso de palha de pinheiro, evitando habilmente quaisquer pinhas de pontas afiadas ou raízes protuberantes. Uma luz pálida fluiu através dos ramos verdes, padronizando seu caminho sombreado em manchas brancas, e ela respirou fundo os perfumes da floresta, tão intensos que pareciam reais, embora ela soubesse que era apenas um sonho.

Por dias ela correu freneticamente, rasgando os caminhos da floresta profunda, subindo e descendo as encostas das cristas mais altas aos vales mais baixos. Sua voz ecoando pelo céu pesado, chamando, gritando e chorando sem esperança de uma resposta. Ela sabia que a caça era inútil. Ela tinha caçado, no entanto.

Essa caçada acabou. Agora ela simplesmente caminhava. Ouvindo o silêncio em sua cabeça que ecoava indefinidamente. Às vezes, ela buscava uma corda de alma que não estava mais ali, sentindo o vazio onde deveria estar, como um amputado coçando um membro fantasma.

Por quanto tempo ela vagou? Dias? Semanas? Minutos? Não importava. Ela estava inconsciente e seu corpo físico jazia em algum lugar distante, vulnerável. De vez em quando, ela ouvia vozes murmurando na atmosfera cinza acima, mas nunca alto o suficiente para que ela pudesse entender o que diziam. Talvez ela simplesmente não quisesse entender.

Eles provavelmente a drogaram. Deram a ela algo para acalmá-la, de corpo e alma. Algo para fazê-la parar de correr e correr e correr em sua mente. Provavelmente era a droga que a tinha desacelerado a este ritmo calmo, forçado a esta calma. Ela sentiu o pânico fervilhando logo abaixo da superfície, abaixo do solo coberto de palha. Mas agora estava sumindo, dando lugar a essa calma e a esse... peso.

Que droga eles usaram? Ela se perguntou preguiçosamente. Não Sòm, que foi feito para suprimir sombras. Ela não precisava disso. Não mais.

Como ela estava cansada! Mesmo assim, ela continuou andando, resistindo à vontade de sentar-se, de descansar. As árvores diminuíram ao redor dela, abrindo finalmente para um espaço claro. Ela saiu das sombras dos pinheiros para a saliência rochosa de um desfiladeiro profundo e o reconheceu imediatamente, o local de suas memórias ocultas.

Mas essas memórias não estavam mais escondidas. Ela podia senti-las, vivas e ativas na floresta ao seu redor. A droga as mantinha em silêncio e distantes, mas enquanto estava aqui na beira do desfiladeiro, ela as sentia mais perto do que antes. Talvez o sedativo estivesse começando a passar.

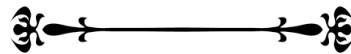
Algo se aproximou ao longo da borda do desfiladeiro, à sua direita. Ayleth não se virou para encarar a figura alta e esguia que parou ao lado dela. Elas ficaram juntas, olhando para aquela vista, aquela quebra na superfície de seu mundo mental, aquela fenda mergulhando nas partes mais profundas de sua alma. Era de tirar o fôlego, cercado pelas elevações e vales da densa floresta sob aquele céu cinza transparente.

Se ela estendesse a mão, ela poderia tocar sua companheira. Mas desapareceria como névoa se o fizesse, pois era apenas uma memória. Irreal.

A mulher alta falou finalmente. Sua voz estava tão sombria quanto a noite. — *Eu teria te amado se você tivesse me deixado.*

Ayleth não respondeu. Ela esperou, e a memória finalmente se transformou e se afastou novamente, deixando-a sozinha no desfiladeiro. Um vento uivou de baixo, soprando contra sua pele nua e seu cabelo longo e esvoaçante. Foi uma explosão fria que cortou a carne direto até os ossos. Ela respirou fundo e fechou os olhos, abraçando a picada.

Algo a chamou naquele vento. Uma voz que ela não conhecia, mas quase reconhecia. Uma voz entre aquelas memórias recém-recuperadas suspirando. — *Venha para casa... Venha para casa... Venha para casa...*



Ayleth acordou com outra rajada de ar frio, real e cortante contra seu corpo físico.

Seus olhos se abriram e por um momento estonteante ela pensou que estava de volta para casa em Gillanluòc. Ela olhou para as vigas do teto de uma torre circular, notando os lugares onde a palha havia caído e a luz penetrou. Ela sentiu o calor de pedras de chaminé aquecidas em suas costas, e tudo era tão familiar que ela meio que podia acreditar, meio fingir que era apenas uma menina de novo, uma jovem aprendiz de venatrix acordando em seu quarto familiar, enfrentando um dia familiar, uma rotina de estudos de veneno e prática de armas e histórias, cavalos, recitação e demonstração.

Mas no primeiro piscar, aquela pequena fantasia derreteu. Ela não era uma criança. Esta não era Gillanluòc, não em sua cama. A colocação da janela no quarto estava errada, o conjunto de vigas era semelhante, mas não o mesmo.

Laranta se fora. Ela estava sozinha. Essa era a nova realidade de sua existência.

Ayleth piscou uma segunda vez, mais lentamente do que a anterior. Quando seus cílios levantaram, ela olhou ao redor do quarto. Era familiar para ela, embora não tão familiar quanto seu quarto em Gillanluòc. Deveria ser Milisendis. Ela viu seus poucos pertences arrumados de maneira mais organizada do que os deixara, suas roupas dobradas e empilhadas em uma cadeira estreita, suas botas bem altas perto da porta. Ela estava deitada em uma cama, o que a surpreendeu. Não havia uma cama neste quarto antes, apenas um colchão de palha e uma pilha de cobertores.

O tapete amarrado na fresta da janela havia caído, deixando passar a rajada de vento gelado. A neve se amontoava em pequenos montes no chão, e o ar mordida sua pele, um choque, mas também um alívio. Por mais doloroso que pudesse ser, fornecia uma sensação para focar em outra coisa que não o vazio dolorido por dentro.

Ayleth se sentou, tremendo, e se abraçou com força. Ela parecia ter chutado uma pilha de cobertores de lã, e os tijolos que alguém colocou ao pé de sua cama haviam esfriado. Ela usava apenas uma camisa de linho e... Ela ergueu a mão, sentindo as dobras do lenço em volta da cabeça. Com um único puxão, ela o puxou e passou a outra mão pelo cabelo nascendo em seu couro cabeludo nu e cheio de cicatrizes. Estranho, ela nunca sentiu tanto frio na cabeça antes. Ela nunca percebeu o calor natural que o cabelo proporcionava até que ele foi embora.

Seus dedos se demoraram na cicatriz apertada e enrugada que rodeava sua testa.

Imagens passaram por sua mente, imagens daquele espírito sombrio, aquela longa mulher procurando por ela nas profundezas cavernosas de sua alma. Imagens de oblivis em chamas e a coroa agarrando-a rapidamente. Ela

sentiu a sensação nauseante no estômago do ídolo balançando sob os pés, de uma espada balançando em seu pescoço. De sangue, violência, caos e Laranta...

Não.

Ela fechou os olhos e curvou os ombros, encolhendo-se contra aquelas visões. Não, não. Desta vez ela iria ficar atenta, ficar no momento presente. Ela não iria se perder na loucura e delirar novamente.

Uma mesinha ao lado da cama não estava lá antes. Continha um arranjo de frascos e copos, alguns deles usados. Ela pegou um frasco e o sacudiu, vendo como restava pouco da dose. Ela imaginou...

Passos soaram na escada do lado de fora de sua porta. Ayleth voltou-se bruscamente, vigilante. Ela conhecia aquele passo. Ela não precisava dos sentidos da sombra para reconhecê-lo, para saber quem logo apareceria na porta.

A trava girou. As dobradiças rangeram. Hollis olhou para dentro do quarto. Seu olhar mudou de Ayleth para a pilha de cobertores no chão, para a janela aberta e a neve. Franzindo a testa, ela atravessou o quarto e pegou o tapete da janela caído, prendendo-o firmemente de volta no lugar. O quarto escureceu e Ayleth por reflexo tentou piscar para a visão das sombras para compensar. Mas nada aconteceu. Nada além de um doloroso choque de lembrança.

Hollis se virou para Ayleth, e as duas se encararam na penumbra. Um longo silêncio se seguiu.

— Você provavelmente tem muitas perguntas. — disse Hollis por fim.

Ayleth não respondeu.

Hollis cruzou o quarto e se abaixou para pegar os cobertores e o lenço caídos. Ela gentilmente envolveu os cobertores em torno de Ayleth, colocando-

os sob as pernas para proteger a pele nua do frio. Exatamente como uma mãe deve fazer.

— Já se passaram quatorze dias. — Ela continuou, sua voz nem um pouco maternal. Ela usou a voz abrupta de venatrix que Ayleth conhecia tão bem. — O rei, Gerard du Glaive, está vivo e foi devolvido a Dunloch. Ele está reunindo homens de bairros vizinhos e em breve fará a viagem para Telianor, onde reivindicará a coroa de seu pai. — Hollis deu um passo para trás e começou a dobrar o lenço de cabeça lenta e precisamente. — Vou cavalgar com ele. Eu, Terry du Balafre e Keph du Tam. Alguns outros de Breçar também. Esperamos que você se junte à procissão.

Ela colocou o lenço no colo de Ayleth, depois se virou rapidamente e atravessou o quarto. Depois de tirar as roupas dobradas da cadeira delgada, ela se sentou, empoleirada muito ereta com as mãos nos joelhos, como se estivesse fazendo um relatório. — Não sei o quanto você esteve ciente nas últimas duas semanas. — disse ela. — Já falamos com você muitas vezes, e às vezes você parecia ouvir, mas outras... — Ela balançou a cabeça. — Eu vou te dizer o que eu puder. Sinta-se à vontade para me interromper e fazer perguntas quando necessário.

Ela começou a falar, enchendo o ar frio com suas palavras. Ela falou sobre Floresta da Bruxa, que desapareceu. Da coroa de Éter, que estava morta, não mais possuída. Ela falou do ídolo, caído três dias depois dos eventos que ocorreram na palma de sua mão erguida. Ela falou da morte e perda de muitos, incluindo Fendrel du Glaive. Ela falou sobre o retorno do rei a Dunloch e até mesmo sobre os tomados pela sombra atualmente residindo em sua casa sob sua proteção real.

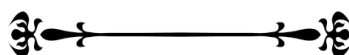
— Estes são tempos incertos. — disse ela. — Mudanças estão acontecendo em todo o país, o que é esperado com a ascensão de um novo

rei. Mas prevejo uma transferência pacífica de poder em Telianor. Inicialmente. Eventualmente, algumas das novas ideias do rei certamente o farão... causar uma agitação. Pode haver guerra. Com os castras. Com os outros reinos da Gália. — Ela balançou a cabeça, uma sobrancelha levantada, mas sua expressão estava calma. — Quem pode saber o futuro? Até mesmo os videntes não veem mais do que sombras.

Ao longo de sua palestra, Ayleth segurou a língua. Ela não tinha perguntas e sentiu apenas alívio quando Hollis finalmente ficou sem palavras.

Por fim, Hollis se levantou. Ela pegou a pilha de roupas e colocou-as na cama de Ayleth, em seguida, moveu as botas perto da porta para mais perto também. — Se você quiser, levante-se, vista-se e desça. Se não, voltarei em uma hora com comida.

Com essas palavras, ela foi embora. Ayleth ficou sentada por algum tempo. Então, lentamente, ela estendeu a mão e tirou as calças acolchoadas do topo da pilha de roupas. Algo caiu e aterrisou em dobras grossas no chão, atraindo sua atenção. Um toque brilhante de tecido vermelho. Seu capuz.



O cavalo parado na baia de Chestibor não era Chestibor. Era uma égua cor de fígado com crina de linho, uma besta que Ayleth não reconheceu. O único outro cavalo no estábulo era o próprio cavalo cinza de Hollis, então ela imaginou que a égua deveria ser sua montaria. Franzindo a testa, ela procurou os arreios e selou. Apesar de todas as dores em seu corpo, era bom estar fazendo a tarefa familiar, os movimentos que seus músculos administravam sem pensar.

Ela estava prendendo suas malas de viagem na sela quando Hollis apareceu na porta do estábulo. — Ayleth. — disse ela e nada mais.

Ayleth lançou lhe um olhar antes de voltar a se concentrar em sua tarefa. Ela fechou a última das fivelas e deu um nó nas últimas fitas de couro. Então, pegando as rédeas do cavalo, ela o conduziu para fora do estábulo e desceu pelo corredor central do pequeno estábulo.

Hollis deu um passo para o lado, dando espaço para ela passar para o pátio do posto avançado. — Ayleth, — disse ela novamente enquanto Ayleth fazia uma pausa para verificar a circunferência e os estribos. — Onde você está indo?

— Casa. — respondeu Ayleth.

— Casa? O que você quer dizer? Você está... Você quer dizer Gillanluòc?

Ayleth olhou por cima do ombro, fixando Hollis com um olhar frio. — Vou para casa. — disse ela. — A única casa que já foi minha. A casa que você tirou de mim quando matou minha mãe e meus irmãos e irmãs.

Hollis ficou muito pálida e seus olhos se destacaram brilhantes e agudos sob as sobrancelhas levantadas. — Ayleth... — ela começou.

Ayleth a interrompeu. — O que você acha que aconteceu, Hollis? O que você acha que existe entre nós? Você imagina que eu ainda sou aquela garota que se sentou aos seus joelhos, que prestou atenção em cada palavra sua? A garota que você moldou com suas mentiras e meias-verdades? Você acha que eu sou sua filha?

Ela poderia muito bem ter dado a sua ex-senhora um golpe no estômago. Hollis deu um passo para trás, os ombros curvando-se ligeiramente. Ayleth nunca vira tamanha expressão de dor em seus olhos. — Eu fiz o que tinha que fazer. — disse ela. — Sua mãe... ela era uma assassina. Pior do que uma assassina. Você não conheceu Olecia di

Mauvalis; você não sabe quem ou o que ela era. Ela se deliciava com a morte de mortais, ela brincava com eles e os torturava e...

— Você é uma mentirosa. — Sussurrou Ayleth. Ela pretendia gritar, mas as palavras saíram em um sussurro. — Você sempre foi uma mentirosa. Você me manipulou desde o início. Isso, até isso... mais manipulação. Mais mentiras. Ou talvez sejam verdades? Como eu iria saber?

Seu cavalo estremeceu e empinou no lugar, agitado pela tensão maliciosa que sentiu no ar. Ayleth acariciou o pescoço da égua. Quando ela falou novamente, sua voz estava mais calma, mais clara. — Não há mais sentido nisso. Eu fiz o que você queria. Eu matei Terrível Odile. Eu cumpri meu propósito. E agora eu terminei.

Hollis deu um passo em sua direção, uma mão estendida. — Eu fiz o que tinha que fazer. — Ela disse suavemente. — Eu sei que você não entende. Mas eu juro, fiz o que fiz para te salvar. Para te proteger. Eu... Eu te dei tudo que podia dar. Eu sei que cometi erros...

Ayleth recuou de sua mão. — Erros? — Ela quase engasgou com a palavra. — É isso que você chama de massacrar minha família? Um erro? É isso que você chama de tirar da minha mente toda a memória deles? — Ela se preparou e deu um passo na direção de Hollis, que apressadamente retirou a mão e recuou. — Você os tirou de mim. Você os tirou de mim.

O desejo de morte, de violência, rugia em sua cabeça. Como se Laranta ainda estivesse lá, ainda presente, ainda conduzindo-a com instintos ferozes. Ayleth se virou rapidamente. Se ela olhasse para o rosto de Hollis mais um momento, ela tentaria matá-la. Como ela conseguiria sem a força de Laranta, ela não sabia dizer. Mas ela tentaria. E ela iria se arrepender.

Então, ela se virou antes que o impulso se tornasse grande demais para controlar. Sua respiração congelou o ar diante de seu rosto. Ela estava

repentinamente fraca, tonta, incerta se ela poderia encontrar forças para montar o cavalo. Mas ela não podia ficar aqui. Nem por mais um minuto.

Colocando a bota no estribo, ela agarrou a sela e se levantou. Quando a escuridão encheu sua cabeça, ela agarrou um punhado de crina pálida e conseguiu se manter sentada até que sua visão clareou. Seu pé direito encontrou o outro estribo e ela empurrou o cavalo em direção ao portão, que estava aberto para sua partida.

Hollis caminhava ao lado dela no ombro do cavalo, respirando com dificuldade. — Ayleth. — disse ela. — Por favor. Não saia assim. Por favor, Ayleth, você deve acreditar em mim. Se eu pudesse voltar e fazer mudanças, eu o faria. Eu amo você. Minha querida, minha garota selvagem. Você deve saber que eu te amo!

— *Eu teria te amado se você tivesse me deixado.*

Ayleth puxou o capuz vermelho sobre a cabeça nua. Diante dela, a estrada aberta conduzia para cima e para fora do pequeno vale de pedra em que Milisendis estava. Ela estimulou a égua a um galope completo. O vento em seus ouvidos foi quase o suficiente para abafar a voz de Hollis chamando atrás dela:

— Ayleth! Ayleth, por favor!

CAPÍTULO 24

— Seu perdão, Venador du Balafre.

Terryn estremeceu ao som do título. Ele não era um venador. Não mais. Mas, depois de alguma discussão, ele concordou com o pedido de Gerard de que ele mantivesse o título com todos os seus pretextos e implicações por enquanto, até que a coroa estivesse garantida, os ministros da corte nomeados e o reino mais uma vez firmemente estabelecido seguindo a perda de seu rei. Era um estratagema que Terryn não gostava, mas seria obrigado a usar pelos próximos anos, pelo menos.

Em breve, os castras descobririam a verdade. Em breve, as heresias viriam à tona e a guerra estouraria. Uma guerra tão cruel quanto a Guerra das Bruxas, a menos que ele estivesse muito enganado. Em breve... ainda não, mas em breve...

Ele montou um escritório para si mesmo na sala da ala oeste, e ele e Kephan se mantiveram ocupados nas últimas duas semanas, principalmente gerenciando os habitantes recém-tomados pela sombra de Dunloch, ensinando-os a equilibrar suas almas possessivas e controlar seus poderes. Às vezes, eles recorriam aos métodos evanderianos de supressão para a segurança do indivíduo. Mas Terryn esperava, com o tempo, ensinar todos eles a encontrar um modo de vida mais harmonioso. O sucesso dependeria muito do indivíduo humano e da sombra em questão.

Quando não estavam ocupados com o treinamento, eles compartilhavam a tarefa de escrever cartas para vários membros dos castras em Gaulia e para alguns dos postos avançados mais remotos. Havia aqueles, acreditava Kephan,

que cavalgariam até o estandarte do rei se a palavra certa pudesse chegar a seus ouvidos no momento certo. Aparentemente, a heresia vinha fermentando nas fileiras há mais tempo do que Terryn percebeu. O pensamento ainda era perturbador, mas no momento era encorajador também.

Agora Terryn ergueu os olhos da carta que estava redigindo e viu um jovem mensageiro na porta. — Sim, Billin? — ele perguntou, deixando de lado sua pena. No limite de sua visão, ele viu Nisirdi erguer sua cabeça estreita e dragoniana de onde ela aparentemente estava descansando em uma poltrona de veludo. Esta era uma mera projeção de sua mente, mas Terryn estava estranhamente acostumado a ver seu dragão de luz manifestar-se no escritório ao lado dele, mesmo quando ele não acessava diretamente seus poderes.

O menino, embora não fosse tomado, lançou um olhar nervoso de lado para aquela parte do escritório, como se ele de alguma forma sentisse a presença de outro mundo. Ele mastigou nervosamente o interior da bochecha antes de dizer rapidamente: — Seu perdão, Venador, mas... a notícia veio dos estábulos. Venatrix di Ferosa chegou, procurando seu cavalo. Você deixou recado que deveria ser alertado se...

Terryn já estava de pé. — Obrigado, Billin. — disse ele enquanto corria para fora da porta, deixando sua carta e documentos para trás. Nisirdi se levantou e fluiu pelo ar atrás dele, silencioso, mas sempre perto.

Com o coração martelando dolorosamente, Terryn caminhou até a escada dos fundos e desceu. Ele protestou no início quando Hollis propôs levar Ayleth para o Posto Avançado de Milisendis. Ele queria trazê-la de volta para Dunloch, onde poderia ficar de olho nela enquanto, ao mesmo tempo, ficava de olho em Gerard. Mas Hollis estava certa, Ayleth se recuperaria melhor em ambientes mais familiares. Os luxos do castelo só aumentariam seu

estresse. Então, Hollis conseguiu o que queria e continuou em Milisendis como enfermeira de Ayleth.

Terryn tinha se aventurado lá tão frequentemente quanto possível. Durante a última quinzena, ele cavalgou três vezes até o posto avançado e passou aqueles dias e noites ao lado de Ayleth enquanto ela dormia ou delirava. Ele não podia ter certeza de que ela estava ciente de sua presença, embora às vezes pensasse que ela poderia ouvir sua voz, e esperava que isso lhe trouxesse conforto.

Cada vez que ia visitá-la, pensava em trazer Chestibor com ele, sabendo que Ayleth gostaria de se reunir com seu cavalo. Mas o pensamento o atingiu, ela iria embora. Quando sua razão finalmente voltasse à sua mente, quando se levantasse da cama, ela empacotaria seus pertences, montaria em seu cavalo e iria embora. E ele nunca a veria novamente.

Mas se ele mantivesse Chestibor em Dunloch, ela teria que vir. Aparentemente, ele estava certo. Uma vez do lado de fora, ele correu para o pátio do estábulo, mas não viu nenhum sinal de uma garota alta ou de seu cavalo. Ele segurou o cotovelo do primeiro cavaleiro que passou. — Veio uma mulher? — Ele demandou. — Ela levou um cavalo, um castrado marrom com ela? Uma mulher alta e... e ela não tinha cabelo.

— Não sei, senhor. — disse o menino, balançando a cabeça, os olhos redondos e assustados com o rosto severo e cheio de cicatrizes olhando para ele. — Havia uma venatrix com um capuz vermelho. Ela poderia ser careca por baixo, eu não poderia dizer...

— Onde ela está?

— Ela veio e se foi, senhor. Cerca de um quarto de hora...

Terryn não esperou para ouvir o resto. Ele correu para o estábulo, gritando para alguém trazer um cavalo para ele. Em menos de cinco minutos,

ele estava montado e cavalgando pela ponte até o portão. Os guardas o viram chegando e se afastaram para dar espaço para ele passar. Ele diminuiu a velocidade para gritar: — Para onde foi a venatrix?

— Estrada norte. — Um dos homens respondeu. Terryn girou seu cavalo para a direita e o esporeou mais rápido. Nisirdi fluiu silenciosamente pelo ar atrás dele, seguindo o puxão de sua corrente de ligação da alma. Depois de outros dez minutos de cavalgada dura, Terryn a viu à frente dele. Ele conheceria aquela figura esguia e ereta, mesmo sem o capuz vermelho puxado sobre sua cabeça.

Ele gritou o nome dela e viu os ombros dela enrijecerem. Ela não se virou para encará-lo.

Amaldiçoando suavemente, Terryn se inclinou sobre o pescoço de seu cavalo e o impulsionou mais rápido. Quando ele chegou ao lado dela, ele freou bruscamente. Sua montaria derrapou sobre os calcanhares, soprando e sacudindo a cabeça com raiva.

— Ayleth. — disse Terryn, sua voz um latido agudo.

— Venador du Balafre. — respondeu Ayleth em voz baixa. Ela ainda não olhou para ele. Seu rosto, sombreado pelo capuz, permaneceu fixo no horizonte.

Ele a estudou por alguns momentos em silêncio. Suas visitas a Milisendis, as longas horas que passou sentado ao lado da cama dela, não o ajudaram a se ajustar à visão dela sem sua sombra. Olhar para ela com visão sombria era doloroso, como olhar para uma ferida aberta que nunca cicatrizaria.

Ele piscou de volta para sua visão mortal e estudou o perfil dela. A linha acentuada de sua mandíbula e os ângulos de seu rosto se intensificaram após sua provação. O capuz cobria sua calvície, embora ele pudesse ver que o cabelo

escuro crescia e logo cobriria seu couro cabeludo, suas cicatrizes. A pior das queimaduras e bolhas já havia sarado.

Mas seus olhos... eles estavam ocos. Assombrados.

— Onde você está indo? — Ele demandou.

— Casa. — disse ela calmamente. Mesmo assim ela não se virou.

Ele piscou, confuso. — Onde... onde é a sua casa?

Ela deu um longo suspiro e soltou um suspiro mais longo, o ar soprando branco de seus lábios. — As montanhas Skada. — ela disse finalmente. — Em algum lugar. Não tenho certeza. — Então ela encolheu os ombros. — Eu saberei quando eu encontrar.

— Então... você está cavalgando para a floresta. No inverno. Sozinha?

Ela acenou com a cabeça.

— Você não pode.

Só então ela olhou para ele, sua cabeça girando bruscamente em seu capuz. Seus olhos brilharam perigosamente. — Observe.

Foi quase um alívio ver que a ferocidade ainda estava presente dentro dela. Um alívio saber que, se ela tivesse perdido a sombra, a sua magia, seus poderes não naturais, ela não tinha perdido sua personalidade. Ayleth era uma força da natureza sozinha. Ela nunca precisou de uma sombra para causar terror em seu coração.

Ele engoliu em seco, a garganta tão inchada que não conseguia falar no momento. Então ele disse: — E quanto a Gerard?

Ela não respondeu. Ela olhou para a estrada novamente, erguendo o queixo um pouco mais alto do que antes, o queixo um pouco mais duro.

Terryn continuou. — Ele precisa de você. Ele precisa de todos nós. Haverá dias difíceis pela frente. Agora mesmo, os ministros de Telianor ainda acreditam que ele é o herdeiro legítimo, mas logo se espalhará a notícia

sobre o que está acontecendo aqui em Wodechran Borough. Haverá dissidentes. E quando se tornar público que ele está protegendo as sombras, que trouxe uma criança inata para sua própria casa, os castras se levantarão em protesto. Ele precisará de todos nós para apoiá-lo se quiser manter seu trono, e...

— Que bênção é que nosso Rei Dourado tenha um irmão tão leal e verdadeiro. — disse Ayleth. Não havia malícia em suas palavras. Elas foram faladas com perfeita sinceridade. — Estou confiante de que ele reinará por muito tempo e bem, enquanto você estiver ao seu lado.

A boca de Terryn ficou aberta e suas mãos puxaram inconscientemente as rédeas, diminuindo a velocidade de seu cavalo. Ela cavalcou vários passos à frente antes que ele esporeasse sua besta de volta ao movimento e a manobrou na frente de seu cavalo castrado, interrompendo-a.

— Eu te amo. — disse ele.

Ela olhou para ele como se espiasse através de um véu transparente. Então ela baixou o olhar para as mãos apoiadas no punho da sela.

— Eu te amei desde o momento em que coloquei os olhos em você pela primeira vez. — Ele continuou. As palavras queimaram em sua boca, mas ele não conseguia parar de falar. — Eu não percebi o que estava sentindo então. Eu dei uma olhada em você e me acertou imediatamente como uma lança no coração: eu sabia que você iria me destruir. Eu pensei que te odiava. Agora eu sei melhor.

— Você me destruiu, Ayleth. Tudo que eu pensei que era. Tudo o que pensei que me tornaria. Está tudo arruinado, despedaçado. Se foi. E eu não poderia estar mais grato. Eu não poderia estar mais feliz que a Deusa trouxe você e sua influência destrutiva em meu coração, libertou você em minha vida

para causar sua destruição. Por causa do que você fez comigo, agora posso ser reconstruído em algo novo. Algo melhor.

Ele virou a cabeça do cavalo e moveu a fera ao lado de Chestibor, perto o suficiente para que, se tivesse coragem, pudesse estender a mão e pegá-la. Mas ele não conseguia fazer isso. Sua mão congelou no ar, tremendo, mas incapaz de parar. — Eu... Não quero construir nada sem você. — Ele olhou para o perfil severo dela, desejando que ela se virasse, para olhar para ele. — Fique. Comigo.

Ela observou a mão dele pairando sobre a dela. Por um momento ele pensou que ela aceitaria.

Então seus cílios tremeram e seu olhar se fixou mais uma vez na estrada, no horizonte distante. — Sua sombra... — disse ela. — Está ascendente agora, não está?

Sua sobrancelha se apertou em um nó duro. Ele hesitou, então acenou com a cabeça.

— Não consigo perceber. — Ela lançou um breve olhar de soslaio. — Sem sentidos de sombra. — Ela encolheu os ombros, olhando para a frente mais uma vez. — Mas há algo diferente em você, algo... livre. — Seus lábios estavam muito secos e rachados de frio. Quando ela os mordeu, eles ficaram vermelhos e depois empalideceram de novo quase imediatamente. — Eu mantive Laranta contida a maior parte de nossa vida juntas. Eu a contive, eu... Eu a torturei. E ela só ofereceu amor em troca.

A voz dela sumiu. O silêncio durou tanto que Terryn temeu que ela não falasse novamente, temeu que ela simplesmente colocasse seu cavalo de volta em movimento e partisse. Mas finalmente ela se virou e o encarou. — Não tenho nada para lhe dar, Terryn. Eu estou... vazia.

— Eu não me importo. — Ele respondeu. — Eu vou te amar o suficiente por nós dois.

Ela balançou a cabeça. Seus olhos escuros brilhavam, muito brilhantes. — Posso saber pouco sobre o amor, mas posso dizer que não funciona assim.

— Tudo bem. — A mão de Terryn se fechou em um punho, as rédeas de couro torcidas entre seus dedos. — Tudo bem então, não fique. Em vez disso, irei com você. Vou acompanhá-la até as montanhas Skada, pelo menos até saber que encontrou sua casa. Não vou pedir nada de você. Serei como um irmão de caça. Eu simplesmente estarei perto para ajudá-la, e...

— Você é um idiota.

As palavras foram afiadas, mas enviaram um estranho dardo de alegria ao seu coração. Ela souou, apenas por um momento, como ela mesma novamente. A alegria quebrou quase imediatamente, entretanto, quando ela continuou. — Você não pode deixar Gerard. Nós dois sabemos disso. Seria como pedir para você ir embora sem o braço direito.

Ele abriu a boca. Mas o que ele poderia dizer? Havia uma corrente de alma prendendo-o aqui com a mesma certeza que Nisirdi estava ligado a ele. Ele não poderia quebrá-la, não importa o quanto ele desejasse. — Ayleth... — ele começou, sem saber aonde suas palavras o levariam, apenas sabendo que não poderia ceder, ainda não. Ainda não.

Antes que ele pudesse pronunciar mais uma palavra, ela largou as rédeas, inclinou-se repentinamente na sela e segurou seu rosto com as duas mãos. Seus dedos eram como gelo em suas bochechas, e seus lábios estavam ásperos com o frio quando encontraram sua boca. Mas a onda de calor que passou por ele banuiu todas as outras sensações. Ele estendeu a mão para ela,

agarrou seus braços, segurando com força como se pudesse agarrar seu próprio espírito e obrigá-la a ficar com ele.

Ela se afastou muito cedo, e embora ele tentasse puxá-la de volta para ele novamente, ela resistiu. Ela não precisava da força da sombra para quebrar seu aperto e colocar distância entre eles.

— Quando você encontrar o que está procurando... — disse Terry, sua voz um sussurro no ar gelado. — Você vai voltar?

Ela inclinou a cabeça para um lado sob a cortina de seu capuz. — Não espere por mim, Terry. — ela disse. — Viva sua vida. Sirva ao seu rei. Pense em mim de vez em quando. Mas não espere por mim.

Com essas palavras, ela encarou a estrada, inclinou-se sobre o pescoço de Chestibor e proferiu um áspero: — Yah! — Dirigindo seus calcanhares em suas costelas. O cavalo castrado começou a galopar, devorando a distância e agitando a neve branca como uma nevasca atrás dele. Terry observou de sua sela até que o capuz vermelho brilhante desapareceu de vista.

CAPÍTULO 25

Poucas paisagens eram mais bonitas para Gerard do que a imagem de sua esposa sentada do outro lado do escritório em uma das grandes cadeiras de estudo perto da lareira. A maneira como ela se sentou com a pequena Nilly no colo, a cabeça inclinada sobre o ombro da criança, um livro apoiado no colo... era pura perfeição.

O livro era um manuscrito iluminado, cheio de estranhas imagens coloridas e apenas algumas palavras elaboradas. Cerine apontou para um personagem maravilhosamente curvado, e Gerard a ouviu murmurar: — N é para Nilly.

A criança deu uma risadinha. O coração de Gerard inchou. Quase doeu sentir tanta alegria. O mundo diante dele estava cheio de sombras e incertezas. Em apenas três dias, ele partiria de Dunloch com uma grande companhia e seguiria para Telianor para reivindicar a coroa do Rei Escolhido. Ele não previu grandes dificuldades neste primeiro trecho de sua jornada... as dificuldades viriam de forma dura e rápida depois disso, quando ele começasse o processo de mudança das leis.

Em primeiro lugar, ele deveria criar leis para proteger Nilly e crianças como ela.

Quanto à própria Nilly, ele já havia concordado com a proposta de Cerine de que a aceitassem como tutelada legal. Ela seria criada sob estreita supervisão em Telianor, tratada como uma filha em sua casa. Eles fariam o que pudessem para manter seu estado inato escondido por tanto tempo quanto possível, mas Gerard sabia que era melhor não esperar que o segredo durasse.

Mesmo assim, ele sorriu. Essas preocupações podem esperar por outro dia. Agora era a hora de admirar a queda da luz do fogo no rosto meigo de sua esposa, de admirar a curva de sua bochecha e a elegância de seu longo pescoço. De antecipar o anoitecer e a chance de escaparem juntos para o quarto... e de se lembrar da noite anterior e das horas muito curtas passadas sozinhos no escuro.

O sorriso dele cresceu e, naquele momento, Cerine ergueu os olhos e encontrou os dele. Como se lendo aonde seus pensamentos a levaram, ela corou e rapidamente olhou para baixo novamente, embora ele pudesse ver como sua boca se torceu em seu esforço para esconder um sorriso semelhante. Mas sua voz continuou em seu tom firme e paciente, elogiando Nilly enquanto a menina tentava soar um experimental. — Nnnnnnn.

Uma batida na porta interrompeu a contemplação de Gerard. Nilly e Cerine ergueram os olhos do livro, seus olhares se voltando para ele, olhos grandes e um pouco ansiosos. Gerard deu a eles um aceno tranquilizador antes de gritar: — Quem está aí?

— Sou eu. — A voz áspera de Terryn respondeu do outro lado.

— Ah, sim, entre. — Gerard disse, e Terryn entrou no escritório.

Nilly soltou um grito deliciado, um som que Gerard nunca esperou ouvir da boca da pequena criança abandonada. Ela saltou do colo de Cerine e atirou-se através do escritório para os braços de Terryn. O alto venador se ajoelhou, aceitando seu abraço. Seu rosto foi brevemente escondido da visão de Gerard atrás de sua cabeça enquanto Nilly colocava os braços em volta do pescoço dele. Ele se levantou, erguendo-a e se aproximou da mesa de Gerard com a criança em seus braços.

— Recebemos notícias do Posto Avançado Bertheron em Nion. Venatrix Jeanne d'Eudes irá se juntar a nós na estrada para Telianor.

— Excelente. — Gerard acenou com a cabeça, satisfeito. A rede de conexões de Kephan entre os castras mais distantes da Gaulia estava se provando inestimável. Cinco evanderianos já haviam prometido apoio à sua nova e herética causa. Quanto mais Capuzes Vermelhos ele tivesse cavalgando com ele para a capital, melhor.

Mas ele deu uma olhada mais de perto em Terryyn. Algo não estava certo, algo em sua expressão. As notícias que ele trazia eram boas, mas Terryyn estava estranhamente pálido, sua tez escura e cinzenta nas bordas e seus olhos brilhantes como se estivessem com febre. — Algo está errado?

Terryyn balançou a cabeça. Sem uma palavra, ele se curvou, uma façanha estranha de se realizar com uma criança nos braços. Então ele cruzou o escritório para colocar Nilly de volta no colo de Cerine antes de oferecer uma reverência mais elegante e um murmúrio de “minha rainha” para Cerine. Ele saiu do escritório sem olhar na direção de Gerard.

Gerard o observou ir, observou a porta se fechar atrás dele e franziu a testa para os painéis.

— Siga-o.

Surpreso, ele se virou para ver Cerine observando-o de perto de sua cadeira. Ela acenou com a cabeça em direção à porta, as sobrancelhas levantadas. — Vá em frente. — Ela pediu.

Ele hesitou. Então, raspando a cadeira com força no chão, ele se levantou e saiu correndo de trás da mesa e atravessou o escritório. Abrindo a porta, ele avistou Terryyn no final da passagem. — Terryyn, espere! — Ele gritou.

Terryyn se virou e chamou sua atenção. Ele não conseguiu encontrar o olhar de seu rei quando Gerard se aproximou, olhando por cima de seu ombro esquerdo.

Gerard o observou atentamente. — Alguma notícia de Milisendis?

— Nenhuma, meu rei. — Terryn respondeu ríspidamente. — Kephan acredita que Venatrix di Theldry se apresentará a Dunloch amanhã. Ela certamente virá antes.

— Quero dizer de Ayleth.

Terryn engoliu em seco. Na verdade, ele parecia ainda mais pálido do que antes. — Venatrix Ayleth não se juntará à comitiva real.

O coração de Gerard parou. — Você quer dizer que ela... — Ele não conseguiu terminar, sem saber o que temia.

Mas Terryn continuou, sua voz enganosamente firme. — Ela se despediu de Wodechran Borough e voltou para Drauval.

— O que? — A sobrancelha de Gerard se enrugou. — Ela se foi? Por quê?

— Acredito que a intenção dela é buscar o lar de sua infância.

Gerard ouviu as palavras, mas não as entendeu. Hollis deu a ele um resumo da história de Ayleth até onde ela sabia, e Terryn o contara com mais alguns detalhes. Mas, para ser honesto, a maior parte não tinha pegado. Ele tinha estado mais do que um pouco distraído nas últimas três semanas. — Onde... onde é a casa de sua infância?

— Em algum lugar nas montanhas Skada.

— Você quer me dizer que Ayleth está cavalcando sozinha nas montanhas Skada no auge do inverno. Sem nenhuma ideia para onde ela está indo. E nenhum poder de sombra para usar.

O olhar de Terryn permaneceu fixo no que quer que tenha prendido sua atenção além do ombro de Gerard. — Sim.

Gerard ficou boquiaberto. Então ele bufou uma respiração afiada. — Então o que diabos você está fazendo aqui, Terryn?

Terryn piscou e finalmente olhou diretamente para ele. Ele não falou, mas seus olhos fizeram uma pergunta.

— Por que você não foi atrás dela? E com ela, por falar nisso? — Gerard ergueu as mãos e balançou a cabeça. — Não pense que eu não sei o que você sente por ela. Eu não sou cego. Você a ama e apenas a deixou cavalgar para a morte certa? O que você está pensando, cara?

— Eu... — Terryn parou, engoliu em seco e continuou com uma voz mais firme. — Você precisa de mim ao seu lado, Gerard. Agora, mais do que nunca, devo estar com você. Eu sou...

— Você é um idiota.

Terryn parou de novo e disse baixinho: — Esse parece ser o consenso popular.

— Vá atrás dela. — Gerard estendeu a mão e agarrou o ombro de Terryn, apertando com força. — Não espere. Não hesite. Vá atrás dela, Terryn. Encontre-a e ajude-a e, se puder, traga-a de volta. Ou fique com ela nas montanhas abandonadas pela Deusa, se for isso que vocês dois preferirem. Mas o que quer que você faça, pelos Três Santos Nomes, não me dê suas desculpas.

— Gerard... — A voz de Terryn falhou. Ele lutou, as linhas ao redor de sua boca se aprofundando enquanto ele dominava sua voz. — O que você vai fazer? Sem mim para protegê-lo, como você pode...

— Eu não preciso de você em minha sombra, Terryn. — Gerard disse. — Eu posso ficar em meus próprios pés e enfrentar meus próprios monstros, meus próprios demônios. — Ele ergueu a outra mão, agarrando os ombros de Terryn e olhando-o nos olhos. — Vá. Rompa essa corrente que o prendeu a mim todos esses anos. E quando você encontrar e ganhar o seu amor, volte se puder. Mas venha apenas por sua livre vontade. Você entendeu?

O rosto de Terryn se quebrou. Ele pegou Gerard e o puxou para perto em um abraço que durou apenas um momento, mas o suficiente.

Então ele se afastou, se virou e desceu correndo a grande escadaria tão rápido que sua capa ondulou atrás dele. Gerard, de pé na balaustrada da galeria, observou-o passar pelas portas da Fortaleza Dunloch e sair para a luz do dia enfraquecendo além. — Vá com graça, irmão. — Ele sussurrou.

De volta à porta do escritório, quando ele alcançou a trava, gargalhadas chegaram a seus ouvidos, as vozes de sua esposa e da filha inata, cheias de alegria e felicidade. A alma de Gerard ergueu-se enquanto seu coração doía. Lágrimas silenciosas caíram de seus olhos.

CAPÍTULO 26

A primavera estava rompendo as montanhas quando Ayleth finalmente entrou no Posto Avançado Gillanluòc. Ela desmontou de Chestibor na entrada. Seus dedos procurando rapidamente encontraram e puxaram o mecanismo secreto, e o portão se abriu parcialmente. Então preso.

Resmungando pragas, Ayleth agarrou os postes de madeira e puxou. Ela puxou de novo e de novo, finalmente colocando-o de volta em movimento. Quando ela teve um espaço grande o suficiente para seu cavalo passar, ela estava ofegante. Tarefas que antes eram tão fáceis agora eram muito mais difíceis. Ela nunca tinha percebido o quão consistentemente havia se apoiado em seus poderes de sombra, mesmo quando Laranta estava sob repressão.

Mas Laranta se fora. Ela estava sozinha. Ela teria que aprender como sobreviver. Pelo menos mais um pouco.

Ayleth conduziu Chestibor para o pátio e para o estábulo. Parecia estranhamente frio e abandonado. A neve ainda se acumulava no alto das paredes. Parte do telhado havia desabado em uma das extremidades, e sem nenhuma venatrix em casa para escorá-lo e fazer reparos, os danos só pioraram. Mas a velha baia de Chestibor ainda estava funcionando e os ratos não tinham entrado na lata de aveia. De fato, seria preciso um rato corajoso para enfiar o nariz nos estoques de uma venatrix.

Depois de cuidar das necessidades de seu cavalo, Ayleth voltou para o pátio, de frente para o fortim. Ela ficou parada por um momento, ombros para

trás, mãos ao lado do corpo, respirando o ar frio da primavera. Dentro e fora. Devagar e sempre.

A pressão das memórias a rodeava, memórias de uma garota solitária e sua senhora igualmente solitária. Memórias de tiro ao alvo com seu escorpião, de lutas de punhal e confrontos corpo a corpo. Seu olhar foi para a casa de ossos, e um arrepio percorreu sua espinha com as memórias mais sombrias associadas àquele edifício. Morte, sangue e tristeza.

E em todos os lugares, memórias de Hollis.

Não eram memórias falsas, eram? Certamente, nem todas elas. Elas não eram mentiras. Seus anos como aprendiz de Hollis, aqueles anos de devoção e serviço... havia verdade lá, esperando para ser encontrada.

Mas se essas verdades foram construídas sobre um alicerce de falsidade, em que partes ela poderia confiar?

Ayleth foi até a casamata e entrou. Estava frio como uma tumba, mas ela acendeu a lareira e abriu as janelas para permitir a entrada do sol e do ar da primavera. O junco do chão cheirava a mofo, mas ela não planejava ficar muito tempo, então ela não se incomodou em pegar uma vassoura para varrê-los.

Apesar do que dissera a Terryn meses atrás, Ayleth não partira para Drauval Borough imediatamente. Embora todos os instintos a incentivassem a se lançar nessa caçada final, ela aceitara a verdade: sem a magia e a força de Laranta, ela não sobreviveria a um inverno nas montanhas. Chestibor, pelo menos, merecia coisa melhor do que a morte por congelamento ou fome.

Assim, depois de pegar a balsa para atravessar o rio, Ayleth partiu para uma cidade em Luquin Borough, longe o suficiente de Wodechran para que ela não precisasse temer que fosse descoberta... alguém deveria ser tolo o suficiente para persegui-la. Seu conjunto de habilidades era limitado, mas ela não precisava dos venenos de uma venatrix ou dos sentidos sobrenaturais de

uma sombra para derrubar uma presa natural, então ela conseguiu convencer um oficial de justiça local a dar a ela e a seu cavalo abrigo em troca de suas habilidades de caça. Durante todo o inverno, ela manteve a cidade abastecida de coelhos, faisões e até veados. Ela cobrava pouco por seu serviço, acomodação e alimentação para seu cavalo e ela mesma, e os habitantes da cidade desfrutavam de carne fresca durante todo o inverno, em vez da comida defumada ou seca de costume.

Durante esse tempo, ela manteve seu capuz vermelho escondido fora de vista. As pessoas tendiam a olhar para seu couro cabeludo áspero e suas cicatrizes feias, mas ninguém fez perguntas. Ela se manteve sozinha, ela fez seu trabalho, e assim o inverno passou. Aos primeiros sinais da primavera, Ayleth despediu-se, embalou Chestibor e rumou para as montanhas do norte.

Hollis havia deixado um estoque de combustível na caixa. Ayleth trouxe mais toras, adicionando-as ao fogo, que agora crepitava forte na lareira. Quando a sala de teto baixo começou a esquentar, ela olhou em volta para a mesa de Hollis e as alcovas construídas na parede ao lado da chaminé de pedra.

Embora ela quisesse simplesmente partir para as montanhas mais altas e selvagens de Skada, ela sabia que seria uma tolice. Ela nunca iria encontrar o que estava procurando, a menos que tivesse algum tipo de objetivo em mente. As montanhas eram muito extensas, as florestas muito profundas. E seus sentidos mortais eram muito limitados.

Alguns meses atrás, ela não teria necessariamente se importado de deixar seu cavalo para trás e vagar pela selva para enfrentar qualquer aventura que encontrasse antes de finalmente sucumbir ao inimigo ou ao destino. Mas durante o inverno, durante os meses frios de verificação de armadilhas e avistamento de veados ao longo do alcance de seu escorpião, ela teve

tempo. Tempo de perceber que ela não queria simplesmente jogar sua vida fora em uma jornada suicida.

Ela queria encontrar respostas. Se restasse alguma resposta para ser encontrada.

Então, enquanto o fogo crepitava e seus membros entorpecidos se soltavam lentamente com o calor, Ayleth começou a mexer nos livros e papéis de Hollis. Ela encontrou o pequeno volume encadernado contendo a lista dos Diabos Carmesins e tomou um momento para riscar os últimos sete nomes na página final. A ação deu a ela menos satisfação do que ela esperava. Mas pelo menos a lista agora estava completa.

Depois de uma hora de busca, ela retirou o exemplar de Hollis das escrituras sagradas de Santo Evander e folheou-o cuidadosamente, na esperança de que sua ex-senhora pudesse ter escondido algo dentro. Ela chegou, inevitavelmente, a uma página muito amarelada nas bordas de todas as vezes em que foi virada ao longo dos anos. Ela não precisava ler. Seus lábios se moveram naturalmente, citando cada linha, palavra por palavra:

Um veneno se espalhará pelo coração do meu povo, dando origem à Falsidade reinando em nome da Verdade. Mas vou mandar um campeão. Enviarei o homem que escolhi para cortar a cabeça do veneno e conduzir o povo de volta a mim. Irmão com irmão, um tomado à sombra e outro não, permanecerão juntos, estabelecendo um novo reino sob Meu Nome.

Assim, a Idade de Ouro acontecerá.

A boca de Ayleth endureceu em uma linha sombria. Nos últimos meses, ela aprendera a bloquear a lembrança daquela noite terrível. Mas agora sua mão rastejou para a testa, sentindo a cicatriz em volta da cabeça e na

testa. Imagens piscaram atrás de seus olhos. E esse sentimento. Aquela sensação indescritível de poder absoluto que fora dela naqueles breves e eternos momentos.

Mas foi o braço de Gerard que balançou a espada. O braço de Gerard que cortou a cabeça da Rainha Bruxa. É verdade que ele estava agindo apenas como uma marionete de Ayleth, e assim o Cravan Druch foi quebrado, a maldição do sangue cumprida. Mas foi Gerard quem segurou a lâmina.

Seria possível que o Seion-Ebathe tivesse se cumprido apesar de tudo? Apesar de todos os erros, todas as mentiras, todas as manipulações dos homens... afinal, o Rei Escolhido tinha vindo para Perrinion?

Ayleth fechou o livro e colocou-o de lado. Ela não deveria se permitir pensar nessas coisas. Ela não deveria se permitir se perguntar se Gerard e sua comitiva haviam chegado em Telianor. Ela não deveria se permitir meditar sobre as ações na corte, sobre as mudanças que agora mesmo devem estar se propagando por todo o reino. Não deveria se permitir desejar estar ali, de pé atrás do rei, ao lado de Terryryn...

Nada disso era mais sua preocupação.

Ayleth afastou-se do livro e da mesa, afastou-se do fogo e da sala da frente aquecida do fortim. Ela subiu a escada instável até o segundo andar e entrou no quarto de Hollis, onde abriu as arcas, cavou debaixo do colchão e puxou as tábuas do assoalho, procurando com abandono. De vez em quando ela sentia uma pontada de remorso por invadir a privacidade de sua senhora, mas essas dores ela rapidamente silenciou. Hollis invadiu sua mente. No que dizia respeito a Ayleth, Hollis perdera o direito à privacidade.

Por fim, ela encontrou uma pequena partição escondida na parede, e quando seus dedos questionadores alcançaram a escuridão de teias de aranha,

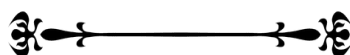
eles tocaram algo. Agarrando sua borda, ela puxou um pequeno volume encadernado em couro. Um diário de bordo.

Com a respiração repentinamente instável, ela o puxou e desfez as tiras de couro que prendiam as cobertas macias. Sentada na cama de Hollis, ela abriu o livro e verificou a data na primeira página, quatorze anos atrás. Era isso. Deveria ser esse.

Ela começou a folhear as páginas, escaneando a caligrafia familiar de Hollis, lendo caças e entrevistas e notas oficiais a serem enviadas em relatórios ao castra. Aqui e ali, ela descobriu fragmentos de anotações que chamaram sua atenção, rumores que Hollis pegara em todo o bairro sobre um lobo negro e sua matilha senciente, tomada pela sombra. Rumores de uma criança selvagem correndo com feras. Rumores que Hollis coletou com maior fervor e frequência à medida que o registro avançava.

Por fim, Ayleth encontrou o bilhete que procurava. Um local: Vale do Rasse.

Sua boca se curvou em um canto. Agora, ela só precisava de um mapa.



Duas semanas depois, Ayleth caminhou em carne e osso através de memórias de sua infância.

Era estranho para ela o quão familiar essa floresta era, essa floresta que ela havia caminhado tantas vezes em sua paisagem mental sem perceber que era tudo uma memória. Essas encostas cobertas de pinheiros, essas cristas, esses desfiladeiros, esse rio que fluía. Ela cobriu esse terreno uma e outra vez em seus pensamentos.

Quatro dias antes, ela havia deixado Chestibor para trás, pagando a um fazendeiro por seu sustento com um pequeno estoque de moedas que encontrara em Gillanluòc e prometendo voltar para buscá-lo em breve. Ela não queria arriscar seu amado cavalo em um lugar tão acidentado, preferindo fazer a aventura a pé.

Quanto mais fundo ela viajava no vale Rasse, mais leves seus passos se tornavam, mais livremente ela se movia. Seu corpo assumiu um andar e uma postura diferentes, como se simplesmente respirando o ar deste vale e caminhando sob essas árvores, ela voltasse aos padrões de sua infância. Ela teve que resistir conscientemente à estranha tentação de se desfazer de camadas de roupas. Mas ela não era mais uma criança; ela não tinha mais a força e os sentidos de Laranta percorrendo seu corpo. Ela era alta e forte, mas estava limitada por sua própria mortalidade.

Ela caçava para se alimentar, montava acampamento à noite e cozinhava tudo o que pegava, matava e vestia. Ela dormia enrolada em sua capa e cobertores, pois as noites ainda eram amargas.

E sempre, sempre ela ouvia um coro de lobos na escuridão. Mas ela nunca os ouvia.

Por fim, no quarto dia de caminhada, seus pés encontraram um declive mais familiar que o resto. Parecia quase como se ela pudesse... sentir o cheiro da presença longínqua de seus irmãos e irmãs. Seus nomes voltaram aos lábios dela enquanto ela subia: — Dulrudu, Rotoro, Rhadarka, Ilrili e Nenete...

No alto da encosta, em um espaço claro onde apenas três árvores conseguiam se manter tenazmente no solo áspero e nas rochas, ela encontrou uma toca. Era menor do que ela se lembrava. Ela se agachou em sua boca,

perscrutando as sombras lá dentro. Os cheiros ainda estavam lá, tão antigos e tão distantes que seus sentidos mortais quase os faltaram.

Ela se lembrou de ter deitado dentro daquele abrigo enquanto o trovão rolava sobre a montanha. Ela se lembrou de um emaranhado de membros e caudas peludos, de hálito quente e olhos brilhantes. Ela se lembrou de vozes estranhas falando em sua cabeça em uma língua diferente da língua mortal. Uma linguagem sem palavras. Ela tinha quase esquecido.

Ela se virou, sentando-se na boca da cova, e olhou para o vale que se estendia abaixo. O sol estava começando a se pôr no céu do oeste, e logo ela precisaria encontrar um lugar para acampar durante a noite. Por enquanto, ela simplesmente se sentou e olhou, sua mente vazia, seu coração parado.

Então ela abaixou a cabeça e as lágrimas vieram em uma torrente.

— Por que? — ela sussurrou. Ela sentiu o gosto de sal em sua boca, enchendo sua língua com sua picada. — Por que, Laranta? Por que você me deixou? Por que?

Não houve resposta. Como poderia haver? Laranta se fora, se fora, se fora. Perdida para os Assombrados. Sofrendo seu tormento eterno. Enquanto Ayleth estava aqui, inteira de corpo, vazia de espírito. Seu coração estava deformado demais pela dor para ser útil a ela, a qualquer pessoa.

— Eu disse que nunca nos separaríamos. — Ela sussurrou. Então ela jogou a cabeça para trás e gritou para o céu, deixou sua voz soar contra as pedras e cair no vale abaixo. — Por que você não me levou com você? Por que você me deixou para trás?

Sua voz saltou, ecoou, rolou para longe. Em algum lugar à sua esquerda, um pássaro levantou voo, assustado para fora de seu poleiro pelo clamor repentino. Então tudo ficou quieto novamente.

Ayleth abaixou a cabeça. Sua mandíbula doeu quando ela a apertou. Então os soluços romperam seus dentes arreganhados e as lágrimas umedeceram as pedras a seus pés. Ela não chorava desde a primeira noite de sua perda. Essas lágrimas eram diferentes. Aquelas foram lágrimas de negação frenética, quentes e furiosas. Essas... essas eram lágrimas amargas. Dolorosas, cada uma delas, enquanto deslizavam por suas bochechas. Lágrimas de desespero.

Senhora.

Um rosnado no ar, distante como uma tempestade.

Uma memória. Apenas uma memória. Uma das muitas clamando em sua cabeça, aqui neste lugar de memórias.

Senhora.

Balançando a cabeça, Ayleth empurrou o capuz para trás sobre os ombros e agarrou o cabelo curto do couro cabeludo, puxando como se pudesse arrancar aquela voz de sua mente. Mas permaneceu. Suave, distante. Insistente.

Senhora.

— *Laranta.* — Ela ergueu os olhos. E havia uma sombra diante dela na luz do sol poente. Uma sombra que não era sombra. Não podia ser Laranta, porque Laranta sempre foi a escuridão personificada, mas esta era... não escuridão. Não sombra. Nem leve. Brilhante, invisível e presente.

Ayleth estendeu as mãos. Um rosto pairou bem na frente dela, nariz com nariz. Um rosto tão dolorosamente familiar e ainda totalmente desconhecido. Seus sentidos mortais não perceberam nada, ainda... de alguma forma, ela pensou ter sentido um pelo macio sob seus dedos. Ela olhou em olhos que eram ferozes, terríveis, bonitos e cheios de amor. E além daqueles olhos, além da imagem sem forma, havia uma aura quase cega. Uma

canção. Uma grandeza que Ayleth não suportou ver. Ela teve que desviar o olhar ou arriscar tudo.

Então ela olhou para aquele rosto sem sombras diante dela.

Senhora.

Eu amo.

Ayleth piscou...

E ela estava sentada nas pedras fora da boca de uma cova de lobo vazia. O sol se pôs e as estrelas se espalharam acima dela em abundância inumerável. Uma lua crescente deslizou por suas fileiras como um pequeno barco em um vasto oceano negro.

Ayleth balançou a cabeça, levantou-se e olhou em volta. Há quanto tempo ela está sentada aqui? Ela tinha adormecido? Ela tinha sonhado?

Ela olhou para sua mão, que estava cerrada com tanta força que suas unhas cravaram em sua pele. Com esforço, ela forçou os dedos a se desenrolarem. Lá em sua palma estavam fios de pelo brilhante que cintilavam à luz das estrelas e então se dissipavam em nada.

Ela deveria estar cansada. Ou com fome. Ou doente. Ela deveria estar perdendo a cabeça com a tristeza e a solidão. Ou talvez...

O movimento chamou sua atenção.

O instinto percorreu as veias de Ayleth e ela se virou, agachando-se defensivamente, com a mão em busca da adaga. Algo apareceu abaixo, deslizando por um grupo de árvores e saindo das sombras para a luz fraca. A forma era longa, baixa e esguia. Um lobo.

O coração de Ayleth bateu forte, mas não de medo. Ela se levantou devagar, com a mão ainda apoiada no cabo da adaga, mas os dedos relaxaram. Ela esperou.

O lobo deu mais alguns passos para o campo aberto, então parou. Sua cabeça ergueu-se, as orelhas apontadas para a frente.

– *É você?*

A voz apareceu em sua cabeça. Uma voz que ela conhecia, soando em uma linguagem musical sem palavras, uma cadência de rosnado baixo.

Ela engasgou e deu um passo à frente. – Rotoro?

O lobo inclinou a cabeça. Em seguida, ele gemeu baixinho.

Ayleth entrou em ação, tropeçando nas pedras e descendo a encosta, cobrindo rapidamente a distância entre ela e a fera. – Rotoro! – ela gritou novamente. As memórias estavam vivas em sua cabeça, sua irmã loba, a única da matilha que usava um pelo preto como o de sua mãe. A loba ergueu a cabeça mais alto. A luz da lua revelou que seu rosto não era mais preto, mas principalmente branco, e a idade nublava seus olhos dourados. Ela mostrou os dentes, rosnando, mas não de raiva.

Ayleth não hesitou em cair de joelhos diante do enorme animal velho. Ela não hesitou em lançar os braços ao redor daquele pescoço preto desgrenhado. E era tão familiar, algo que ela fizera mil vezes com Laranta, mas sempre em sua mente. Longos anos se passaram desde que ela abraçou um ser físico como este.

– *Irmã.* – Cantou a voz em sua cabeça. – *Minha irmãzinha mortal. Onde está minha outra irmã? Onde está Laranta? Eu ouvi a voz dela aqui nas alturas, e vim caçar por ela, por você. Ela não está com você?*

Ayleth balançou a cabeça, o rosto ainda enterrado naquela juba de pelo. Cheirava a pinho, sangue e lobo. Cheirava a casa. – Laranta se foi. – disse ela.

– *Fale comigo na nossa língua, irmã.* – disse Rotoro. – *Ou você não se lembra como?*

— Já faz tanto tempo. — Sussurrou Ayleth. Ela se afastou e olhou para o rosto de Rotoro, olhou além do lobo, além dos olhos turvos para o espírito da sombra que habitava dentro dele. — Sinto muito, Rotoro. — disse Ayleth. — Me desculpe por ter deixado você. Me desculpe por ter ficado longe por tanto tempo.

— *Tanto tempo?* — Rotoro inclinou sua velha cabeça. Seu corpo cedeu de repente e afundou no chão, sua caixa torácica se expandindo e retraindo com o esforço de sua respiração. — *O que é o tempo, irmãzinha, para espíritos como nós?*

Ayleth franziu a testa, passando a mão pela cabeça de Rotoro, pelo pescoço e pela lateral do corpo. — O tempo pode não importar para o espírito. — disse ela. — Mas nossos corpos são uma questão diferente. O que há de errado com o seu corpo, Rotoro?

— *Está desaparecendo.* — respondeu a sombra do lobo. — *Eu aguentei por anos agora, anos além da extensão natural deste hospedeiro. Eu aguentei na esperança de que você voltasse. Agora que esses olhos viram você, eles não verão mais. Devo deixar este anfitrião ir.*

— Mas e você? — O coração de Ayleth começou a doer de novo, uma sensação familiar demais. Ela acariciou a cabeça do lobo, sua mão tremendo forte. — Eu tenho... Eu acabei de encontrar você. Eu já vou te perder? Como todos os outros?

— *Espero que não, irmãzinha. Espero que não.*

Com essas palavras, o lobo deitou a cabeça na rocha e fechou os olhos. Sua caixa torácica se expandiu novamente com uma última e trabalhosa aspiração de ar. Então, quando ele soltou aquele sopro em um fluxo branco, sua vida se extinguiu e seu espírito se derramou livremente no éter.

— Rotoro! — Ayleth gritou. Então, em seu coração, ela gritou ainda mais alto em uma língua que não era do mundo mortal. — *Rotoro! Não vá! Volte para*

mim, venha habitar dentro de mim. Há espaço para você comigo. Venha, irmã, por favor!

Havia brilho. Sentiu uma dor, uma pontada no olho, breve, mas excruciante. Ayleth gritou, caindo para trás e ficou imóvel como a morte, olhando para as estrelas acima. Elas giravam lentamente em seus padrões de dança, distantes e despreocupadas com as ações do mundo tão distante.

Ayleth fechou os olhos. Ela entrou na floresta de pinheiros de sua mente e ficou lá nas sombras silenciosas com longos cabelos escuros caindo por suas costas nuas. — *Rotoro?* — Ela chamou, sua voz ecoando contra os troncos. — *Rotoro, você está aqui?*

— *Eu estou aqui, irmã.*

Uma forma aglutinou-se diante dela, a ausência de forma sombria se juntando na imagem de um lobo. Não Laranta. Laranta se foi, e a dor de sua perda permaneceria com Ayleth para sempre. Mas ela olhou para esse novo espírito, para essa irmã que ela pensava estar perdida para sempre.

Ela sorriu.

EPÍLOGO

Ao amanhecer do dia seguinte, Ayleth correu pelas montanhas, por entre as árvores, sentindo o poder de uma sombra Feral percorrer seu corpo. Ao lado dela cavalgava a imagem insubstancial, mas totalmente real de um lobo negro, sua boca aberta em um sorriso animal, sua língua pendurada, suas orelhas em pé como se fossem para a caça. Elas correram juntas ao longo das margens do rio, depois entraram nas árvores e escalaram uma encosta íngreme, cada vez mais alto, até que saíram da floresta e alcançaram o ar puro lá em cima.

Ayleth estava em uma pedra com Rotoro ao seu lado. Ela respirou fundo da montanha e da floresta e da selva ao seu redor, e seu coração estava leve, mais leve do que ela acreditou que poderia ser novamente. Seu corpo mortal ofegava com o esforço e seu sangue batia forte em suas têmporas. O suor escorria em filetes por seu cabelo curto. Ela enxugou as gotas da testa antes que pudessem pingar em seus olhos. Então ela piscou, mudando de visão mortal para visão sombria.

— Rotoro... — disse ela. — *O que você vê ao longe lá?*

A sombra do lobo inclinou a cabeça, olhos penetrantes e perscrutadores enquanto ela olhava para o vale. — *Uma sombra.* — Ela disse. — *Uma sombra poderosa, de fato. Uma que eu não vi antes. Você a conhece, irmãzinha?*

Ayleth balançou a cabeça lentamente. Ela olhou através das florestas para o outro lado do vale, admirando o movimento das asas de um grande dragão da luz, a maneira elegante como ele se erguia no ar, arqueava e mergulhava mais uma vez. Uma corda de alma cintilante desceu até as árvores abaixo.

Ela sabia a quem aquela corda estava presa. Ela sabia a quem essa sombra pertencia.

Então, ele veio atrás dela, procurando por ela durante o inverno e a primavera. Talvez ele tenha encontrado o caminho para Gillanluòc, talvez ele tenha encontrado o diário de bordo, que ela havia deixado para trás na mesa da sala da frente, aberto na página em que vale Rasse estava escrito. Ou talvez ele estivesse simplesmente seguindo os instintos de seu coração.

— *Sim.* — disse Ayleth. — *Eu sei quem é.* — Ela olhou para Rotoro e seu coração brilhou de calor. — *Eu tenho alguém que preciso apresentar a você. E então...*

Ela sorriu suavemente e falou em voz alta em sua voz mortal. — E então, é hora de voltarmos para casa.

FIM